

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Rodrigo Maia Theodoro Dos Santos

PROCEDIMENTOS E OPERAÇÕES DE RECONSTRUÇÃO TEXTUAL

DOUTORADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

**SÃO PAULO
2012**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Rodrigo Maia Theodoro Dos Santos

PROCEDIMENTOS E OPERAÇÕES DE RECONSTRUÇÃO TEXTUAL

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTOR em Língua Portuguesa, sob a orientação do Professor Doutor João Hilton Sayeg-Siqueira.

DOUTORADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

**SÃO PAULO
2012**

BANCA EXAMINADORA

DEDICATÓRIA

À minha avó, Yvone Guerra Maia – *in memoriam*.

As palavras jamais saberão expressar
tamanha saudade. Agradeço pelos anos dedicados

à minha criação. Realizo, com essa tese,

o sonho dela em me ver doutor.

Sou professor por você, minha avó.

Em breve, em outro plano, estaremos juntos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, criador onipotente e onipresente, pelo dom da vida e por me proporcionar a oportunidade e o privilégio de vivenciar esse momento.

Ao professor Doutor João Hilton Sayeg-Siqueira, meu orientador e muito mais do que amigo, pela orientação de vida pessoal e acadêmica. Minha admiração completa e absoluta a você João. Sonho em ser um profissional à sua altura.

Ao professor Doutor Jarbas Vargas Nascimento, orientador de meu Mestrado, pela amizade, presença, paciência, comprometimento, conduta, liderança, exemplo, fraternidade e apoio em todos os momentos.

Aos professores Doutores da Banca do Exame de Qualificação, Luiz Antônio Ferreira e Dieli Vessaro Palma, pelas excelentes contribuições e pela grande paciência e compreensão.

À minha mulher, esposa, companheira, amiga e cúmplice Gleici e aos meus filhos João Miguel e Luiz Fernando, os sorrisos que iluminam a minha vida e acalmam minha alma.

À minha mãe, Rosely Fontes Maia, por se portar, sempre, como uma mãe exemplar.

À minha tia Rosemary Nogueira, por exercer influência direta em minha vida profissional e intelectual e por se portar como uma segunda mãe sempre.

À minha família inteira, por fazer parte da minha vida, especialmente ao meu irmão Carlos, um exemplo de vida e de perseverança.

Aos professores brasileiros de todos os níveis de ensino, que buscam sempre o melhor para todos os alunos e à Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo apoio financeiro.

RESUMO

A presente tese tem por tema um estudo de procedimentos de revisão textual, tomados por base, para além dos critérios gramaticais, os fatores de textualidade, em busca de rearticulações operacionais no processo de reconstrução do texto. O objetivo principal do trabalho é identificar, no corpus selecionado, itens que apresentem as possíveis operações metodológicas de revisão. A intenção é desenvolver um diagrama com procedimentos para orientar os profissionais que lidam com o texto. Para discorrer sobre o viés teórico da tese, foi tomada por base a abordagem da Linguística Textual e os critérios de textualidade, apontados como os principais responsáveis pela articulação do texto como uma unidade significativa. Nessa perspectiva, o corpus da tese será constituído por resumos acadêmicos de trabalho de conclusão de curso. A escolha desse gênero se deve ao fato de o resumo se caracterizar como uma forma sucinta de resgate de um texto mais amplo, o que caracteriza um procedimento de retextualização. Dessa forma, a busca pelos procedimentos de reconstrução textual pode ser realizada com mais qualidade e clareza. Não obstante, a tese evidenciou de forma objetiva e exemplificativa a necessidade de o professor ou o revisor considerar itens que estão além dos aspectos gramaticais. A partir dos procedimentos e operações desenvolvidas na tese, foi possível perceber que a adaptação ao gênero e aos fatores de textualidade são fundamentais para chegarmos a uma produção de texto competente.

Palavras-chave: 1. Linguística; 2. Revisão; 3. Texto; 4. Retextualização.

ABSTRACT

The theme for this thesis is a study of textual revision procedures, taken by base beyond the grammatical criteria, factors textuality, seeking rearticulations operating in the reconstruction process of the text. The main objective is to identify, in the corpus selected items that present the possible operations methodological review. The intention is to develop a diagram with procedures to guide professionals dealing with the text. To discuss the theoretical bias of the thesis was based on the approach taken by the Textlinguistics and criteria for textuality, identified as the main responsible for the articulation of the text as a meaningful unity. From this perspective, the corpus of the thesis will consist of summaries of academic completion of course work. The choice of this kind is due to the fact that the summary be characterized as a succinct way of rescuing a broader context, which features a procedure retextualization. Thus, the search for textual reconstruction procedures can be performed with higher quality and clarity. Nevertheless, the thesis showed objectively and exemplifying the need for the teacher or reviewer to consider items that are beyond the grammatical aspects. From the procedures developed in the thesis, it was revealed that adaptation to gender and textuality are key factors to reach a production of relevant text.

Keywords: 1. Linguistics; 2. Review; 3. Text; 4. Retextualization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
1. TEXTO, REVISÃO DE TEXTO E RECONSTRUÇÃO TEXTUAL: O INÍCIO DA REFLEXÃO	20
1.1. Texto: O Tecido Linguístico	21
1.2. A Linguística Textual: um breve histórico da linguística de frase à virada pragmática e às teorias de texto	27
<i>1.2.1. A virada pragmática.....</i>	<i>29</i>
1.3. A textualidade presente em outros autores	35
1.4. Linguística textual: pressupostos teóricos	36
1.5. Operacionalização pragmática no texto: os fatores de textualidade	38
<i>1.5.1. Os fatores de textualidade</i>	<i>38</i>
<i>1.5.2. Os fatores pragmáticos de textualidade</i>	<i>39</i>
<i>1.5.3. Intencionalidade</i>	<i>42</i>
<i>1.5.4. Aceitabilidade</i>	<i>42</i>
<i>1.5.5. Situacionalidade</i>	<i>43</i>
<i>1.5.6. Intertextualidade</i>	<i>45</i>
<i>1.5.7. Informatividade</i>	<i>46</i>
<i>1.5.7.1. Informatividade e o senso comum</i>	<i>47</i>
<i>1.5.7.2. Como fugir do senso comum?.....</i>	<i>49</i>
1.6. Coesão e coerência textuais	49
<i>1.6.1. Coerência</i>	<i>49</i>
<i>1.6.2. Coesão</i>	<i>50</i>
1.7. Coesão e coerência na textualidade	51
1.8. Outros fatores pragmáticos do texto	53
<i>1.8.1. Enunciação</i>	<i>53</i>
<i>1.8.2. Argumentatividade</i>	<i>54</i>
<i>1.8.3. Operadores e conectores argumentativos</i>	<i>54</i>
1.9. Metarregras de coerência	55
1.10. O processo de retextualização	59

CAPÍTULO II

2. O TEXTO EM SUA TESSITURA GLOBAL: ANÁLISE DA TEXTUALIDADE NO PROCESSO DE REVISÃO TEXTUAL DE RESUMOS DE TCC	60
2.1. A revisão textual	61
2.2. As operações de Revisão Textual	62
2.3. O resumo de monografias de conclusão de curso de graduação	65
2.3.1. <i>Características de um resumo</i>	65
2.3.2. <i>Os possíveis gêneros de resumo (DESENVOLVER O TEXTO).....</i>	67
2.3.3. <i>Características do resumo de monografia de conclusão de curso</i>	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS	128
ANEXOS	131

INTRODUÇÃO

Um texto não deve, de forma alguma, ser visto como uma unidade gramatical, mas como uma unidade de outra espécie: uma unidade semântica. Sua unidade é uma unidade de sentido em contexto, uma textura que exprime o fato de que, ao formar um todo, ele está ligado ao meio no qual encontra-se situado. (K.HALLIDAY e R. HASAN, 1976, p.293)

Após algumas décadas, o conceito de texto exposto na epígrafe acima ainda é discutido entre os linguistas, mas, inexplicavelmente, pouco aplicado na prática de ensino de produção textual. Como docente do ensino superior há 8 anos, deparei-me com algumas situações “textuais” que merecem destaque para iniciar os trabalhos de pesquisa da tese.

A presente pesquisa tem por tema um estudo de procedimentos de revisão textual e de retextualização, tomados por base, para além dos critérios gramaticais, os fatores de textualidade e pragmaticidade, em busca de rearticulações operacionais de reconstrução do texto.

Para colocar em prática essas operações, escolhi como corpus de análise da pesquisa, os resumos de monografias de conclusão de curso. Esse gênero textual vai nos permitir identificar questões relacionadas aos aspectos pragmáticos das produções dos textos e, posteriormente, analisar as estratégias utilizadas no processo de retextualização.

Os objetivos principais são identificar os procedimentos de reconstrução textual que possam ir além do critério gramatical e, posteriormente, analisar quais são as operações necessárias para se reconstruir um texto levando em conta um viés pragmático.

Com isso, a presente tese parte do pressuposto de que um texto somente é um texto à medida que forma uma unidade significativa dentro de um determinado contexto. Não adianta simplesmente apontar equívocos ortográficos e gramaticais no momento de fazer uma correção. Também não é possível falar de coerência e coesão, como está em voga na linguística, uma vez que não se enumera critérios que possam auxiliar o produtor de um texto no processo de reconstrução.

Portanto, apoio-me na argumentação de que apenas posso reconstruir um texto levando em conta aspectos além dos gramaticais, à medida que consigo elencar e operacionalizar quais procedimentos são necessários para realizar este trabalho.

O processo que aqui chamarei de reconstrução textual está diretamente relacionado com o que o professor Luiz Antônio Marchuschi denominou retextualização. Segundo Marchuschi (2007), retextualização é a passagem ou a transformação de uma forma textual

para outra. No trabalho por ele desenvolvido, o processo de retextualização é estudado a partir da passagem da modalidade oral para a modalidade escrita.

Contudo, segundo Marchuschi, considerando as combinações que podem existir, temos as seguintes quatro possibilidades de retextualização: a primeira é a da fala (entrevista oral) para a escrita (entrevista impressa); a segunda é a da fala (conferência) para a fala (tradução simultânea); a terceira é a da escrita (texto escrito) para a fala (exposição oral); e a quarta é a da escrita (texto escrito) para a escrita (resumo escrito).

O professor Marchuschi (2007, p.49) deixa claro que vai estudar apenas a primeira possibilidade: “Neste estudo, serão investigadas apenas as operações mais importantes presentes nos processos de retextualização sugeridos pela alternativa (1).” Da mesma forma, afirmo que vou trabalhar a alternativa (4), que diz respeito à passagem da escrita (texto escrito) para a escrita (resumo escrito). Além disso, vou chamar a referida alternativa (4) como processo de reconstrução textual. Este, por sua vez, é originado do conceito de retextualização, proposto pelo professor Luiz Antônio Marchuschi (2007).

Como foi dito no primeiro parágrafo da introdução, em minha experiência docente, deparei-me com “situações textuais” que merecem destaque. Aliás, foi exatamente uma dessas situações que motivou toda a reflexão em torno da temática que versa a tese.

Separei uma situação de um aluno que neste trabalho será chamado de Alex. Em 2009, ele tinha 38, era estudante do curso de Pedagogia de uma faculdade particular, em São Paulo. Alex terminou o ensino fundamental e médio por meio de um supletivo concluído em 2003. Ele era um aluno com um vocabulário extremamente restrito e uma eloquência sobremaneira deficiente dentro de uma realidade universitária.

Não obstante, é importante salientar a grande subjetividade que esse conceito de “realidade universitária” possui. Sendo assim, fico preso à questão subjetiva sobre qual o nível de intelectualidade e conhecimento prévio se espera de um aluno para ele ser considerado um *estudante modelo* dentro de uma perspectiva universitária. Nesta pesquisa, não abordarei essa questão, visto que o objetivo será identificar marcas textuais que apontem caminhos para analisar a abordagem pragmática como facilitadora do processo de correção textual.

Alex, no dia 20 de Maio de 2009, redigiu um texto motivado por perguntas interpretativas em uma prova oficial. As questões feitas ao aluno estavam relacionadas à leitura do livro *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva, que serviu de base para uma série de atividades desenvolvidas no semestre letivo. Para exemplificar os motivos que me levaram a pensar nessa pesquisa, segue a primeira pergunta feita ao aluno:

O que significa, a partir dos fatos narrados pelo autor, o título “Feliz Ano Velho”? (A resposta está escrita exatamente como o aluno redigiu em sua prova)

ALEX: De acordo com (Marcelo Rubens Paiva) ao descrever a sua paralisia no seu corpo vem ao alembra de seu pai Paiva seus colegas que atemesmo todos os anos escrevia cartas e saudade da terra (Brasil ele sentia o ardor nos seus nervos o cheiro da terra Brasil como era satisfatorio ler algumas letras escritas por brasileiros irmãos de uma so mãe esta cartas que tinha temas letras escritas que contra as nomas da ditadura do governo esposta era morto corpo sumido atemesmo asilado) esta e a noma do Plano padrão esposto ao povo pelo governo.

Assim que terminei de ler essa questão, parei imediatamente a correção e refleti sobre os critérios de correção que poderiam ser adotados. O que corrigir? Como corrigir? Se eu levar em conta apenas os aspectos gramaticais, além de a correção ficar extremamente complicada, o texto tornar-se-á coerente e coeso? Ajustar o texto do Alex aos padrões cultos da Língua Portuguesa, resolveria o problema textual desse aluno?

É evidente que o aluno Alex não consegue estabelecer uma articulação entre os períodos que escreve. Entretanto, após ler as respostas, entendi que o aluno leu o livro realmente, pois, em suas “palavras teoricamente desconectadas”, ele dá pistas que evidenciam a leitura do livro. Alex cita, por meio de escolhas lexicais, alguns pontos-chave do desenvolvimento da narrativa, como por exemplo:

- *(Marcelo Rubens Paiva) ao descrever a sua paralisia no seu corpo.*
- *As nomas da ditadura do governo esposta era morto corpo sumido atemesmo asilado.*
- *Enquanto esta se recuperando do acidente resolve descreve a vida de seu pai comparando com a recuperação sua mesmo sem apresenca de seu pai.*

De qualquer forma, percebo no aluno problemas de compreensão, visto que ele não responde à pergunta solicitada. A pergunta é dirigida ao título do texto, e Alex, em nenhum momento, fez menção a isso. Ele sequer cita o título em sua produção escrita, mas está construindo sentido a partir de fatos que ficaram marcados para ele na narrativa, como a questão do pai e da mãe de Marcelo Rubens Paiva; a ditadura militar e os presos políticos; o pai do personagem.

Por outro lado, não posso esquecer dos sérios desvios gramaticais e ortográficos que Alex cometeu. Estes também atrapalham o entendimento da construção textual e discursiva do aluno. A dúvida continuava. O que fazer para corrigir esse texto? Pensei em deixar algumas indagações com o intuito de refletir sobre a leitura do texto do aluno Alex.

Se a Textualidade, entendida pelo viés pragmático, privilegia os aspectos contextuais, como por exemplo o contexto psicológico, em que se abordam as categorias mentais e psicológicas presentes na teoria pragmática da língua e a atividade mental que se realiza em procedimentos de produção e compreensão de processos linguísticos determinados gramaticalmente, como corrigir de forma global e eficaz o texto produzido por Alex?

Ora, se além disso a abordagem pragmática tem um cunho heurístico, no qual a competência comunicativa é considerada uma competência de compreensão, e compreender uma sequência discursiva será compreender o conceito de língua como prática sócio-cognitiva-interacional como posso dizer ao aluno Alex que sua produção textual está completamente equivocada? A partir desses questionamentos, surgiu a pesquisa da presente tese.

Para atingir os objetivos da comunicação escrita, o produtor do texto precisa pensar em um leitor competente e crítico, inserido em um determinado contexto linguístico e situacional. A partir do texto pronto, o leitor inicia a leitura e a questão do entendimento pode “esbarrar” em alguns problemas. Estes, normalmente designados erros, podem ser gramaticais ou, como está em voga na atualidade, de coesão e coerência. Porém, não existe uma sistematização desses desvios. O critério gramatical acaba por determinar a qualidade de um texto, e isso pode, muitas vezes, levar o “corretor/revisor” a incorrer em falsas análises.

A considerar que a revisão se constitui, de fato, numa atividade de retextualização, operações de diferentes instâncias concorrem para a realização desse exercício, quais sejam: gramatical, textual, discursiva e pragmática; operando de forma exclusiva e inclusiva, num esquema de integração fractal em que as unidades menos complexas se projetam nas mais complexas e vice-versa, sem que se possa perder de vista o todo.

Em diversas culturas, a língua, reconhecida como um fenômeno inerente ao ser humano, torna-se objeto de discussões e reflexões. A preocupação com o falar e o escrever bem é muito antiga. O domínio da forma culta de um idioma assevera ao usuário uma posição diferenciada na sociedade. Com isso, mães, desde o momento em que os filhos começam a pronunciar as primeiras letras, ajudam-nos a nomear objetos e, a partir das primeiras construções, corrigem qualquer tipo de erro ou desvio, fonético ou estrutural, apontando quais as melhores formas de se usar o idioma. Nessa perspectiva, a língua nos é apresentada, primeiramente, como um modelo de correção de nosso discurso. Por conseguinte, sem ao menos perceber, é iniciado o conceito de erro linguístico.

Por meio dessas considerações, é importante salientar, retornando às origens dos estudos sobre a linguagem, que a preocupação com a norma e o “bom uso” das línguas foi o

principal motivo que levou os linguistas a descrevê-las, pois, assim, selecionavam uma modalidade em detrimento de outras, consideradas vulgares e, por vezes, até incorretas.

A gramática do Sânscrito, elaborada por Panini, identificada como o primeiro manual de especificidades e descrição de que se tem notícia, foi desenvolvida para assegurar a conservação dos textos sagrados escritos no século VI a. C e as pronúncias exatas da época. Na Grécia e em Roma, desde a Idade Média e da Renascença, a questão de uma padronização linguística tem merecido muita atenção. Portanto, não causa estranhamento, na sociedade ocidental, o duplo papel atribuído à gramática: dizer o que é a língua e, concomitantemente, como deve ser a língua. Assim, a gramática não teve como objetivo principal alterar conceitos religiosos ou mesmo separar bons e maus textos. (KRISTEVA, 1990).

Com esse histórico, muitos docentes continuam “corrigindo e revisando” os textos de seus alunos levando em consideração, essencialmente, os aspectos ortográficos e gramaticais. Isso ocorre, muitas vezes, por falta de procedimentos metodológicos de retextualização que levem em conta a textualidade e a pragmaticidade do texto. Fala-se muito em coerência e coesão, todavia não há uma sistematização que dê conta desses critérios textuais.

A produção textual escrita é a atualização da língua por meio de um código, linear e sequencial em sua manifestação, institucionalizadamente estabelecido e aprendido. Por assim ser, foi socialmente padronizado em uma dimensão prescritiva que estabelece regras para sua correta utilização, o que possibilita distinguir a língua exemplar da língua comum (BECHARA, 2001).

Por sua vez, a prática pedagógica, por tradição, tem se baseado, quase unicamente, na prescrição gramatical para elaborar considerações, delimitadas a critérios de certo e errado, sobre a produção de textos em sala de aula (THEREZO, 1999). Essa postura acaba pautando os procedimentos adotados pelos alunos no momento do exercício da redação, investido, por isso, da visão de que a característica básica para a expansão do texto está em contemplar peculiaridades ortográficas, morfológicas, sintáticas; e não em aplicar fatores de textualidade.

De acordo com a tradição escolar, em busca de uma superação da forma restrita como o texto é tratado, introduziram-se etapas diferentes para o processo de produção: o texto em rascunho e o texto passado a limpo; mas sem, especificamente, elaborar orientações que indiquem os critérios a serem seguidos de um estágio a outro. Em decorrência, o texto não se altera em essência, apenas nos ajustes gramaticais. Os fatores relacionados ao conteúdo e aos itens pragmáticos não são observados.

Assim acontece também na prática da revisão e correção, cujo intento fica restrito a sanar possíveis “erros” que podem comprometer a qualidade, não do texto em si, mas do bom

uso do padrão culto exigido pela língua exemplar. (LUCKESI, 2005) Disso decorre uma mecanização no ato de redigir em relação a sua forma de interlocução escrita, pois se ter como único parâmetro critérios de gramaticalidade para proceder à revisão, afasta um dos princípios elementares, que é a pragmática, em sua dimensão contextual e interativa, por meio da qual é possível processar as operações de retextualização e de refazimento do texto.

Convém destacar que essas operações são aplicadas por um sujeito retextualizador e não pelo sujeito autor do texto. A atividade de revisão exige cuidados que vão além das notações gramaticais, uma vez que existe um discurso elaborado, linguisticamente tecido por meandros que enfocam uma especificidade lexical, um determinado gênero, uma expansão semântica e unidades de diferentes graus de complexidade, produtoras de efeitos de sentido.

Atualmente, os estudos linguísticos, embasados em diferentes vertentes, postulam que a linguagem é um procedimento de argumentação muito importante, que qualifica e desqualifica o falante por meio da forma que este utiliza a língua. Sendo assim, diversos manuais que oferecem a cultura e as regras do idioma são publicados tomando como base as regras ortográficas e gramaticais e os aspectos normativos da língua, não se preocupam, pois, com outras questões que podem envolver a produção de um texto, como os fatores de textualidade (BEUAGRANDE e DRESSLER, 1991).

Na verdade, os referidos manuais exercem uma contribuição que deveria ser relativizada, pois uma produção textual implica em outras variáveis, além da gramatical, que ultrapassam os domínios normativos e prescritivos baseados no ensino formal do idioma. Convém, por isso, postular que um texto gramaticalmente correto não está, necessariamente, bem redigido. Por outro lado, a correção gramatical é um dos requisitos básicos de um texto, mas não aquele que se basta por si só.

Um texto será definido com um ato comunicativo quando apresentar os fatores pragmáticos de textualidade. Se algum desses fatores não for considerado satisfatório, o texto não cumprirá seu papel de interlocução entre emissor e receptor. (BEUAGRANDE e DRESSLER, 1983).

Com efeito, é preciso lembrar o que alguns manuais de redação apresentam como fórmula para a redação de um bom texto. Cito dois exemplos de jornais muito conhecidos e que gozam de credibilidade perante a sociedade, que pretendem atender às necessidades de todos que lidam com o texto, quais sejam: Manual de Redação da Folha de São Paulo e o Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo. Na esfera jornalística, os dois se apresentam entre os mais consultados.

No *Manual da Folha de São Paulo*, identifico, no capítulo “procedimentos”, no item “objetividade”, que não existe objetividade em jornalismo, visto que, ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções. No entanto, ao longo do e do manual, as orientações são colocadas no imperativo, ditando as regras lexicais e gramaticais que devem ser seguidas no estilo pretendido pelo próprio jornal (MANUAL DA REDAÇÃO, 2006).

O *Manual de Redação e Estilo do jornal O Estado de São Paulo* adota um procedimento similar. Pelo próprio título da publicação, tenho a ideia de que a questão do estilo será abordada, e o redator, com sua subjetividade, será ouvido. Entretanto, a ideia de “estilo” refere-se ao estilo que o jornal quer do redator, por meio de regras e normas lexicais e gramaticais, no intuito de adequar-se ao que o jornal pensa sobre padronização. Prova disso é o capítulo “normas internas e estilo”, em que são passadas quarenta e nove instruções, no imperativo, sobre estrutura textual, escolhas lexicais e itens gramaticais (MARTINS FILHO, 1997).

Constato que os manuais de redação acima descritos não colocam em discussão, em nenhum momento, questões fundamentais de textualidade, como a coerência e a coesão, por exemplo. Vale lembrar que não existe, também, qualquer tentativa de sistematização para estas.

Outro exemplo a ser identificado para justificar a pesquisa é o que envolve os livros e manuais de revisão especificamente. Ao longo dos últimos trinta anos, menos de dez títulos foram publicados sobre o tema. A revisão textual exige minúcia e muito mais do que conhecimento sólido da Língua Portuguesa, pois o revisor emprega uma técnica que exige disciplina, critérios de padronização, muito cuidado e atenção (MALTA, 2000).

Contudo, na obra publicada por Luiz Roberto Malta, *Manual do Revisor*, são utilizados apenas exemplos meramente estruturais e gramaticais, em que o trabalho do revisor restringe-se em adaptar o texto às normas cultas da língua.

Outro manual de revisão, *Revisão de Português para Concursos e Aperfeiçoamento Profissional*, de José Maria da Costa, limita-se a conceitos estruturais e gramaticais. Sem a correção do idioma, profissionais perdem muitos graus da efetiva transmissão da mensagem pensada, ante a imprecisão na apreensão da ideia (COSTA, 2005).

Faz-se necessário reforçar que a intenção desta pesquisa não se limita a criticar os referidos manuais de redação e revisão, nem ao menos apresentar alguma receita exata e única para a prática de produção textual a partir dos fatores de textualidade. O trabalho pretende

avançar no que concerne à articulação e à operação de critérios de revisão e retextualização, apresentando, além de critérios gramaticais, os fatores de textualidade, baseados em uma análise pragmática do texto. Não há a intenção de excluir os critérios gramaticais do processo de produção, apenas tenciono atribuir uma relação fractal entre a textualidade, por meio dos fatores propostos por Beaugrande e Dressler, com os critérios de padronização culta da língua.

Nosso foco é a produção textual, que, por sua vez, materializa a modalidade escrita da língua. Assim, entendo a necessidade de articular, sem privilegiar, diversos fatores que influenciam o produtor antes, durante e após a produção do texto. A proposta é traçar uma relação entre o texto, a gramática, os fatores de textualidade e a visão pragmática do discurso.

Atualmente, a sociedade exerce, pela gramática, uma autoridade incomensurável no produtor, ditando as regras e identificando os falantes cultos da língua. Isso gera uma hierarquização linguística com a chancela: este sabe escrever um texto; o outro não.

Para aprofundar mais essa questão, seguem três conceitos sobremaneira relevantes para a pesquisa. O primeiro diz que a gramática normativa é concebida como um manual com regras de bom uso da língua a serem seguidas por aqueles que querem se expressar adequadamente (TRAVAGLIA, 2002). O segundo postula que a gramática normativa é uma disciplina por excelência, que tem por finalidade codificar o uso idiomático, dele induzido, por classificação e sistematização às normas que representam o ideal da expressão correta (ROCHA LIMA, 2006). O terceiro assevera que a gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dicionaristas esclarecidos (BECHARA, 2001).

Verifica-se, com os três conceitos, que a gramática normativa dita o que está certo e o que está errado e nos guia, supostamente, para o bem-falar e o bem-escrever. Por isso, quando alguém produz um texto, a gramática aparece como a via de acesso ao pleno conhecimento da língua e, portanto, torna-se a fórmula quase que única para se escrever um excelente texto.

Na relação entre norma e uso, partirei do princípio de que são os usos que fundam a língua e não o contrário. Defendo a tese de que falar ou escrever bem não é ser capaz de adaptar-se às regras unicamente, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação. É a intenção comunicativa que funda o uso; e não a morfologia ou a gramática (MARCUSCHI, 2007). Rompe-se a dicotomia entre oralidade e letramento, pois surge a ideia de analisar a retextualização na passagem da fala para a escrita.

Impõe-nos refletir, então, sobre o conceito de texto e sua diferenciação quanto ao conceito de discurso por meio da Linguística Textual – ramo que subsidiará a pesquisa. Será necessário que o texto seja entendido como a manifestação linguística do discurso, ou seja, o produto escrito ou falado do processo de produção textual; e discurso como uma instância que engloba a manifestação linguística em si – o texto – com todos os fatores que o circundam e o completam (FAIRCLOUGH, 2001).

A partir dessa visão, constato a impossibilidade de articular um processo de refazimento do texto voltado apenas para a visão gramatical, pois percebo que a produção textual apresenta fatores que a estrutura e o sistema não podem subsidiar.

Porquanto, há a necessidade de operar com três dimensões textuais para identificar metodologias no processo de revisão e retextualização: (i) a sintaxe, em que se verificam os processos e tópicos gramaticais no texto, bem como a adaptação deste às normas e aos padrões cultos da Língua Portuguesa; (ii) a semântica, em que se analisa o viés da lógica e da significação; e a (iii) pragmática, em que se consideram as questões externas ao texto, todo contexto e toda relação que não esteja subjacente à superfície textual.

Porquanto incluo, ainda, outra questão fundamental para analisar a relação entre o texto, a gramática, os fatores de textualidade e a pragmática no processo de revisão: o estilo. Um indivíduo que com corpo, voz e caráter, é a construção do próprio discurso, o estilo é o próprio homem. Assim, o estilo é um conjunto de características da expressão e do conteúdo que criam um *ethos* que, por sua vez, é um modo próprio do homem de presença no mundo. (DISCINI, 2004).

Ao analisar uma produção e uma revisão textual, baseados nos fatores de textualidade, por exemplo, abrimos espaço para a constituição de um sujeito, o homem, que marca sua presença de forma subjetiva e individual. A integração da questão que envolve o estilo torna-se fundamental, também, para uma análise pragmática do discurso.

Por fim, ressalto a variabilidade linguística presente em toda e qualquer produção textual. O homem faz e determina seu discurso embasado em um conjunto de fatores que ultrapassam os limites impostos por regras de padronização da língua.

Uma análise textual com vista ao refazimento do texto engloba tanto aspectos gramaticais quanto práticas sociais e discursivas que auxiliam no entendimento das condições de produção textual, considerando-se, em tal processo, critérios de revisão e retextualização.

A questão principal de nossa tese é: como intervir em um texto de terceiro, fazendo-lhe uma revisão por meio de operações, além das gramaticais, implicadas num processo de retextualização e de ajuste pragmático?

Os objetivos da tese estão assim delineados: (i) Identificar, no corpus selecionado, itens que nos apresentem os procedimentos metodológicos de revisão textual que possam subsidiar a busca de rearticulações operacionais do processo de reconstrução textual (ii) fazer uma proposta de operações de reconstrução textual que auxiliem a revisão de texto, por meio da textualidade.

Para dar conta dos objetivos estabelecidos, a pesquisa vai se apoiar em alguns resumos de trabalhos científicos de alunos que estão em fase final de graduação. A escolha se deve ao fato de que essas produções precisam seguir determinadas normas e padrões linguísticos bem-estabelecidos, desde questões gramaticais, até questões de textualidade e estilo. Com isso, a tese poderá elencar possíveis problemas de redação e, em seguida, apontar para algumas alternativas de sistematização no momento de correção e revisão textual.

A proposta da tese é refletir sobre o processo de retextualização por meio de teoria linguística e práticas de correção e revisão. Portanto, os capítulos a seguir abordarão teoria e prática paralelamente, sem uma divisão estrutural estabelecida formalmente.

CAPÍTULO I

TEXTO, REVISÃO DE TEXTO E RECONSTRUÇÃO TEXTUAL: O INÍCIO DA REFLEXÃO

Com o intuito de estabelecer desde o início um diálogo com o leitor, a tese inicia-se, em seu escopo teórico, com a abordagem dos conceitos de texto. À medida que a revisão textual e o refazimento do texto serão abordados como tema principal do trabalho, à luz das teorias da Linguística Textual, os conceitos e as definições de texto tornam-se fundamentais para o entendimento global da tese.

Em seguida, vou trabalhar o conceito de discurso para entender como o processo de comunicação na modalidade escrita se apresenta de uma forma mais abrangente do que a pontualidade linguística do texto.

Ainda nessa perspectiva, sigo com o histórico e os pressupostos teóricos da Linguística Textual. Nesse momento, alguns aspectos da prática de reconstrução textual começarão a ser analisados, tendo em vista que a linha teórica da pesquisa precisa ter uma aplicação prática.

Não obstante, na sequência desse capítulo teórico, vou identificar mais especificamente os processos de retextualização. A ideia é, a partir de então, iniciar o modelo de análise por meio da organização de procedimentos de reconstrução do texto.

No final do presente capítulo, chego aos fatores de textualidade de Baugrande e Dressler e nas metarregras de coerência de Michel Charolles. O foco é entender o processo de comunicação escrita de uma forma global, levando em conta toda a pragmaticidade contida em uma produção textual, pois o texto, nesta tese, não será visto como uma mera sequência aleatória de frases, mas, sim, como um processo linguístico que envolve fatores que vão muito além do que pode ser lido nas folhas de papel ou nas telas de um computador.

1.1. Texto: O Tecido Linguístico

O vocábulo texto é de origem latina e proveniente de *textere*, verbo latino que também gerou em Língua Portuguesa o substantivo tecido. Texto e tecido, portanto, possuem a mesma origem no que diz respeito a seu radical – estrutura vocabular que dá o significado à palavra.

Segundo o Dicionário Aulete (2009), tecido é um produto têxtil feito de fios cruzados artesanal ou industrialmente; é uma trama feita com um conjunto de fios entrelaçados. Se colocarmos em um microscópio qualquer tecido que usamos em nosso cotidiano, como jeans, algodão, lã, poliéster, etc, poderemos ver fios entrelaçados horizontal e verticalmente. Estes, juntos, formam uma trama em que todos os fios, direta ou indiretamente, estão relacionados. Por essa razão, quando pegamos em nossas mãos uma peça de roupa, vemos um todo e não

pequenos conjuntos de fios separados. Compramos um camisa, uma calça, uma blusa e não um emaranhado de fios soltos.

Se traçarmos um paralelo entre os vocábulos tecido e texto, que possuem a mesma raiz semântica, é coerente entender que o texto também é um conjunto de “fios” entrelaçados entre si que, direta ou indiretamente, formam um todo, isto é, uma trama. Todavia, em nosso trabalho, estamos falando de uma “trama” linguística; e não de lã ou algodão.

Enxergar o texto em um sentido global, como uma imensa (inter) relação de fios linguísticos é ter um conceito mais amplo de produção textual. Quebra-se a ideia de que o usuário faz uma frase, uma oração, um período, um parágrafo e, em seguida, por consequência natural, um texto.

Texto não é, necessariamente, um conjunto de parágrafos previamente estruturados e logicamente definidos. A produção de um texto requer algo a mais do que uma previsível expansão sintática e morfológica.

Eu poderia escrever: *A menina é bonita. A mãe gosta dela muito. Ouve música sempre com seu MP4. Pessoas muito também. Tudo parece um motivo para pensar na vida.* Esse conjunto de frases e orações formam um texto? Há controvérsias teóricas.

Segundo (FÁVERO e KOCH, 1983), o texto, em sentido amplo, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (música, filme, poema etc.) e, quanto à linguagem verbal, concerne à atividade comunicativa de um sujeito, numa situação dada, englobando conjunto de enunciados produzidos pelo locutor e o evento de sua enunciação.

De acordo com (FÁVERO, 2006), o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo independente de sua extensão. É um processo contínuo comunicativo contextual caracterizado pelos princípios de textualidade, que são a contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade e intertextualidade.

O conceito de texto varia muito de acordo com os focos de tratamentos teóricos e, também, em concordância com as concepções de língua e de sujeito. Na concepção de língua como representação do pensamento e de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o texto é visto como um produto lógico do pensamento (representação mental) do autor, nada mais cabendo ao leitor/ouvinte senão captar essa representação mental, juntamente com as intenções psicológicas do produtor, exercendo, pois, um papel essencialmente passivo (KOCH, 2002).

Se conceituarmos a língua como código, isto é, como mero instrumento de comunicação e do sujeito como pré-determinado pelo sistema, Koch (2003) afirma que o texto é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código, já que o texto, uma vez codificado, é totalmente explícito. Nessa concepção, o papel do decodificador é essencialmente passivo.

Na perspectiva interacional da língua, na qual os sujeitos são vistos como autores e construtores sociais, o texto deixa de ser visto como produto acabado e passa a ser visto como processo, isto é, passa a ser considerado como elemento constitutivo de uma atividade complexa, como realização de intenções comunicativas e sociais do falante.

Para Koch (2003), o texto passa a ser considerado como o próprio lugar da interação e os interlocutores como sujeitos ativos que, dialogicamente, nele se constroem e são construídos. Dessa forma, há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação.

Ao explicar a relação entre texto oral e escrito, Halliday (*apud* KOCH 2003) considera o texto oral ou escrito como manifestação concreta do discurso, uma unidade de análise inserida numa perspectiva sociosemiótica, na qual os significados são entendidos e criados a partir de escolhas de unidades discretas significativas, que são estruturalmente organizadas, disponíveis no sistema linguístico e motivadas socialmente.

Marcuschi (2003) também fala da relação entre texto oral e escrito na formação discursiva. Para ele, a oralidade e a escrita são práticas sociais e possuem características próprias, mas não “tão” opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos distintos.

Se pensarmos em práticas sociais, é importante citar a questão da textualidade que, segundo Beaugrande e Dressler (1983), é o que faz com que um texto seja um texto e não uma mera colocação aleatória de frases soltas. Beaugrande complementa e afirma que a textualidade é não só a qualidade essencial a todos os textos, mas também é uma realização humana sempre que um texto é ‘textualizado’, isto é, sempre que um ‘artefato’ de marcas sonoras e escritas é produzido ou que recebe o nome de texto. Para o autor, o ato de textualizar ocorre tão rápido e é tão habitual que nós não acreditamos que estamos realizando algo.

Portanto, entendemos que o texto, em sua modalidade escrita, perpassa pelos fatores de textualidade propostos por Baugrande e Dressler (1983) e, assim sendo, será entendido

como o material linguístico do discurso. Ainda no presente capítulo, vamos nos aprofundar mais nos conceitos de textualidade, propostos por esses autores.

Dentro da perspectiva dos conceitos de texto elencados até aqui, faz-se necessário verificar considerações sobre o discurso, que se apresenta como uma atividade comunicativa de um locutor, numa situação de comunicação determinada, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzidos em tal situação – ou os seus e os de seu interlocutor, no caso do diálogo – como também o evento de sua enunciação.

Segundo Koch (2002), o discurso manifesta-se linguisticamente por meio de textos – em sentido estrito – que consistem em qualquer passagem oral ou escrita, capaz de formar um todo significativo, independente de sua extensão.

Dentro dessa visão de discurso, apontamos a conceitualização de Guimarães (1987) para texto escrito como um tipo específico de discurso, cuja diferenciação em relação ao diálogo pode ser estabelecida a partir da “relação factual” que se estabelece entre locutor e destinatário.

Para ele, no texto escrito, alguém se fixa como locutor, fixando o(s) outro(s) como destinatário(s), sem a possibilidade de uma troca, pelo menos imediata, de papéis entre ambos. Já no texto oral, por sua vez, como o destinatário é o “locutor de daqui a pouco”, há uma constante troca de papéis entre as pessoas envolvidas no evento, o que possibilita a cada momento, tais reajustes.

O discurso aqui será conceituado como atividade comunicativa de um locutor, numa situação de comunicação determinada, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzidos em tal situação – ou os seus e os de seu interlocutor, no caso do diálogo – como também o evento de sua enunciação.

Ao longo do desenvolvimento da linguística textual, podemos observar que as concepções de língua, texto e discurso também se modificaram e acompanharam a história dessa ciência. Verificou-se que, desde seu aparecimento até hoje, a Linguística Textual percorreu um longo caminho e vem ampliando e modificando a cada passo seu espectro de preocupações.

De uma disciplina de inclinação primeiramente gramatical (análise transfrástica, gramáticas textuais), depois pragmático discursiva, ela transformou-se em disciplina com forte tendência cognitivista, isto é, as questões que ela se coloca, no final do século XX, são as relacionadas com o processamento sociocognitivo de textos escritos e falados. (KOCH, 2003. p.153)

Dessa maneira, os caminhos da linguística textual não poderiam ser trilhados sem se considerar as concepções acima descritas, bem como suas transformações ao longo das diversas teorias. Portanto, nosso propósito, agora, é o de revermos os momentos percorridos ao longo do desenvolvimento da linguística de texto atrelando-os às variadas concepções que surgiram para definir língua, texto e discurso.

Como ponto de partida para as reflexões que serão feitas, acerca do conceito de língua, texto e discurso, devemos considerar também a questão do sujeito da linguagem que varia de acordo com a concepção de língua que se adote.

De acordo com Koch (2003), há três conceitos de língua a saber:

- a) Língua como representação do pensamento, que está atrelada ao sujeito psicológico, individual, dono de suas vontades e ações;
- b) Língua como estrutura, que está atrelada ao sujeito determinado, assujeitado pelo sistema, caracterizado por uma espécie de “não consciência”;
- c) Língua como lugar de interação, que corresponde ao sujeito psicossocial, sublinhando-se o caráter ativo dos sujeitos na produção do social e da interação.

Tal concepção defende a posição de que os sujeitos (re) produzem o social na medida em que participam ativamente da definição da situação na qual se acham engajados, e que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderia existir.

Passemos agora ao conceito de texto utilizado em cada momento da ciência em questão.

De acordo com Bentes (2004), podemos afirmar que na fase que engloba os períodos da análise transfrástica e da elaboração de gramáticas textuais, acreditava-se que as propriedades que definiam um texto eram expressas na forma de organização do material linguístico.

Então, em concordância com Koch, os conceitos de textos variavam entre:

- a) Unidade linguística (do sistema) superior à frase;
- b) Complexo de proposições semânticas;
- c) Texto como estrutura acabada e pronta;
- d) Texto como produto de uma competência linguística social e idealizada.

Na fase em que os teóricos começam a observar o fato de que o texto não existe fora de sua produção ou de sua recepção e, passam a considerar as condições em que os textos eram produzidos, o texto não era mais encarado como um produto acabado, mas sim, como parte de atividades mais globais de comunicação; nesse momento, o texto é visto ainda como

mero produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte numa postura bastante passiva de simples decodificador.

Na terceira fase dos estudos com o texto, depois de entrarem em cena questões referentes à pragmática e à cognição, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e há nele uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se conhece o contexto sociocognitivo dos participantes da interação.

Sem perder de vista o percurso feito pela linguística textual, juntamente com Antos (1997 *apud* KOCH, 2003), algumas concepções textuais podem ser destacadas, considerando-se o percurso histórico da disciplina em questão:

- a) Inicialmente o texto era estudado como frase complexa, numa abordagem estritamente gramatical;
- b) Em seguida, numa abordagem semântica, passou a ser estudado como expansão tematicamente centrada de macroestruturas;
- c) Depois o texto foi considerado como signo complexo, numa abordagem semiótica;
- d) Houve ainda uma abordagem pragmática, na qual o texto era considerado como ato de fala complexo;
- e) Na abordagem discursivo-pragmática, o texto era considerado como discurso “congelado”, produto acabado de uma ação discursiva. Nesse momento, não se considerava o fato de o texto ter a possibilidade de ser refeito a partir da interação.
- f) Numa abordagem comunicativa, o texto era visto como meio específico de realização da comunicação verbal;
- g) E finalmente, uma abordagem cognitivista, na qual o texto é a verbalização de operações e processos cognitivos.

Depois de ter percorrido várias teorias e diversas concepções para sujeito, língua, texto e discurso; concordamos com a concepção de sujeito como ator/construtor social; com a concepção de língua como sendo dialógica/interacional; com a concepção de texto como lugar de interação e com a concepção de discurso como sendo simultaneamente produção textual e produção de uma comunidade; assim, não é possível supor que o discurso mantenha uma simples representação do mundo “real”, ele é também parte desse mundo.

Pensamos, também, no conceito de discurso entendido como prática discursiva, e para tal, nosso apoio teórico é Maingueneau (1996), que entende por prática discursiva “essa reversibilidade essencial entre as duas faces, social e textual, do discurso”. O autor menciona alguns conceitos para discurso, que são utilizados em diversas esferas da sociedade.

Por exemplo, fala em uso comum do termo discurso, presente em enunciados solenes (pronunciamento do presidente); fala em uso restrito da língua (discurso islâmico, político, administrativo, polêmico). Maingueneau menciona, ainda, o discurso ambíguo, pois pode designar tanto o sistema que permite produzir um conjunto de textos, quanto o próprio conjunto de textos produzidos.

Desse modo, segundo a perspectiva analisada, o discurso não é a mera sequência de palavras efetivamente produzidas por interlocutores no curso de uma dada interação verbal; mas sim, uma prática discursiva, na qual o social e o textual estão entrelaçados.

1.2. A Linguística Textual: um breve histórico da linguística de frase à virada pragmática e às teorias de texto

A importância de se redigir um breve histórico da Linguística Textual nesta tese se deve ao fato de identificarmos e entendermos em que momento os linguistas começaram a perceber a textualidade como um ponto importante nos estudos relativos ao texto, em que este não poderia mais ser considerado apenas como uma mera sequência aleatória de frases, mas, sim, considerado de uma forma completa, levando em consideração seus aspectos globais e contextuais.

A Linguística Textual constitui um ramo da Linguística que se instituiu a partir da década de 1960, quando os linguistas constataram que os estudos focados na frase não davam conta de explicar a produção de sentidos; e que o sentido só poderia ser encontrado a partir do texto com referência a um contexto situacional. Esse período representa uma fase intermediária à linguística da frase e à linguística texto ou discurso.

De acordo com Conte (1977), são três os momentos de passagem da teoria da frase à teoria do texto, de forma que não há uma ordem cronológica a ser respeitada nesses momentos, mas, sim, tipológica, caracterizada pelos diferentes tipos de desenvolvimentos teóricos. Os momentos são: o das análises transfrásticas, o da construção das gramáticas textuais e o da construção das teorias do texto. Por meio desses momentos são propiciadas condições para que o texto se torne o objeto de estudo da linguística. No entanto, esses estudos não são equivalentes ao que foi postulado na Linguística Textual; ao contrário, apenas a prenunciam.

No momento da elaboração das Gramáticas de Texto, os estudiosos têm como finalidade refletir sobre os fenômenos linguísticos inexplicáveis por meio da gramática do

enunciado. As pesquisas, nessa perspectiva, têm como modelo a Gramática gerativo-transformacional de Chomsky e a estendem ao texto, com o objetivo de formulação de regras que dariam conta da produtividade textual. Há uma inversão em relação ao que era postulado nas análises transfrásticas, uma vez que se busca a elaboração de estudos que partam do texto – tratado como elemento de grande valor – para as unidades menores.

O objetivo dos gramáticos do texto é: (i) entender a noção de completude inerente a um texto; (ii) estudar a fundo o que faz uma sequência de frases adquirir o formato de um texto.

Partindo dos estudos da Gramática gerativo-transformacional, que não conseguiu explicar a organização textual subjacente à sequência das frases, procuram os gramáticos de texto, a partir do critério de aceitabilidade, verificar a diferença entre sentido e significado. Postulam, por conseguinte, que haveria uma gramática vista como um conjunto de regras finitas aplicadas à produção de sentidos.

Os gramáticos de texto observam que a linguagem se define pela textualidade, e esta não se restringe à sequência aleatória de frases; deveria, sim, ser explicada por meio de uma organização subjacente ao enunciado que desse a noção de completude de texto, pela qual se poderiam diferenciar textos organizados de frases aglomeradas e, por vezes, sem sentido.

No intuito de explicar a textualidade a partir de uma gramática, os gramáticos de texto acabaram por verificar que o mesmo texto produzia sentidos diferentes a cada leitura feita por um mesmo leitor, ou por diferentes leitores. Com essa constatação, verificou-se que não há regras para a produção de sentidos e, sim, estratégias, criando, desse modo, uma das bases da Linguística de Texto.

Por outro lado, o gerativismo trazia a ideia de que a linguagem seria definida por três componentes: um componente de base, um componente transformacional e um componente de superficialização, mas ainda, a linguagem era estudada no nível da frase.

Nas gramáticas de texto, diferentemente do que vinha ocorrendo dentro do paradigma gerativista, a frase não é tida como componente de base, mas, sim, o texto. O componente transformacional ultrapassa as regras semântico-culturais e chega aos tipos de texto, e o componente de superficialização diz respeito aos tipos de linguagem tratados como variedades linguísticas.

No momento de elaboração das teorias do texto, os estudiosos apresentam uma preocupação com a comunicação, buscando características que definem a comunicação humana e, ao mesmo tempo, de que forma ela se apresenta. A linguagem humana,

diferentemente da forma que era tratada nas gramáticas do texto, não é caracterizada pela textualidade, mas pela intertextualidade.

As teorias de texto partem das investigações dos linguistas acerca da linguagem no intuito de observar como acontecia a produção de sentido, o que acaba por privilegiar a Pragmática. Os linguistas desse momento, segundo FÁVERO e KOCH (2002), expandem essas investigações do texto ao contexto, entendido, em geral, como conjunto de condições – externas ao texto – da produção, da recepção e da interpretação do texto.

As teorias do texto trabalham de forma interdisciplinar com as teorias dos filósofos de Harvard, como Grice e Austin, que mesmo sendo da linha da Pragmática, apresentam modelos estanques e abstratos. Os dois linguistas se enquadram nessa linha, pois dirigem o foco dos estudos para a questão do uso, e a pragmática deve ser entendida como o estudo e a investigação da língua em uso efetivo.

1.2.1. A virada pragmática

O momento da virada pragmática vem fundamentado, portanto, na Teoria dos Atos de Fala, postulada por Austin; na Teoria da Atividade Verbal, por Vigotsky; na Pragmática Conversacional, por Grice; e na Teoria da Enunciação, por Bakhtin. Os objetos de estudo desse momento são o texto e o contexto, de modo que a linguagem é entendida como ação. O próprio conceito de texto também é transformado, uma vez que passa a ser visto como um elemento constitutivo de uma atividade mais complexa, como instrumento de realização de intenções comunicativas e sociais do falante.

Grice nos apresenta a teoria das máximas conversacionais ao afirmar que para haver conversação, os interlocutores devem obedecer às seguintes máximas, ancoradas no princípio da cooperação: não dizer o óbvio; ser informativo; não dizer aquilo que você não acredita ser verdade; não cair em contradição.

Por outro lado, Austin nos apresenta a teoria dos atos de fala, com a ideia de que ao dizer, praticamos três atos: um ato locucional, linguístico; um ato ilocucional, que diz respeito à intenção do falante; e um ato perlocucional, dirigido ao ouvinte. Tanto as gramáticas textuais quanto as teorias de texto não têm status pragmático, pois ambas ainda trabalham a noção de competência tendo em vista um falante ideal e abstrato.

Na década de 1960, podemos identificar três momentos que inserem a semântica – disciplina voltada para estudos relacionados aos significados – nos seus estudos e apresentam

respectivamente as noções de competência argumentativa, textual e comunicativa: (i) o das análises transfrásticas; (ii) o das gramáticas textuais; (iii) o das teorias de texto.

Nessa perspectiva, o conceito de competência textual é tratado no momento de criação das gramáticas textuais, que buscavam regras que dariam conta da produtividade textual. Essa produtividade textual liga-se à noção de competência textual postulada por Chomsky nos termos em que FÁVERO e KOCH (2002) apresentam o texto como uma instância muito maior do que uma simples sequência de enunciados. A compreensão e a produção textual derivam de uma competência específica do falante – competência textual – que se distingue da competência frasal ou linguística em sentido estrito, como a descreve, por exemplo, Chomsky (1965).

Todo falante de uma língua tem a capacidade de distinguir um texto coerente de um aglomerado incoerente de enunciados, e essa competência é, também, especificamente linguística – em sentido amplo.

Utilizando como partida o saber interiorizado da língua proposto por Chomsky, os gramáticos de texto pressupõem que há um saber interiorizado pelos usuários da língua que é tratado por competência textual, e suas regras poderiam explicar como se resume ou se parafraseia um texto, ou ainda, como, a partir de um título, pode-se expandir um texto. Esse saber interiorizado se daria por um conhecimento de língua que é responsável pela construção da coesão textual, e um conhecimento de mundo que é responsável pela construção da coerência textual.

Com isso, aqueles teóricos buscaram descrever as regras da gramática da competência textual que pudessem dar conta desta produtividade, que é entendida como um processo dado, entre outros elementos, pela coesão e pela coerência.

O conceito de competência comunicativa diz respeito ao conjunto de regras que propicia a comunicação entre as pessoas e é trabalhado nas teorias do texto que, como já foi dito, incorporaram a pragmática aos seus estudos, fato que gerou posicionamentos diversos por parte de vários autores.

Enquanto, para alguns, a pragmática se constituiu em um componente acrescentado à gramática textual, cuja finalidade seria dar conta da situação comunicativa na qual o texto é introduzido, para outros, a pragmática seria um componente integrado à descrição linguística, que tem como ponto de partida o ato de comunicação, associado aos pressupostos psicológicos e sociológicos, inserido numa situação comunicativa específica.

Desses últimos estudiosos, temos em Schmidt uma representação importante na constituição de uma teoria de texto que parte dos atos de comunicação integrados ao seu real funcionamento social, conforme assevera FÁVERO e KOCH (2002).

Para Schmidt, o ato de comunicação, como forma específica de interação social, torna-se o “explicandum” da linguística, de modo que a competência que constitui a base empírica da teoria de texto deixa de ser a competência textual, e passa a ser a competência comunicativa – capacidade de o falante empregar adequadamente a linguagem nas diversas situações de comunicação. Passa a interessar, então, os textos em função, aqueles produzidos em situações reais, pelas pessoas ou sujeitos da comunicação.

A partir dos estudos feitos por Austin sobre os atos da fala, e de Grice sobre as máximas conversacionais, em que a linguagem é vista como uma função social e uma forma de trabalho, regida por regras de contexto social que têm ação sobre o outro, os pragmáticos trabalham o texto observando a situação comunicativa, ou seja, o contexto de sua produção.

Para os pragmáticos, o “dito” só pode ter valor dentro da situação em que foi produzido, por ser apenas nessa circunstância que se pode entender o que se quis dizer. Para exemplificar essa questão, seguem abaixo os seguintes enunciados (circunstâncias):

1) Um locutor de rádio dá essa notícia, às 9horas, em uma sexta-feira:

“Atenção motoristas, vai chover das 14h às 18h.”

Na circunstância e no contexto dessa locução, o locutor está mandando, implicitamente, um recado para os ouvintes que estão ou estarão dentro de um carro no referido horário: *“evite sair de carro nesse horário, ou redobre a atenção caso sair de casa seja inevitável.”*

2) Um professor está dando aula. O término está previsto para nove e meia. Quando chega esse horário, um aluno diz:

“Já são nove e meia.”

Nesse contexto e nessa circunstância, o aluno dá o seguinte recado de forma implícita ao professor: *“a aula já acabou, queremos ir embora.”*

3) Em um dia útil comum, uma mulher diz ao marido que está desempregado:

“Já são nove e meia.”

Repare que o enunciado é o mesmo da situação anterior. Porém, o contexto e a

circunstância são completamente distintos. Dessa forma, a mulher, de forma implícita, manda o seguinte recado ao marido desempregado: *“acorda que você precisa procurar emprego.”*

Pelo exemplo das sentenças 2 e 3, conseguimos perceber, claramente, a questão do contexto e da circunstância. O enunciado – “Já são nove e meia” – foi textualmente o mesmo, mas a intenção completamente diferente. Para chegarmos a essa consideração somente pelo viés pragmático, por meio da análise da situação em que cada enunciado se encontrava.

Por outro lado, diferenciam-se dos pragmáticos os gerativistas, que postulavam uma competência linguística; e os gramáticos de texto, que apresentavam a competência textual, ao proporem uma competência comunicativa, na qual o conjunto de regras sociais é que determina o “jogo atucional” entendido como o quê, a quem, quando, como, onde e por que falar.

Dessa maneira, partindo do modelo teórico do jogo atucional, em que se observava a “performance” do indivíduo, e do conceito de competência comunicativa, em que as instruções dadas pelo contexto situacional são cuidadas, apresenta-se a “Semântica Instrucional”, definida como o conjunto de significados produzidos a partir das instruções dadas pelo contexto situacional concreto.

Os estudos até então desenvolvidos procuram descrever e explicar como ocorre a produção de sentidos a partir das representações mentais que as pessoas constroem lendo um determinado texto para, posteriormente, elaborar uma teoria de texto de base cognitiva, o que pode explicar a coesão, a coerência e a tipologia de texto. Os pesquisadores utilizam dos fundamentos da Psicologia Cognitiva e Social, recorrendo a uma teoria de memória que possa auxiliar na explicação de como ocorre o processamento das informações e seu armazenamento na memória.

Para Van Dijk (1992), a teoria da memória, que vem da psicologia cognitiva, que melhor se aplica, é a de memória por armazenamento, em que a memória é lugar de estocagem de informações e está dividida em duas partes: memória de curto prazo e memória de longo prazo. Na primeira, constrói-se a representação mental por meio do processamento das informações recebidas, e, na segunda, ocorre o armazenamento das representações mentais de ordem social, ou seja, os conhecimentos de mundo e de língua, bem como os de experiências pessoais que são denominadas por memória social e memória individual, respectivamente.

Van Dijk (1992) reúne alguns pressupostos que ilustram como as pessoas constroem e interpretam as representações textuais e os significados dessas representações, e quais estratégias utilizam para o uso dos conteúdos armazenados. São eles: o pressuposto construtivista, a partir do qual as pessoas constroem na memória uma representação com base em informações visuais e linguísticas; o pressuposto interpretativo, a partir do qual as pessoas não só constroem na memória uma representação do ocorrido, mas também significados (nesse caso, importa trabalhar com os aspectos semânticos do discurso); a pressuposição on-line, a partir da qual a construção de uma representação e a construção do significado da informação ocorrem concomitantemente ao processamento dessa informação; e o pressuposto estratégico, que se refere às estratégias de uso das informações.

Ainda há os pressupostos contextuais, a partir dos quais considera-se que o discurso não se processa apenas como evento cognitivo, mas também como evento social e, portanto, que os processos de produção e compreensão do discurso são processos funcionais dentro do contexto social. A isso se denomina pressuposto da funcionalidade social.

Além disso, há o pressuposto pragmático, a partir do qual os falantes desempenham atos de fala, o que implica pensar em funções pragmáticas pretendidas e interpretadas; o pressuposto interacionista, a partir do qual os usuários de uma língua constroem uma representação cognitiva da interação verbal e não verbal que ocorre na situação; e o pressuposto situacional, que inclui o conhecimento de normas, valores, convenções e atitudes em uma determinada situação.

Dessa forma, seguindo o modelo cognitivista, para os linguistas de texto, a pessoa, ao ler um texto, transforma as frases (língua) em proposições (sentidos) em sua memória de curto prazo e, essas proposições serão expandidas através de associações feitas com o seu conhecimento de língua (chamados de implicaturas) e os de mundo (chamados de inferências), que já estavam arquivados. As proposições que têm sentido secundário recebem o nome de microproposições e, podem ser ordenadas por sentidos primários, ou seja, pelas conclusões, em relação aos secundários, que são os argumentos, que, de acordo com a superestrutura do texto, constroem, através da expansão e redução, a base do texto.

As teorias cognitivas de várias linhagens lançam mão da ideia de memória para explicar a construção e o armazenamento da noção de modelos (mentais) de situação pelos falantes de uma língua. Nesse campo, a relação entre linguagem e memória é vista em termos de processamento. A teoria cognitiva da linguagem e da compreensão de produção do discurso introduz a noção de modelo mental, parte da teoria de que os usuários da língua constroem uma representação mental do texto. Para a elaboração dos modelos, pressupõe-se

que a compreensão envolve tanto o processamento e a interpretação de informações exteriores, quanto a ativação e o uso de informações internas e cognitivas.

O processamento de informações não é governado por regras, é antes um processo estratégico, a partir do qual os falantes realizam passos interpretativos relacionados com o fim da sua atividade, “finalisticamente orientados, efetivos, eficientes, flexíveis, tentativos, em vários níveis (textual, conceitual, modelo/script) ao mesmo tempo”. (VAN DIJK, 1992, p.169)

Seguindo a linha de pensamento que relaciona intimamente “compreender o discurso” com “compreender o mundo” (VAN DIJK, 1992, p.175), o autor afirma que, além da construção de uma representação semântica do discurso, é preciso considerar a construção de modelos novos ou atualizados (de acordo com a ideia de reconstrução e recuperação de modelos velhos). Os modelos ajudam não só na compreensão e produção de discursos, como também explicam a possibilidade de textos incompletos, vagos e cheios de ideias implícitas para serem compreendidos.

Os modelos criados podem ser recuperados a partir de um conhecimento pessoal já existente que corresponda a uma situação similar àquela do discurso. Esses modelos reconstruídos, recuperados, são "o registro cognitivo episódico de nossas experiências pessoais." (VAN DIJK, 1992, p.161) Com isso, o processo de recordação estaria diretamente ligado à noção de recuperação dos modelos existentes na memória.

Esses modelos podem ser compartilhados com os membros da sociedade e muitos deles tornam-se estandardizados, como os hábitos comuns que os membros de uma sociedade realizam ou reconhecem, ou seja, tomar café da manhã, ir trabalhar, etc. Esse conhecimento é armazenado na memória semântica¹ e explicado em termos de frames ou scripts, que atuam tanto na construção de novos modelos, quanto na atualização dos já existentes, e corresponderiam a uma espécie de conhecimento geral relevante.

Com a base de texto, e construídas as microproposições que sofreram redução e expansão, podem ser transformadas e hierarquizadas seguindo os esquemas textuais, para se obter os sentidos globais, chamados de macroproposições, que constroem a macroestrutura do texto, ou seja, a coerência.

Os linguistas de texto, assim, passam a considerar o texto como um processo por meio do qual os enunciados são processados cognitivamente, obtendo-se a base de texto pela expansão e a coerência pela redução e hierarquização das informações.

Deixa-se, portanto, a palavra ou frase isolada para se estudar o texto, pois se verificou que o homem tem em sua linguagem o texto como unidade de comunicação e que há diversos

fenômenos linguísticos que só são explicados no interior do texto. Ocorre, com isso, uma mudança no objeto de estudo. Passa-se a pesquisar o que faz com que um texto seja texto, ou seja, procura-se verificar quais são os elementos responsáveis pela textualidade.

Se pensarmos em práticas sociais, apresenta-se a questão da textualidade que, segundo Beaugrande e Dressler (1983), é o que faz com que um texto seja um texto e não uma mera colocação aleatória de frases soltas. Beaugrande (1983) afirma que a textualidade é não só a qualidade essencial a todos os textos, mas é também uma realização humana sempre que um texto é ‘textualizado’, isto é, sempre que um ‘artefato’ de marcas sonoras e escritas é produzido ou que recebe o nome de texto. Para o autor, o ato de textualizar ocorre tão rápido e, é tão habitual, que nós não acreditamos que estamos realizando algo.

1.3. A textualidade presente em outros autores

Após Beaugrande e Dressler, outros autores deram continuidade aos trabalhos linguísticos voltados para a textualidade. De forma simplificada, vamos elencar alguns que julgamos relevantes para a pesquisa desta tese.

Em 1976, Halliday e Hasan criam o termo *textura* (equivalente à textualidade), que pode ser definida como “o fato de que o texto funciona como uma unidade em relação a seu contexto” (p. 2). Nessa perspectiva, a coesão seria a responsável pela textualidade.

A coesão é fundamental para Halliday e Hasan, mas é complementada pelos seguintes elementos de ligação do texto ao contexto: campo, modalidade e teor. Em obra de 1997, Beaugrande revê seu conceito de textualidade:

A textualidade é a qualidade essencial de todos os textos, mas é também uma realização humana sempre que um texto é textualizado, isto é, sempre que um “artefato” de marcas sonoras ou escritas é produzido ou que recebe o nome de texto. Contudo, o ato de textualizar corre tão rápido e habilmente que nós não acreditamos que estamos realizando algo e assumimos o artefato em si mesmo como sendo um “texto completo”. Essa crença “reifica” o texto numa entidade autônoma que “diz apenas o que significa” e “contém” sua própria verdade ou autoridade, testemunha alguns dizeres consensuais como “isto é o que se diz aqui”, “está bem aqui na página”, ou “essas são as palavras exatas.

Essa reificação prematura e restritiva é o que a Análise Crítica do Discurso procura desvendar ao tomar insistentemente o texto como um evento comunicativo. Nosso motivo programático deveria ser: um texto não existe, como texto, a não ser que alguém o esteja processando”. (p. 13, *apud* COSTA VAL, 2000, p. 47)

Maria da Graça Costa Val (1999) desenvolveu um painel dos trabalhos teóricos sobre textualidade. Estudos complementares, no entanto, apontam ser a coerência a responsável por esse fenômeno. Vista como “o conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência de frases.”

Apoiada nos conceitos proferidos por Beaugrande e Dressler, Costa Val (1999) assevera que a textualidade se manifesta por meio da ocorrência de sete fatores: a coerência, a coesão, a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade.

Os dois primeiros relacionados ao material conceitual e linguístico do texto e os outros cinco envolvidos no processo sociocomunicativo. Beaugrande e Dressler (1983) alertam para o fato de que a textualidade deve ser vista como o “modo de processamento e não como conjunto de propriedades inerentes ao texto enquanto produto.”

De acordo com (KOCH, 2004, p.32),

Amplia-se, mais uma vez, a noção de contexto, tão importante à Linguística Textual. Se, inicialmente, quando das análises transfrásticas, o contexto era visto apenas como cotexto – segmentos textuais precedentes e subsequentes ao fenômeno em estudo –, tendo, quando da introdução da pragmática, passado a abranger primeiramente a situação comunicativa e, posteriormente, o entorno sócio-histórico-cultural, representado na memória por meio de modelos cognitivos, ele passa a constituir agora a própria interação e seus sujeitos: o contexto constrói-se, em grande parte, na própria interação.

1.4. Linguística textual: pressupostos teóricos

Após fazermos um breve histórico da Linguística Textual, é fundamental organizarmos os pressupostos teóricos dessa disciplina na atualidade, com o intuito de entendermos como a análise do presente trabalho será desenvolvida. Para tal, traremos para a pesquisa os preceitos postulados pelo linguista Jean Michel Adam, em sua obra “A Linguística Textual”, de 2008.

Segundo Adam, o conceito de contexto é fundamental para se entender o ponto de vista pragmático na perspectiva de análise da Linguística Textual e, para isso, faz-se necessário abordar, também, os conceitos de texto e discurso.

De acordo com Adam, existe uma “fórmula inadequada”, originada na análise do discurso francesa dos anos 1960 e 1980. Essa fórmula afirma que o discurso é igual à soma do texto com o contexto, e este diz respeito às condições de produção e de recepção-

interpretação. Simetricamente, o texto é igual ao discurso menos o contexto – condições de produção.

Segundo o linguista francês, é preciso desconsiderar essa perspectiva por duas razões. Primeiramente, porque essa visão dá a entender uma suposta complementaridade e oposição entre texto e discurso; ao passo que ambos se sobrepõem e se cruzam em função da perspectiva de análise que será escolhida. A segunda razão está relacionada com a passagem da análise do discurso para uma “disciplina hermenêutica plena”, isto é, a abertura da linguística para a interpretação.

Nesse mesmo viés, Karlheinz Stierle (1977, p. 426) reitera o trabalho interpretativo do leitor/ouvinte e afirma que “o discurso é, necessariamente, assujeitado à atividade de pano de fundo do leitor, que não se contenta em perceber um texto, mas antes de tudo, organiza-o em discurso”. Por meio das considerações de Adam e Stierle, impõe-nos salientar a importância da diferença entre contexto, que está relacionado aos dados das situações extralinguísticas; e cotexto, que está relacionado aos dados do ambiente linguístico imediato.

De acordo com Adam (2008), vale lembrar que as informações do contexto são tratadas com base nos conhecimentos enciclopédicos dos sujeitos, em seus respectivos conceitos culturais e em seus lugares comuns argumentativos, isto é, do ponto de vista linguístico, o contexto acaba por entrar na construção do sentido dos enunciados.

Não obstante, Antoine Culioli (1984) considera que o texto, em sua modalidade escrita, força-nos, de forma exemplar, a compreender que não se pode passar da frase ao enunciado por um simples procedimento de extensão. Além das questões sintáticas e morfológicas, o texto se apoia, também, em outros sistemas de conexões, como marcas de interação, de instrução, de cotexto, de contexto; ademais, marcas pragmáticas.

Para Culioli (1984), a tradição gramatical insiste em privilegiar as formas em relação aos conteúdos, as regras em relação às opções, a dimensão frasal em relação à dimensão textual. Como a coerência do texto não é resultante de fatos de gramaticalidade, os domínios textual e morfossintático são diferentes e bastante independentes.

Assim sendo, segundo Adam (2008): “a tarefa da Linguística Textual é definir as grandes categorias de marcas que permitam estabelecer essas conexões que abrem ou fecham segmentos textuais mais ou menos longos”.

A Linguística Textual deve, portanto, elaborar conceitos específicos e definir classes de unidades intermediárias entre a língua e o texto. Categorias de análise fundadas em características puramente gramaticais não podem ser consideradas como noções fundamentais pertinentes no que concerne à coerência do texto (COMBETTES, 1992).

1.5. Operacionalização pragmática no texto: os fatores de textualidade

1.5.1. Os fatores de textualidade

Chama-se textualidade ao conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência aleatória de frases. (BAUGRANDE e DRESSLER, 1983). Entre os cinco fatores pragmáticos estudados por Beaugrande e Dressler (1983), os dois primeiros referem-se aos protagonistas do ato comunicativo: a intencionalidade e a aceitabilidade.

O início dos estudos sobre textualidade foi marcado no segundo momento da fase intermediária, isto é, durante as gramáticas textuais. Estas tinham como tarefa a verificação dos princípios de constituição de um texto, os fatores responsáveis pela coerência textual e investigavam as condições em que se manifesta a textualidade; levantamento de critérios para delimitação de textos e diferenciação de várias espécies de texto.

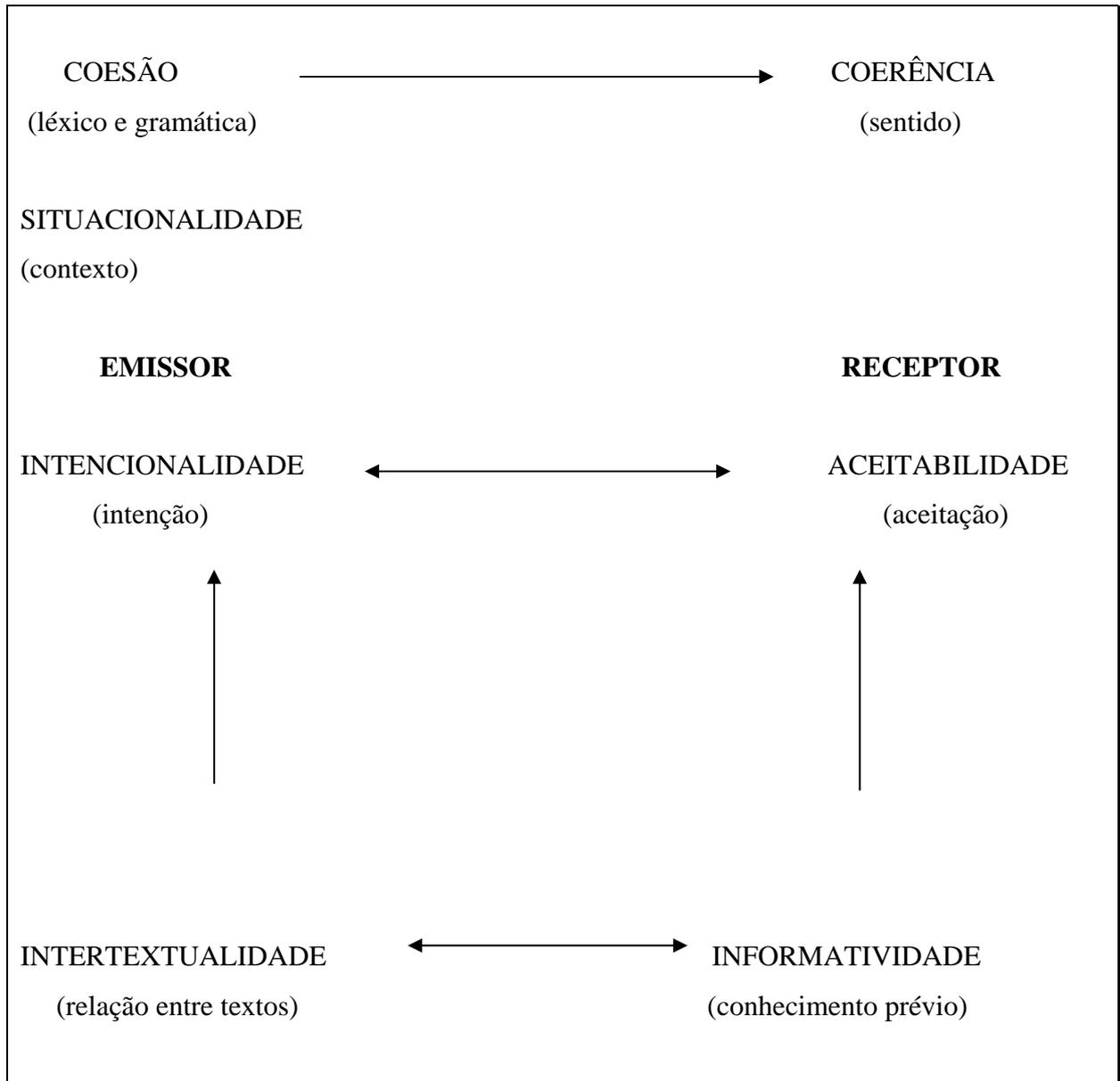
Beaugrande e Dressler (1981, *apud* KOCH, 2006) procuram conceituar o que seja textualidade, definida como “o que faz com que um texto seja um texto”, já Beaugrande (1997, *apud* KOCH, 2006) complementa: “A textualidade é não só a qualidade essencial a todos os textos, mas é também uma realização humana sempre que um texto é ‘textualizado’, isto é, sempre que um ‘artefato’ de marcas sonoras e escritas é produzido ou que recebe o nome de texto”. Para o autor, o ato de textualizar ocorre tão rápido e é tão habitual que nós não acreditamos que estamos realizando algo.

O conceito de textualidade que persiste nos trabalhos de LT, no Brasil, principalmente naqueles presentes nesta mostra, restringe-se aos desdobramentos decorrentes dos postulados elaborados por Beaugrande e Dressler, 1981, não incorporando os avanços presentes no trabalho de 1997, desses autores.

São elementos desse processo as peculiaridades de cada ato comunicativo, tais como as intenções do produtor; o jogo de imagens mentais que cada um dos interlocutores faz de si, do outro e do outro com relação a si mesmo e ao tema do discurso; e o espaço de perceptibilidade visual e acústica comum, na comunicação face a face.

Antes de mais nada, um texto é uma unidade de linguagem em uso, que cumpre uma função sociocomunicativa. A segunda propriedade básica do texto é o fato de ele constituir uma unidade semântica. Dessa forma, o texto se caracteriza por uma unidade formal, material. Seus constituintes linguísticos devem se mostrar reconhecivelmente integrados, de modo a permitir que ele seja percebido como um todo coeso.

Quadro para ilustração da comunicação por meio dos fatores de textualidade.



Quadro 1- Quadro fatores de textualidade
Fonte: Elaborado pelo autor

1.5.2. Os fatores pragmáticos de textualidade

Após desvelarmos uma série de questões teóricas que envolvem e privilegiam a abordagem pragmática, no processo de correção textual, com vistas a uma retextualização eficaz e coerente, é importante comentarmos algumas análises preliminares dentro de nossa tese. Assim, conseguiremos, paralelamente à teoria, estabelecer critérios primordiais para atingir os objetivos propostos da pesquisa.

A proposta é verificar como a abordagem pragmática pode auxiliar o processo de correção e revisão textual, pois, conforme postulado anteriormente, entendemos o texto como

uma produção linguística de um discurso que, por sua vez, é entendido como uma instância que engloba o texto e todos os fatores que o circundam e o completam.

O aluno que aqui chamaremos de Alex, 38 anos, estudante do curso de Pedagogia, de uma faculdade particular de São Paulo, conforme citado na introdução do presente trabalho, motivou esta pesquisa com as respostas redigidas por ele, em uma prova oficial, aplicada no dia 20 de Maio de 2009. A primeira questão já foi citada como exemplo na introdução, portanto, neste momento, vamos analisar as outras respostas redigidas por Alex, na mesma avaliação.

Vale salientar que as questões feitas ao aluno estavam relacionadas à leitura do livro *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva, que serviu de base para uma série de atividades desenvolvidas no semestre letivo. As perguntas estavam assim distribuídas:

Responda às questões relativas ao livro *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva (vamos retirar a primeira questão pelos motivos já citados acima):

2) A partir dos relatos feitos pelo autor, qual o motivo das idas e vindas entre passado e presente na trajetória da narrativa?

Segundo Marcelo no momento de sal angustia ele lembrava de seu pai que era corajoso político que até então ele precisaria de muita coragem como seu pai mesmo em época de regime político ele não deslocava seus laços de amizade até então chegada de sua prisão política e suas praticas de torturas na prisão mulheres presa em quartel seu filho logo ão decorre do tempo já jovem com 20 anos sofre um acidente ão pular na água bate a cabeça e enquanto esta se recuperando do acidente resolve descreve a vida de seu pai comparando com a recuperação sua mesmo sem apresença de seu pai sua mãe nunca desistiu ela era corajo isso demonstraria como seu marido iria s sentir e seus compatriotasse orgulhariam no luga do (mundo chamado Brasil).

3) Descreva um dos momentos em que Marcelo Rubens Paiva, internado, lembrou de seu pai. Como foi essa lembrança? De que o autor lembrou exatamente? Procure, com suas palavras, reescrever esse trecho da narração.

No inicio de sua queda na água ele bate a cabeça na pedra ele lembra que seu pai gostava de pega ele no colo e virava a bunda para a enfermeira era sinal de não homem macho e sim bicha ele ouvia diser que homem gostava mesmo de transa com as mulheres e as enfermeiras tiraria sua roupa e seus peitos pontudos e barriga colocada junto com a minha e tão gostoso que ate da um arrepio na barriga sencasão de frio com calor.

4) Redija um texto de no máximo sete linhas, com o intuito de convencer algum “leitor interessado” em comprar o livro Feliz Ano Velho, de Marcelo Rubens Paiva. Lembre-se das questões argumentativas presentes na publicidade e na propaganda.

O Poder de da riqueza

O Poder do aceita as coisa do jeito que elas são encoraja em mudar ela as situações que são imposta para nós nas cidades nos levam as serem pessoas criticas e não aceita o que e o mínimo interesse do governo ele so da uma pequena parte para o cidadão e se não aceita ele é preso torturado eate morto (devemos aprender ler mais a educação e o fruto)

Assim como já havíamos relatado anteriormente, fica evidente que Alex leu o livro. Em suas respostas, ele dá pistas muito claras para fazermos essa afirmação. Ele vai construindo seu sentido, em todas as questões, a partir de alguns fatos que ficaram marcados para ele na narrativa, tais como a questão do pai e da mãe de Marcelo Rubens Paiva; a questão da ditadura e dos presos políticos, como é o caso do pai do personagem; a queda na água e a batida na cabeça, que levaram Marcelo a ficar paralisado.

Na pergunta 2, por exemplo, sobre as idas e vindas entre passado e presente na trajetória da narrativa, Alex consegue fazer uma referência aos momentos em que Marcelo Rubens Paiva tinha suas lembranças: *“enquanto esta se recuperando do acidente resolve descreve a vida de seu pai comparando com a recuperação sua.”*

Na questão 3, sobre as lembranças do pai, Alex escreve: *“ele lembra que seu pai gostava de pega ele no colo”*. Ainda na questão 3, quando é pedido para reescrever algum trecho da narração, Alex traz um vocabulário completamente similar ao do texto do livro: *“homem gostava mesmo de transa com as mulheres e as enfermeiras tiraria sua roupa e seus peitos pontudos e barriga colocada junto com a minha e tão gostoso que ate da um arrepio na barriga sencasão de frio com calor”*.

Na questão 4, em que foi pedido um texto publicitário, com argumentações que possam convencer um suposto leitor interessado, Alex se mostra competente. Ele faz algumas escolhas lexicais bem-interessantes, como o poder da riqueza, o poder de aceitar as coisas como são realmente. Alex termina a resposta dessa questão com uma dica: *“(devemos aprender ler mais a educação e o fruto).*

Como já foi dito anteriormente, o aluno Alex tem diversos e sérios problemas de desvios ortográficos e gramaticais. Para um estudante de Pedagogia, que, dentre outras responsabilidades, vai precisar alfabetizar uma criança, Alex precisa evoluir muito em sua formação. Chega a ser um texto surpreendente. Porém, mesmo com um texto completamente fora de qualquer padrão culto da escrita, percebemos um aluno que consegue materializar em

seu texto diversas relações com o contexto e com as circunstâncias da narrativa do livro *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva.

Eis a questão: Como devemos corrigir os textos do aluno Alex? Vale a pena só apontarmos desvios ortográficos e gramaticais? Se nos propusermos a corrigir o texto do aluno Alex, à luz dos fatores de textualidade, propostos por Beaugrande e Dressler, o que exatamente faríamos com o texto? Dentro da perspectiva pragmática, quais critérios poderíamos estabelecer para melhorar o texto dele?

Essas e outras reflexões nos motivaram a pesquisar sobre a prática de revisão e correção de um texto de uma forma mais global e levando em consideração, além dos critérios ortográficos e gramaticais, os aspectos pragmáticos. O processo de retextualização precisa, ainda, ser muito estudado, visto que o aluno Alex é apenas um exemplo dentro de um universo imenso de alunos e usuários da Língua Portuguesa que precisam evoluir em sua produção textual.

1.5.3. Intencionalidade

A intencionalidade concerne ao empenho do produtor em construir um discurso coerente, coeso e capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa determinada situação comunicativa. A meta pode ser informar, ou impressionar, ou alarmar, ou convencer, ou pedir, ou ofender, etc., e, é ela que vai orientar a confecção do texto. Lang (1973) *apud* Conte (1977, p.104-405). A INTENCIONALIDADE concerne ao empenho do produtor em construir um discurso coerente, coeso e capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente, numa determinada situação comunicativa.

1.5.4. Aceitabilidade

O outro lado da moeda é a aceitabilidade, que concerne à expectativa do receptor de que o conjunto de ocorrências com que se defronta seja um texto coerente, coeso, útil e relevante, capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor. Grice (1975 - 1978) estabelece máximas conversacionais, que seriam estratégias normalmente adotadas pelos produtores para alcançar a aceitabilidade do receptor. Tais estratégias se referem à necessidade de cooperação - no sentido de o produtor responder aos

interesses de seu interlocutor - e à qualidade (autenticidade), quantidade (informatividade), pertinência e relevância das informações, bem como à maneira como essas informações são apresentadas: precisão, clareza, ordenação, concisão, entre outros.

A aceitabilidade concerne à expectativa do receptor de que o conjunto de ocorrências com que se defronta seja um texto coerente, coeso, útil e relevante, capaz de levá-lo a adquirir ou a cooperar com os objetivos do produtor.

Porém, é possível que, deliberadamente, o produtor queira apresentar um texto que desrespeite algumas dessas máximas. Tal intenção, reconhecida pelo receptor, ganhará função significativa e resultará em efeito de sentido importante no jogo interativo. É o que Grice chama de implicatura conversacional. O receptor prefere supor que a infração aos princípios conversacionais seja intencional e tenha alguma significação do que simplesmente aceitar que seu interlocutor possa produzir um discurso impertinente e sem sentido.

Charolles (1978, p.38) afirma que, em geral, o receptor dá um crédito de coerência ao produtor, isto é, supõe que seu discurso seja coerente e se empenha em captar essa coerência, recobrando lacunas, fazendo deduções, enfim, colocando a serviço da compreensão do texto todo conhecimento de que ele dispõe.

Assim, a comunicação se efetiva quando se estabelece um contrato de cooperação entre os interlocutores, de tal modo que as eventuais falhas do produtor são percebidas como significativas (às vezes, o sentido do texto está na sua aparente falta de sentido – cf. a piada), ou são cobertas pela tolerância do receptor. A margem de tolerância é tanto maior quanto mais conhecido é o assunto e mais informal é a situação.

O produtor sabe da existência da tolerabilidade e conta com ela, assim como conta com a capacidade de pressuposição e inferência do receptor. Essa cumplicidade do receptor para com o texto é que possibilita que a produção não seja tarefa excessivamente difícil e tensa e, assim, viabiliza o jogo comunicativo.

1.5.5. Situacionalidade

O terceiro fator de textualidade, segundo Beaugrande e Dressler (1983), é a situacionalidade, que diz respeito aos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre. É a adequação do texto à situação sociocomunicativa.

A situacionalidade diz respeito aos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre. É a adequação do texto à situação sociocomunicativa. O contexto pode, realmente, definir o sentido do discurso e, normalmente, orienta tanto a produção quanto a recepção. Em determinadas circunstâncias, um texto menos coeso e aparentemente menos claro pode funcionar melhor, ser mais adequado do que outro de configuração mais completa. Servem de exemplo as inscrições lacônicas das placas de trânsito, mais apropriadas à situação específica em que são usadas do que um longo texto explicativo ou persuasivo que os motoristas sequer tivessem tempo de ler.

A conjunção dos três fatores já mencionados resulta numa série de consequências para a prática comunicativa. Em primeiro lugar, é importante para o produtor saber com que conhecimentos do receptor ele pode contar e, que, portanto, não precisa explicitar no seu discurso. Esses conhecimentos podem advir do contexto imediato ou podem preexistir ao ato comunicativo. Assim, uma informação aparentemente absurda, como o exemplo a seguir, extraído de Elias (1981, p.45), fará sentido para quem souber que Maria sofre de problemas gástricos de fundo nervoso e que passa mal sempre que come tensa, preocupada com o horário: Maria teve uma indigestão embora o relógio estivesse estragado.

Daí vem a noção de coerência pragmática, ou seja, a necessidade de o texto ser reconhecido pelo receptor como um emprego normal da linguagem num determinado contexto.

Outra consequência da conjugação desses três fatores de textualidade é a existência dos diversos tipos de discurso. A praxe acaba por estabelecer que, numa dada circunstância, tendo-se em mente determinada intenção ilocucional, deve-se compor o texto desta ou daquela maneira. Assim, há convenções que regem o funcionamento da linguagem na interação social e que determinam, especificamente, qual o tipo particular de discurso adequado a cada ato comunicativo.

Essa questão é da maior importância para quem trabalha com o ensino de redação, pois vem daí o fato de que a textualidade de cada tipo de discurso envolve elementos diferentes. O que é qualidade num texto argumentativo formal poderá ser defeito num poema, ou numa história de suspense, ou numa conversa de botequim, por exemplo.

O interesse do receptor pelo texto vai depender do grau de informatividade de que o último é portador. Esse é mais um fator de textualidade apontado por Beaugrande e Dressler (1983) e diz respeito à medida na qual as ocorrências de um texto são esperadas ou não, conhecidas ou não, no plano conceitual e no formal.

Ocorre que um discurso menos previsível é mais informativo, porque a sua recepção, embora mais trabalhosa, resulta mais interessante, mais envolvente. Entretanto, se o texto se mostrar inteiramente inusitado, tenderá a ser rejeitado pelo receptor, que não conseguirá processá-lo. Assim, o ideal é o texto se manter num nível mediano de informatividade, no qual se alternam ocorrências de processamento imediato que falam do conhecido, com ocorrências de processamento mais trabalhoso, que trazem a novidade.

O texto com bom índice de informatividade precisa ainda atender a outro requisito, que é a suficiência de dados. Isso significa que o texto tem que apresentar todas as informações necessárias para que seja compreendido com o sentido que o produtor pretende. (contradição) Não é possível nem desejável que o discurso explicita todas as informações necessárias ao seu processamento, mas é preciso que ele deixe inequívocos todos os dados necessários à sua compreensão aos quais o receptor não conseguirá chegar sozinho.

1.5.6. Intertextualidade

Beaugrande e Dressler (1983) falam ainda de um outro componente de textualidade, a intertextualidade, que concerne aos fatores que fazem a utilização de um texto dependente do conhecimento de outro(s) texto(s). De fato, "um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já dito em relação ao qual ele toma posição". Inúmeros textos só fazem sentido quando entendidos em relação a outros textos que funcionam como seu contexto. Isso é verdade tanto para a fala coloquial, em que se retomam conversas anteriores, quanto para os pronunciamentos políticos ou para o noticiário dos jornais, que requerem o conhecimento de discursos e notícias já divulgadas, que são tomados como ponto de partida ou são respondidos.

Há aqui uma questão interessante que não é mencionada pelos autores. É que o mais frequente interlocutor de todos os textos, invocado e respondido consciente ou inconscientemente, é o discurso anônimo do senso comum, da voz geral corrente.

Assim, avaliar a intertextualidade, em sentido lato, pode significar analisar a presença dessa fala subliminar, de todos e de ninguém, nos textos estudados. Por outro lado, como esse discurso é de conhecimento geral, pode-se também considerá-lo como informação previsível e avaliar sua presença como elemento que faz baixar o grau de informatividade. Foi essa opção na análise de redações que apresento adiante.

Relacionando os conceitos de texto e textualidade, poder-se-ia dizer, em princípio, que a unidade textual se constrói, no aspecto sociocomunicativo, através dos fatores pragmáticos (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade); no aspecto semântico, através da coerência; e, no aspecto formal, através da coesão.

É possível, no entanto, repensar esse arranjo, se for considerado que a informatividade e a intertextualidade dizem respeito, também, à matéria conceitual do discurso, na medida em que lidam com conhecimentos partilhados pelos interlocutores. Ao mesmo tempo que contribuem para a eficiência pragmática do texto, conferindo-lhe interesse e relevância, esses dois fatores também se colocam como constitutivos da unidade lógico-semântico-cognitiva do discurso, ao lado da coerência. Assim, poder-se-ia situá-los a cavaleiro, parte no plano sociocomunicativo, parte no plano semântico-conceitual. Foi dessa maneira que os considerei neste trabalho.

A intertextualidade, que concerne aos fatores que fazem a utilização de um texto, dependente do conhecimento de outro(s) textos(s). O conceito de intertextualidade apareceu como conceito base no terceiro momento que antecede à Linguística Textual, pontuado como Teorias de texto, momento que os linguistas perceberam a necessidade de ir além da abordagem sintático-semântica, visto ser o texto a unidade base de comunicação e interação humana. É nesse contexto que Charolle (1983) passa a considerar a coerência textual como “um princípio de interpretabilidade do discurso.”

Segundo Koch (2006), a intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores, isto é, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos.

1.5.7. Informatividade

O interesse do receptor pelo texto vai depender do grau de informatividade que o último é portador e, diz respeito à medida na qual as coerências de um texto são esperadas ou não, conhecidas ou não, no plano conceitual e no formal. Ocorre que um discurso menos previsível é mais informativo.

A informatividade é um dos fatores constitutivos da unidade textual. Não se deve depreender daí que ela só está presente nos textos eminentemente referenciais. Textos de

qualquer natureza veiculam algum tipo de informação, desde os textos de comunicação diária, oral ou escrita, até aqueles com intenção estética, como os poéticos, por exemplo.

O grau de informatividade está diretamente relacionado à informação veiculada, previsível / imprevisível, esperada / não-esperada. Quanto mais previsível, menor será o grau de informatividade de um texto e vice-versa. Por isso, textos altamente informativos exigem, do leitor ou ouvinte, um esforço maior para sua compreensão. Textos científicos, por exemplo, têm como objetivo primeiro produzir informação teórica, com a finalidade de transmitir conhecimentos acerca de seu objeto de estudo. Os jornalísticos têm, igualmente, como função primordial, veicular uma informação. É preciso, também, lembrar que, nos noticiários de TV e rádio, existem outros componentes, imagem e voz somam-se à referencialidade.

1.5.7.1. Informatividade e o senso comum

Chamamos informatividade as informações veiculadas através dos textos escritos ou visuais, como anúncios, artes plásticas, artigos, dentre outros tipos de textos. O grau de informatividade de um texto é medido de acordo com o conhecimento de mundo das pessoas a que ele se destina. Ou seja, dizemos que um texto possui um alto grau de informatividade quando a compreensão mais ampla desse texto depender do repertório cultural do leitor.

Um texto é mais informativo quanto menor for sua previsibilidade e vice-versa. Para que haja sucesso na interação verbal, é preciso que a informatividade do texto seja adequada ao interlocutor. Uma grande parcela dos textos de circulação nacional veiculados pela mídia possui um grau médio de informatividade. Dessa maneira, eles conseguem prender a atenção do leitor e, ao mesmo tempo, acrescentar-lhe novas informações.

Assim, textos contendo relatos de experiência em Química Orgânica, por exemplo, apresentarão um alto grau de informatividade, quando direcionados a todos os públicos, pois na verdade eles interessam apenas a um público restrito, ou seja, aqueles que dominam os conceitos dessa área científica.

No entanto, se a informatividade do texto for muito baixa, o leitor pode desinteressar-se por ele, pelo fato de não apresentar nada de novo ou importante. Esse tem sido um dos grandes problemas das redações de vestibulares. É necessário que essas produções apresentem um grau médio de informatividade, para que o texto não corra o risco de cair na obscuridade ou relatar o óbvio.

Um exemplo de informação óbvia é o que comumente chamamos senso comum. São argumentos aceitos universalmente, sem necessidade de comprovação. Por exemplo: “o homem depende do ambiente para viver”, ou ainda “a mulher de hoje ocupa um papel social diferente da mulher do século XIX”. Informações como essas já foram comprovadas historicamente, não precisam de justificativa. Por apresentarem um grau de informatividade muito baixo, têm um valor persuasivo menor.

Assim, para que se construa um texto dissertativo que contenha informações relevantes ao leitor, é preciso pesquisar e confrontar diversas fontes sobre a mesma temática, a fim de que o texto apresente argumentos suficientes para levar o leitor a compreender seu raciocínio lógico.

EXEMPLO DE INFORMATIVIDADE (Conhecimento Prévio)

Texto extraído de uma proposta de pesquisa em Economia de Energia

Nos últimos anos, as companhias de energia elétrica iniciaram um processo de revisão de suas estratégias empresariais. Esse processo é motivado pelo movimento de reestruturação da indústria de energia elétrica, o qual gera dois tipos de impacto: de um lado, abre espaços para o aumento da participação do capital privado nesta indústria; de outro lado, impõe a necessidade de adequação do quadro regulamentar. Essa reestruturação, embora ainda não tenha sido concluída no contexto brasileiro, altera radicalmente as estratégias das empresas. A complexidade do novo contexto é ainda maior porque envolve a internacionalização das empresas elétricas. Em outras palavras, o novo ambiente econômico da indústria elétrica exige a redifinição das estratégias e da gestão das empresas em condições de incerteza e em regime competitivo. Neste contexto, os riscos econômicos associados ao negócio elétrico aparecem de forma distinta do tradicional regime em monopólio regulado pelo custo de serviço.

Nesse texto, expressões como quadro regulamentar, ambiente econômico, internacionalização, regime competitivo, custo do serviço, condições de incerteza, que são próprias da linguagem dos economistas, exigem do leitor não familiarizado com o tema um conhecimento prévio de alguns conceitos de economia de energia, para ser capaz de entender e avaliar o que está sendo proposto pelos autores do projeto.

1.7.7.2. Como fugir do senso comum?

Copiar as informações do(s) texto(s) de apoio tal como estão na prova pode levar o candidato a ter uma nota muito baixa ou mesmo a ser desclassificado, em alguns vestibulares.

Utilizar-se na argumentação apenas de informações presentes no texto de apoio, mesmo que empregando outras palavras (paráfrase), demonstra que o candidato não tem conhecimento do assunto. Por outro lado, acrescentar informações novas à sua redação é uma evidência de que o candidato tem domínio do tema que está abordando e a opção pela tese que defende é consciente e racional.

As informações novas, ou seja, ideias não presentes no texto de apoio, são provenientes dos conhecimentos armazenados pelo candidato ao longo de sua vida, a partir das leituras que faz do mundo. Nesse sentido mais amplo, a leitura não é vista apenas como o processo de decodificar e interpretar signos escritos, mas de observar e armazenar na memória tudo o que existe e acontece ao nosso redor, posicionando-se de maneira crítica.

Conversas, programas de rádio e de televisão, leitura de livros, jornais e revistas podem ser ótimas fontes de informação. No vestibular, os conhecimentos exigidos do candidato são “científicos” o conceito de ciência é tomado, aqui, no seu sentido restrito, de conjunto de conhecimentos socialmente adquiridos ou produzidos, historicamente acumulados, dotados de universalidade e objetividade que permitem sua transmissão, e estruturados com métodos, teorias e linguagens próprias que visam compreender e orientar a natureza e as atividades humanas. Assim, compete ao candidato adequar seus conhecimentos ao formato científico, que é o exigido na redação do vestibular.

Na argumentação, a utilização de informações novas é muito importante. Muitas vezes, os textos de apoio praticamente esgotam o assunto, de forma que só o candidato bem-informado conseguirá acrescentar novos argumentos e novas ideias à sua redação.

1.6. Coesão e coerência textuais

1.6.1. Coerência

A coerência resulta da configuração que assumem os conceitos e relações subjacentes à superfície textual. É considerada o fator fundamental da textualidade, porque é responsável

pelo sentido do texto. Envolve não só aspectos lógicos e semânticos, mas também cognitivos, na medida em que depende do partilhar de conhecimento entre os interlocutores.

Um discurso é aceito como coerente quando apresenta uma configuração conceitual compatível com o conhecimento de mundo do receptor. Essa questão é fundamental. O texto não significa exclusivamente por si mesmo. Seu sentido é construído não só pelo produtor como também pelo receptor, que precisa deter os conhecimentos necessários à sua interpretação. O produtor do discurso não ignora essa participação do interlocutor e conta com ela. É fácil verificar que grande parte dos conhecimentos necessários à compreensão dos textos não explicita, mas fica dependente da capacidade de pressuposição e inferência do receptor.

Assim, a coerência do texto deriva de sua lógica interna, resultante dos significados que sua rede de conceitos e relações põe em jogo, mas também da compatibilidade entre essa rede conceitual – o mundo textual – e o conhecimento de mundo de quem processa o discurso.

1.6.2. Coesão

A coesão é a manifestação linguística da coerência; constrói-se por meio de mecanismos gramaticais e lexicais; advém da maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual. Responsável pela unidade formal do texto, constrói-se através de mecanismos gramaticais e lexicais.

Entre os primeiros estão os pronomes anafóricos, os artigos, a elipse, a concordância, a correlação entre os tempos verbais, as conjugações, por exemplos. Todos esses recursos expressam relações não só entre frases e sequências de frases dentro de um texto.

Já a coesão lexical se faz pela reiteração, pela substituição e pela associação. A reiteração se dá pela simples repetição de um item léxico e também por processos como a nominalização. A substituição inclui a sinonímia, a antonímia, a hiponímia, quando o termo substituído representa uma parte ou um elemento e o substituidor representa o todo ou a classe, e a hiperonímia, quando o termo substituído representa o todo ou a classe e o substituidor uma parte ou elemento. Finalmente, a associação é o processo que permite relacionar itens do vocabulário pertinentes a um mesmo esquema cognitivo.

A coerência e a coesão têm em comum a característica de promover a inter-relação semântica entre os elementos do discurso, respondendo pelo que se pode chamar de

conectividade textual. A coerência diz respeito ao nexos entre os conceitos e a coesão, à expressão desse nexos no plano linguístico. É importante registrar que o nexos é indispensável para que uma sequência de frases possa ser reconhecida como texto. Entretanto, esse texto nem sempre precisa estar explícito na superfície do texto por um mecanismo de coesão gramatical.

Por outro lado, uma sequência de frases interligadas por marcadores linguísticos de coesão que não correspondessem a relações efetivas estabelecidas na estrutura lógico-cognitiva subjacente não seria um texto.

É inegável a utilidade dos mecanismos de coesão como fatores da eficiência do discurso. Além de tornar a superfície textual estável e econômica, na medida em que fornecem possibilidades variadas de se promover a continuidade e a progressão do texto, também permitem a explicitação de relações que, implícitas, poderiam ser de difícil interpretação, sobretudo na escrita.

Além disso, os recursos coesivos, quando presentes, devem obedecer a padrões prévios, caso contrário seu emprego será percebido como infração textual, tornando irregular a sequência em que ocorrem. Alguns dos princípios que orientam o emprego desses recursos serão lembrados mais adiante.

1.7. Coesão e coerência na textualidade

Resumindo o que foi dito, o fundamental para a textualidade é a relação coerente entre as ideias. A explicitação dessa relação através de recursos coesivos é útil, mas nem sempre obrigatória. Entretanto, uma vez presentes, esses recursos devem ser usados de acordo com regras específicas, sob pena de reduzir a aceitabilidade do texto.

Os teóricos da linguística textual têm perseguido um modelo de estruturação do texto ao mesmo tempo sintática e semântica. Buscam regras que permitam não apenas distinguir entre textos gramaticais e agramaticais, mas também entre textos semanticamente aceitáveis e inaceitáveis. Os conceitos de gramaticalidade/ aceitabilidade semântica estão intimamente ligados aos de coesão/coerência textual, que passamos a discutir.

Dentre os autores que fazem distinção entre coesão e coerência está Mateus (1983, p.186), que fala em conectividade sequencial (coesão) e conectividade conceptual (coerência). A coesão resulta então dos “processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície

textual”. Já a coerência “é um fator de textualidade que resulta da interação entre os elementos cognitivos apresentados pelas ocorrências textuais e o nosso conhecimento do mundo.”

Para Van Dijk (1977), a coerência de um texto está ligada à noção de macroestrutura textual, também definível como a estrutura profunda do texto, ao passo que a coesão diz respeito ao encadeamento linear das frases ao nível da estrutura de superfície do texto.

Marcus (*apud* BERNÁRDEZ, 1982, p.157) define coerência como uma certa capacidade de atuar como unidade, enquanto coesão se refere à existência de conexão entre as diferentes partes. A coerência é, antes de tudo, de natureza semântica, nos remete a um certo significado global do texto; a coesão parece dominada por aspectos sintáticos e relacionais entre os componentes. Entretanto, seria imprudente e simplista considerar a coerência como fenômeno exclusivamente semântico, e a coesão como exclusivamente sintático.

De forma geral, pode-se entender a coesão textual como o conjunto de relações sintático-semânticas dos elementos constitutivos do texto entre si, enquanto a coerência textual é a relação entre o texto e o contexto extralinguístico, os sujeitos da enunciação, os dados da experiência acerca do mundo disponíveis aos falantes da língua e as condições objetivas e subjetivas de produção do ato linguístico.

Todas as definições de coerência textual implicam a noção de mundo: a análise da coerência de um texto é função de sua compatibilidade ao conhecimento que temos do mundo. Postula-se assim a existência de um mundo real (normal) e de mundos alternativos (anormais) – CONTRADITÓRIO – em relação aos quais o esquema cognitivo proposto pelo texto deve ser interpretado. A decisão sobre a coerência ou não do texto deve então ser tomada a partir de um conhecimento extratextual – e por vezes extralinguístico – que possuem os sujeitos da enunciação acerca do tema proposto.

É essa dimensão pragmática, característica do nível textual, o que, em última instância, permite distinguir o discurso “em grau zero” do discurso irônico e do ficcional. Por isso mesmo, as marcas da coerência textual nem sempre são encontráveis no próprio texto, como um enunciado incoerente quando tomado de forma isolada pode recuperar sua plena coerência quando religado à sua situação original de enunciação.

Discussão semelhante se deu, ainda em termos da gramática frástica, quando da proposição da célebre dicotomia chomskyana gramaticalidade/aceitabilidade. Desde logo constatou-se que frases agramaticais (do ponto de vista gerativo-transformacional) podem ser perfeitamente aceitáveis semanticamente, assim como uma frase gramaticalmente bem construída pode conduzir à contradição lógica e ao nonsense. Uma frase como “O menino

sexagenário fará oitenta anos amanhã” será perfeitamente normal e coerente numa peça de teatro do absurdo, por exemplo.

A coerência, portanto, depende tanto do contexto do enunciado (por vezes chamado de cotexto) quanto da situação de enunciação, isto é, da macroestrutura linguística na qual se dá o ato de comunicação. Já a coesão textual, embora também apresente uma dependência semântica, é de natureza essencialmente gramatical. Eis por que, sendo impossível enunciar regras de coerência textual independentes do aspecto pragmático, a busca de um modelo formal de descrição sintática de textos deverá recair na questão da enunciação de regras de coesão textual.

O problema se reduzirá assim à descrição das relações estritamente linguísticas existentes entre as frases de um texto dado, não importando a interpretação subjetiva que dele se faça em razão dos diferentes contextos em que possa ocorrer.

1.8. Outros fatores pragmáticos do texto

1.8.1. Enunciação

Para Eduardo Guimarães (1987), a história da definição da enunciação pode ser iniciada com a concepção benvenistiana, a qual diz que a enunciação é a apropriação da língua pelo sujeito que assim pode dizer o que tem a dizer. Isto é, Benveniste apresenta um sujeito com intenção; um sujeito enunciator que fala para alguém de um determinado lugar. Em resumo, “um eu que se caracteriza pela sua homogeneidade e unicidade e se constitui na medida em que interage com um tu – alocutário – opondo-se ambos a não pessoa, ele (eu – tu X ele)” (BRANDÃO, 1991, p.49). Embora o tu seja complementar e indispensável, na relação é o eu que tem ascendência sobre o tu.

Nos trabalhos de Ducrot (1984), aparece o conceito de enunciação como uma atividade do locutor em produzir um enunciado. Esse conceito leva o semanticista a considerar o sujeito da enunciação como uno e único. Sendo assim, Ducrot define enunciação como evento histórico do aparecimento do enunciado, ou seja, a enunciação é independente do sujeito.

Sendo a enunciação o ato individual de colocar a língua em funcionamento, ou de transformá-la em discurso, ela fica, na perspectiva de Benveniste, circunscrita ao espaço do subjetivo e do individual.

1.8.2. Argumentatividade

A argumentatividade foi um benefício deixado pelas análises transfrásticas, momento no qual os estudos sobre o texto ainda se limitavam aos enunciados. Nessa fase o objeto de indagação não era o texto em si, mas os tipos de ligação entre enunciados em uma série de enunciados.

Segundo tese defendida por Ducrot, a argumentatividade não constitui apenas algo acrescentado ao uso linguístico, mas, pelo contrário, está inscrita na língua, isto é, o uso da linguagem é inerentemente argumentativo. Para Koch (2002), dentro dessa concepção, entende-se como significação de uma frase o conjunto de instruções concernentes às estratégias a serem usadas na decodificação dos enunciados pelos quais a frase se atualiza, sendo assim, trata-se de instruções codificadas, de natureza gramatical, o que leva, portanto, ao reconhecimento de um valor retórico (ou argumentativo) da própria gramática.

1.8.3. Operadores e conectores argumentativos

A argumentação discursiva põe em jogo determinados "dispositivos" existentes na língua, designados operadores e conectores argumentativos. Vejamos, através de um exemplo, a forma como funcionam os operadores argumentativos. Os enunciados "Não são mais que oito horas" e "Já são oito horas" são diferentes do ponto de vista argumentativo (embora equivalentes do ponto de vista lógico) na medida em que, com o segundo enunciado, podemos encadear, por exemplo, "Temos de nos apressar" - o que já não posso fazer com o primeiro, que sugerirá, por exemplo, "Ainda vamos a tempo."

Assim, os operadores argumentativos transformam os enunciados referenciais em premissas das quais podemos tirar uma conclusão e não outra, situam o enunciado numa certa direção, implicam determinadas conclusões.

São ainda os operadores argumentativos que permitem o encadeamento dos atos ilocutórios que, como os elos de uma cadeia, constituem o discurso. Idealmente, pelo menos, uma pergunta "exige" uma resposta, uma ordem a sua obediência, uma promessa o seu cumprimento, etc.

Quanto aos conectores argumentativos, eles são os dispositivos (advérbios, conjunções e locuções de subordinação ou de conjunção, etc.) que permitem a conexão ou a ligação recíproca de dois ou mais enunciados. Veja-se o seguinte exemplo: "Como não me apetece

estudar, vou dar uma volta" é equivalente a "Vou dar uma volta, visto que não me apetece estudar" porque, em ambos os casos, usamos conectores equivalentes (como, visto que) para ligar "não me apetece estudar" e "vou dar uma volta". Numa argumentação, os conectores podem ligar as premissas entre si, as premissas com a conclusão e a conclusão com as premissas.

1.9. Metarregras de coerência

Não é qualquer conjunto de palavras que produz uma frase. Para que uma sequência de morfemas seja admitida como frase por um locutor-ouvinte nativo, é preciso que respeite uma certa ordem combinatória, é preciso que seja composta segundo o sistema da língua.

A ordem da língua aparece no uso sob a forma de prescrições imperativas implícitas, constituindo uma *norma mínima* a partir da qual todo falante é capaz de realizar espontânea e ingenuamente operações discriminatórias fundamentais do gênero “não é português”, “uma algaravia”.

Essa ordem normativa constitutiva implícita é explicitada pela gramática (de frase), que a reproduz teoricamente, construindo regras combinatórias sobre as quais repousa.

O nosso trabalho incidirá exclusivamente sobre as estratégias de intervenção que o professor desenvolve, frente a certos textos escritos de alunos julgados por ele como incoerentes, que um tal sistema, uma vez constituído, não é aplicável mecanicamente, mas sim, estrategicamente.

COERÊNCIA E COESÃO NA PERSPECTIVA DE CHAROLLES

1ª Metarregra de repetição (MRI) - Para que um texto seja (microestruturalmente e macroestruturalmente) coerente é preciso que contenha, no seu desenvolvimento linear, elementos de recorrência escrita. “A repetição constitui uma condição necessária – embora evidentemente não suficiente – para que uma sequência seja coerente.”

Para assegurar essas repetições, a língua dispõe de recursos numerosos e variados, como: pronominalizações, definitivações, referenciações contextuais, substituições lexicais, recuperações pressuposicionais...

As pronominalizações resultam da aplicação de processos transformacionais sobre os quais pesam restrições. A mais conhecida é a proposta por Langacker, que estimula que um

pronome não pode, na representação sintagmática intermediária, ao mesmo tempo, preceder e comandar o grupo ao qual se refere.

“Ele (1) sabe muito bem que Pedro (2) não estará de acordo com Mário (1).” Nesse enunciado, não é possível interpretar “ele” como representando Mário; diante de tal ocorrência, a única solução é recuperar o pronome da 3ª pessoa como remetendo a um indivíduo diferente de Pedro (2) e Mário (1), o qual deve-se supor que foi citado anteriormente ou que é perfeitamente conhecido do emissor e do receptor.

Sem verdadeiramente romper a continuidade sequencial, esses disfuncionamentos introduzem “zonas de incertezas” no texto. As definitivações e as referenciações dêiticas contextuais permitem retomar declarada ou virtualmente um substantivo de uma frase para outra ou de uma sequência para outra, como demonstra o exemplo abaixo:

a) “Minha avó tem *duas cabras*. Todos os dias, a gente ia ao jardim à 3 Km. As cabras passeiam em volta.”

Certas restrições de proximidade parecem pesar sobre o emprego dos determinantes definidos; o emprego dos dêiticos contextuais é mais natural:

b) “Jerônimo acaba de comprar uma casa. A casa é grande e tem estilo.”

As crianças do primeiro grau parecem dominar bem esses procedimentos de retomada, sempre contra a vontade dos professores que caçam repetições. O uso dos definitivos e dos dêiticos contextuais é acompanhado de substituições lexicais. Esse procedimento permite evitar as retomadas lexemáticas ao mesmo tempo em que se garante uma retomada escrita, como:

c) “Houve *um* crime na semana passada na cidade: uma velhinha foi estrangulada na banheira. *Este* assassinato é odioso.”

Por mais difícil que seja analisar essas repetições, elas não colocam problemas maiores no quadro de uma gramática de textos com base semântica. Mais problemática é a questão de saber se o emprego simultâneo de um determinante definido com um lexema de substituição é suficiente para estabelecer uma correferência escrita.

No que diz respeito às recuperações pressuposicionais, a retomada incide nos conteúdos semânticos não manifestos, que devem ser reconstruídos para que apareçam, explicitamente, as recorrências.

PERGUNTA: “Será que Felipe vendeu seu carro?”

RESPOSTA: “Não, ele vendeu a bicicleta.” // “Não, roubaram-lhe.” // “Não, ele emagreceu.”

O fato é que todas as respostas retomam graças a “ele”, o termo “Felipe” é julgado diferente. Faz ressaltar nitidamente que as condições de repetição apresentadas até aqui são insuficientes para garantir, por si mesmas, a coerência de uma sequência. A diferença de avaliação se explica se levarmos em conta que as respostas se repetem, no seu posto, uma das pressuposições da pergunta, enquanto não retoma nenhuma.

2ª- *Metarregra de progressão* (MR2) - Essa segunda metarregra completa a primeira, no sentido de que ela estipula que um enunciado, para ser coerente, não pode simplesmente repetir indefinidamente seu próprio assunto.

A exigência da progressão semântica é evidentemente das mais elementares e , à medida que o próprio ato de comunicar supõe “alguma coisa a dizer”, concebe-se que ela só, muito raramente, não seja satisfeita.

Num texto coerente , a introdução de informação nova não se faz de qualquer maneira. As pesquisas atuais sobre a articulação tema/rema fornecem numerosos exemplos de percursos progressivos e mostram como num texto bem-formado a introdução dos elementos de “novidade semântica” obedece à regra e faz-se de maneira programada na sequência de elementos já conhecidos.

3ª- *Metarregra de não contradição* (MR3) - Em lógica, com se sabe, o princípio da não contradição proíbe que se tenha, ao mesmo tempo “p” e “não p”; como o cálculo das preposições é fundamentalmente extensivo, estipula simplesmente que é inadmissível que uma mesma preposição seja conjuntamente verdadeira e não verdadeira, ou falsa e não falsa.

Os casos de *contradição natural*, que seriam os mais próximos daqueles tratados pelos lógicos, são muito raros nos discursos ordinários. Ex: “A luz é de natureza ondulatória...A luz não é de natureza ondulatória...”

Todavia, em tais sequências, a contradição é plenamente assumida e representada, isto é, o discurso se contradiz com toda evidência para manifestar, retoricamente, para fins argumentativos. Cujos caráter problemático se quer justamente enfatizar.

Contradições enunciativas

Toda manifestação frástica ou textual fixa seu próprio quadro enunciativo pelo menos de duas maneiras: de um lado, produzindo seu sistema de referência temporal e, de outro, instaurando um modo de funcionamento discursivo determinado.

Contradições inferenciais e pressupicionais

Existe uma contradição inferencial quando, a partir de uma preposição, pode-se deduzir outra que contradiz um conteúdo semântico posto ou pressuposto numa preposição circundante. Ex: “Minha tia é viúva. Seu marido coleciona máquinas de costura.”

O efeito de incoerência resulta de incompatibilidades semânticas profundas às quais é preciso acrescentar considerações temporais, basta pôr no passado “colecciona” para suprimir as contradições.

Mundo, representações do mundo e contradição

Um grande número de contradições naturais não pode ser explicado fora de uma problemática que integra as noções de mundo e de representação.

Contradição de mundos

A noção de mundo foi recentemente introduzida em Linguística por alguns pesquisadores, em particular o famoso enunciado tirado de J. Morgan:

“Pedro sonha que é alemão e que ninguém sabe disso.”

Interpretamos “disso” como substituindo “que é alemão”. A partir de “sonhar”, infere-se “Pedro não é alemão”, que contradiz a pressuposição “Pedro é alemão”, resultante do factivo. Esse raciocínio aparentemente consequente é inexato, pois é contraditório, o que não é de fato.

Contradições de representações do mundo e dos mundos

Essas contradições são de natureza pragmática. Função das convicções dos participantes do ato de comunicação textual, elas dependem da imagem que eles fazem do mundo ou dos mundos de referência que o texto manifesta. A relatividade subjetiva dessas contradições torna difícil seu reconhecimento, compreende-se que, nesse nível, não se possa fazer referência ao sentimento de um nativo ideal. Ex: “Oscar saiu do metrô. Estava correndo de cabeça baixa num corredor quando bateu com toda força numa árvore.”

A instanciação dos mundos remete a mecanismos puramente linguísticos, as coisas começam a adquirir um carácter pragmático quando o receptor ultrapassa esse nível para interpretar, no qual não existe árvores no corredor do metrô.

Tudo leva a pensar, que os esquemas representativos, não são subjetivos, mas de preferência culturalmente determinados.

4ª - Metarregra da relação - Para que uma sequência ou um texto seja coerente, é preciso que os fatos que se denotam no mundo representado estejam relacionados.

Essa quarta regra é também de natureza pragmática. Enuncia simplesmente que, para que uma sequência seja admitida como coerente, é necessário que as ações, estados ou eventos que ela denota sejam percebidos como congruentes no tipo de mundo reconhecido por quem avalia.

Para que uma sequência ou um texto seja coerente, é preciso que os fatos que denotam no mundo representado estejam diretamente relacionados.

1.10. O processo de retextualização

Como item final, do capítulo teórico da presente tese, coloquei o diálogo acerca de um conceito fundamental para as análises que virão a seguir: o processo de retextualização. Esse conceito será tratado de acordo com os trabalhos desenvolvidos pelo professor Luiz Antônio Marcuschi, no livro “Da fala para a escrita” (2007).

Segundo Marcuschi (2007), são os usos que fundam a língua e não o contrário. Portanto, precisamos usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido em uma determinada situação. A intenção comunicativa é que funda o uso da língua e não a morfologia ou a gramática.

Nessa perspectiva, o autor traz o conceito de retextualização com o intuito de analisar os processos de refazimento de textos. Para ele, retextualização é a passagem de uma modalidade de texto para outra. Trata-se de um processo complexo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e, evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem compreendidos da relação entre textos.

Na obra em questão, Marcuschi foca seus estudos na passagem do texto oral para o texto escrito. Porém, ele considera quatro possibilidades de retextualização:

1. FALA ⇒ ESCRITA (ENTREVISTA ORAL ⇒ ENTREVISTA IMPRESSA)
2. FALA ⇒ FALA (CONFERÊNCIA ⇒ TRADUÇÃO SIMULTÂNEA)
3. ESCRITA ⇒ FALA (TEXTO ESCRITO ⇒ EXPOSIÇÃO ORAL)
4. ESCRITA ⇒ ESCRITA (TEXTO ESCRITO ⇒ RESUMO ESCRITO)

Nesta tese, devido ao objetivos delineados e ao corpus da pesquisa, vamos nos valer da possibilidade 4 (ESCRITA ⇒ ESCRITA / TEXTO ESCRITO ⇒ RESUMO ESCRITO). O movimento textual que será estudado na tese é de um texto escrito (a) para um texto escrito (b). Até por que, para elaborar um resumo, o produtor do texto parte de um texto global, ou seja, o trabalho científico completo, para um resumo escrito. A intenção do resumo é condensar o texto da tese.

CAPÍTULO II

O TEXTO EM SUA TESSITURA GLOBAL: ANÁLISE DA TEXTUALIDADE NO PROCESSO DE REVISÃO TEXTUAL DE RESUMOS DE TCC

Neste capítulo traremos a análise dos textos que pretendem dar conta dos objetivos propostos na tese, a partir da integração fractal das diferentes instâncias que concorrem para a realização da revisão e da retextualização, visando a uma articulação do processo e das operações de reconstrução textual.

Vale recuperar que a tese tem por objetivo principal: (i) identificar, no corpus selecionado, os procedimentos metodológicos de revisão textual que possam subsidiar a busca de rearticulações operacionais da reconstrução do texto e a necessidade de desvelar os fatores pragmáticos presentes em um texto que auxiliem o processo de produção e revisão de textos. Desde o início da pesquisa, postulamos a necessidade da integração entre a gramática e os fatores de textualidade para iniciarmos um modelo de produção textual doravante competente.

Para dar conta dos objetivos propostos, a tese vai ter como corpus de análise os resumos de trabalho de conclusão de curso de graduação. A seguir, a explicação dos motivos que nos levaram a escolher esse gênero textual; a conceituação do gênero resumo; as características de um resumo de TCC; as categorias de análise; e a análise propriamente dita.

2.1. A revisão textual

Para iniciar o diálogo acerca do tema revisão textual, é importante elencar alguns conceitos básicos. Foi considerada a revisão de texto como um processo de interferências que tem por objetivo central a sua melhoria. Essas mudanças podem atingir palavras, frases ou parágrafos e ocorrem por cortes, inclusões, inversões ou deslocamentos. A pessoa encarregada dessa tarefa é chamada de revisor de textos, cujo papel é verificar se há erros de ortografia, se o texto está corretamente direcionado aos fatos citados, entre outros. Tratando-se de um processo de autorrevisão, as mudanças são feitas pelo próprio autor sem a ajuda de colega ou do revisor.

O revisor exerce uma função essencial nas profissões de Jornalismo e Editoração, nas quais a revisão é parte do processo de elaboração do produto final (jornal, revista ou livro), bem como na finalização do trabalho acadêmico. No entanto, muitas empresas jornalísticas reduziram ou mesmo eliminaram as equipes de revisores após a introdução da informática nas redações, como se os corretores ortográficos pudessem suprir sua falta – o que está longe de ocorrer. Raro também é que as instituições de ensino e pesquisa estejam dotadas de revisores de textos.

Todo texto deve ser submetido a algumas fases de revisão; as primeiras e a última pelo próprio autor. Entretanto, outras pessoas devem revisar o trabalho para que os diversos tipos de problemas sejam reduzidos ao mínimo.

O autor, devido à sua familiaridade com o assunto e proximidade ao texto, quase sempre comete lapsos e equívocos que ele próprio não identifica em sucessivas leituras de seu trabalho. Mesmo os orientadores acadêmicos, formalmente responsáveis pelo acompanhamento da produção, pelos mesmos motivos, estão sujeitos a tais enganos e lapsos.

Os revisores profissionais trabalham melhor se o texto lhes for entregue “pronto”, inteiro, de forma que depois de revisado não sofra mais modificações. A última fase será a conferência, por parte do autor, para verificar se suas intenções e ideias foram corretamente interpretadas.

2.2. As operações de Revisão Textual

A. REVISÃO PRIMÁRIA

Para alguns, confunde-se com o copidesque (em inglês copy desk) ou com preparação de texto (em inglês revision); aponta incoerências, repetições, uso incorreto da língua e falta de normalização. Geralmente, inclui mecanismos eletrônicos de verificação da ortografia e sintaxe. Em alguns casos, inclui a formatação de texto, inclusive em se tratando de trabalho acadêmico, quando serão obedecidas normas da ABNT, Vancouver, APA, ISO, por exemplo, ou as normas da própria instituição ou veículo a que se destina o texto. Nessa fase é comum e aconselhável a interação com autor ou autores, bem com editores, orientadores e outros responsáveis pelo texto.

B. REVISÃO SECUNDÁRIA

Verifica uniformidade e constância temporal e pessoal das formas verbais, vícios de eufonia, linguagem oral ou desconhecimento etimológico, clareza, ordenação sintática e hierarquização das ideias. Verificação “final” de todos os aspectos linguísticos, metodicamente, conferindo os diferentes aspectos na seguinte ordem:

- erros de digitação, ortografia, pontuação e concordância não detectáveis pelos revisores eletrônicos;
- uniformidade e constância temporal e pessoal;
- vícios decorrentes da linguagem oral ou desconhecimento etimológico;
- vícios de eufonia (cacófatos e outros);
- ordenação sintática e hierarquização das ideias.

C. REVISÃO DE PROVAS

Um revisor lê a obra já diagramada em formato de página (em inglês proofreading), checando não só erros de português como inconsistências de tipologia, espaços a mais ou a menos, numerações, “caminhos de rato”, “viúvas”, “forcas” e similares problemas de paginação.

D. REVISÃO ACADÊMICA

Revisão de teses, dissertações, monografias, artigos, comunicações e trabalhos acadêmicos em geral. Normalmente requer a interferência de profissional habituado ao jargão universitário, familiarizado com as normas e objetivos do texto científico.

E. REVISÃO TÉCNICA

Inclui interferência crítica feita por um profissional com qualificação acadêmica no objeto do trabalho, proporcionando ao autor a tranquilidade de uma opinião externa e descomprometida com o conteúdo do texto e com sua produção, sendo um importante recurso para os autores que trabalham distantes de seus orientadores formais.

F. REVISÃO FINAL

No jargão dos revisores, conhecida como “cata piolho” e outras expressões do gênero. Refere-se à última leitura do texto, antes do esgotamento do prazo para entrega. Verifica todas as mínimas questões remanescentes; e sempre haverá mais a ser revisado, enquanto houver tempo.

O texto é amigável, incluído o que o leitor precisa saber e, só o que ele precisa saber? O texto tem uma tese ou propósito? Os parágrafos se relacionam com a tese ou propósito? Cada parágrafo tem um tópico frasal com a ideia central? Os detalhes de cada parágrafo se relacionam com a ideia central? Alguns detalhes devem ser movidos para outro parágrafo? Há uma frase de conclusão para o parágrafo? Há transição entre os parágrafos? O verbo concorda sempre com o sujeito? A escolha dos pronomes e sua posição está correta? As estruturas de coordenação e subordinação sintática estão corretas? Há orações muito longas que devem ser separadas? Há sequências de frases muito curtas? Há palavras faltando? Há palavras repetidas?

Quadro 1 – Formatação primária

A primeira etapa de revisão tem o objetivo de corrigir principalmente os erros e textos em versão eletrônica, eliminando os erros recorrentes desse tipo de redação e edição pelo autor, ou autores e demais pessoas que interferiram no texto, editores ou orientadores – por exemplo. O quadro que se segue exemplifica o procedimento, mas não o esgota.

OCORRÊNCIA	JUSTIFICATIVA	INTERFERÊNCIA
Duplo parágrafo.	Tentativa de formatar o parágrafo, dando espaços.	Substituir parágrafo duplo por simples.
Múltiplos espaços entre as palavras.	Erro na digitação ou movimentação de palavras ou grupos.	Localizar e substituir espaços duplos por simples.
Espaços antes ou depois de marcas de parágrafo.	Mais comumente por erro de digitação.	Localizar e substituir os espaços excedentes.
Espaços antes de sinais de pontuação.	Mais comumente por erro de digitação.	Localizar e substituir os espaços excedentes.
Uso de hífen entre as palavras.	Os autores não conhecem a diferença entre hífen, vírgula inglesa e travessão.	Localizar e substituir adequadamente.

Quadro 1 – Formatação primária
Fonte: Marli Quadro Leite, 2006

Quadro 2 - Erros comuns

A segunda etapa corrige os erros mais comuns, os que ocorrem em abundância em quase todos os textos, devem ser procurados de forma sistemática ao longo do trabalho. O quadro seguinte exemplifica as ocorrências típicas e procedimentos.

OCORRÊNCIA	JUSTIFICATIVA	INTERFERÊNCIA
Um, uma.	Abuso de pronomes e artigos indefinidos.	Excluir supérfluos.
Mais do que...	Uso inadequado de comparativo.	Excluir “do”.
Aonde, onde.	Impropriedades: regência e/ou inadequação.	Substituir um pelo outro ou adequar.
Do / da.	Impropriedade no emprego da preposição no sujeito.	Substituir por “de o / de a”.
Nível de...	Impropriedade no emprego em sentido figurado, ou como locução adverbial expletiva.	Substituir pelo advérbio correspondente ou suprimir, segundo o caso.

Quadro 2 - Erros comuns
Fonte: Marli Quadro Leite, 2006

2.3. O resumo de monografias de conclusão de curso de graduação

O projeto de pesquisa da tese sempre teve como objetivo principal analisar textos acadêmicos, como monografias de conclusão de curso, para verificar adequadamente os objetivos propostos. Contudo, pelo extenso número de páginas desse gênero textual – algumas vezes mais de duzentas páginas, ficaria inviável analisar os trabalhos por inteiro. Por conseguinte, precisávamos escolher algum texto que traduzisse de forma efetiva o conteúdo do referido trabalho acadêmico. Identificamos, então, o resumo como uma forma sucinta de resgate do texto, pelo fato desse item do trabalho oferecer o reflexo da sua estrutura e do seu conteúdo teórico e metodológico.

2.3.1. Características de um resumo

A presente tese possui um corpus com diversos resumos para serem analisados e um dos pontos cruciais para obtermos bom resultados é o entendimento pleno do conceito de resumo. Em seguida, faz-se necessário delimitar o conceito para o que é e como se produz um resumo de Monografia de Conclusão de Curso. É importante, também, entender quais são as características desse tipo de texto para verificar como isso pode ser colocado na prática de produção textual.

Portanto, o que é um resumo? Segundo Marli Quadros Leite (2006), resumo pode ser conceituado como uma forma reduzida de informação, ou mesmo o resultado de um processo mental de compreensão. Por meio desse conceito apresentado, podemos inferir que o conceito está diretamente ligado ao produtor (redator) do resumo, principalmente quando a referência se dá a partir de uma *processo mental de compreensão*. Ainda de acordo com Leite (2006), resumir também pode ser considerado um ato de sumarizar a informação. Para que possamos entender melhor o resumo, convém destacar duas instâncias que serão analisadas: o redator do resumo e o leitor do resumo.

O redator do resumo, como o próprio nome diz, é aquele que redige o texto, quem produz o pensamento e o transforma na modalidade escrita da Língua, em forma de texto. Para se elaborar um resumo, é imprescindível ter conhecimento de causa, isto é, somente é possível resumir algo que se conhece, compreende, presencia, vive ou ouve. O ato de resumir é resultante da capacidade mental que o ser humano tem de compreender coisas. Não é possível, portanto, elaborar um resumo daquilo que é desconhecido.

Por outro lado, existe o leitor do resumo, e todo processo de compreensão daquilo que é escrito depende dele, porque a leitura e a compreensão estão diretamente relacionadas às competências que o leitor deve ter. É claro que um texto ruim, mal-estruturado, sob o ponto de vista do conteúdo, formal e linguístico, pode provocar um problema à leitura, mas o bom leitor sabe distinguir o texto bom do texto ruim e se comportar adequadamente diante de qualquer tipo de texto.

Ao pensar em estratégias para o processo de resumos de texto, Leite (2006, p.15) diz:

a memória humana é capaz de selecionar certas informações, as arquiva e apaga outras. O processo é: selecionam e apagam. Além disso, a mente reconstrói informações aprendidas oferecendo uma nova forma a essas informações, o que a torna resumida, reduzida.

Todo texto se encaixa num gênero discursivo, portanto, existem dados possíveis para recuperação imediata pelo leitor. Dessa forma, deve-se analisar os elementos contido no texto: título, autoria, divulgação, atividade social, estilo linguístico e forma composicional.

As estratégias são de dois grandes tipos: as que se concretizam por seleção dos conteúdos lidos, e as que decorrem de construção elaborada a partir dos conteúdos aprendidos.

Na primeira estratégia, a seleção, decorre de duas operações mentais, uma denominada cópia e outra denominada apagamento. A cópia é o armazenamento de informações e apagamento, como o próprio nome diz, elimina as informações. Essa estratégia permite que o leitor mantenha a linguagem do texto-fonte, já que, literalmente elimina o conteúdo secundário à ideia central do texto.

Pela segunda estratégia, a mente reconstrói a informação relevante, por meio de dois processos básicos: o da generalização, pelo qual uma sequência de informações particulares pode ser substituída por itens que a englobe; e o da construção, pelo qual uma sequência de informações pode ser substituída por outra mais reduzida, inferida pela associação de seus significados.

Em ambos os casos, o leitor se atém ao conteúdo do texto, sendo fiel às informações nele contidas. Esquemáticamente, estas são as estratégias a que nos referimos:

1. Seleção: manutenção de conteúdos relevantes e conseqüente eliminação dos irrelevantes, por meio das operações de:

a. CÓPIA: manutenção de informações primárias;

b. APAGAMENTO: eliminação de informações secundárias;

2.Construção: substituição de uma sequência por outra por meio das operações de:

a.GENERALIZAÇÃO: substituição de informações particulares por gerais.

b.CONSTRUÇÃO: reelaboração da informação por associação de significados.

Segue uma exemplificação dos referidos procedimentos, segundo Leite (2006):

A ESSE RESPEITO, A CAMPANHA DO DESARMAMENTO , QUE JÁ RECOLHEU MAIS DE MEIO MILHÃO DE ARMAS, JÁ PRODUZIU IMPORTANTES RESULTADOS. O MINISTÉRIO DA SAÚDE INFORMA QUE OS HOMICÍDIOS POR ARMAS DE FOGO CAÍRAM 8,2%EM 2004 EM RELAÇÃO A 2003. FORAM DE 39.325 ASSASSINATOS EM 2003 PARA 36.091 NO ANO SEGUINTE. É A PRIMEIRA QUEDA NESSE INDICADOR DESDE 1.992.

Extraído do Editorial da Folha de S.Paulo, 09 de outubro de 2005.

O resumo seria:

A CAMPANHA DO DESARMAMENTO JÁ PRODUZIU IMPORTANTES RESULTADOS. O MINISTÉRIO DA SAÚDE INFORMA QUE OS HOMICÍDIOS CAÍRAM 8,2% EM 2004 EM RELAÇÃO A 2003. É A PRIMEIRA QUEDA NESSE INDICADOR DESDE 1.992.

2.3.2. *Os possíveis gêneros de resumo (DESENVOLVER O TEXTO)*

Primeiramente, não devemos nos esquecer de observar dados sobre o texto, em outras palavras, o leitor deve examinar o gênero em que se enquadra o texto. Depois, os elementos contextualizados devem ser examinados e, finalmente, o leitor deve fazer uma leitura rápida para entender o texto. Feito isso, já é possível as seguintes perguntas sobre o texto: A que gênero pertence? Que veículo publicou? Quem é o autor? Qual é o tema objeto? Qual a sua finalidade? Passando por essa fase, o leitor está preparado para realizar uma leitura definitiva.

2.3.3. *Características do resumo de monografia de conclusão de curso*

Um resumo de Monografia de Conclusão de Curso precisa, necessariamente, obedecer a um determinado modelo para ser aceito pelas sociedades científicas. Segundo Leite (2006), um resumo científico deve apresentar as seguintes etapas:

- a) declaração do tema;
- b) o objetivo da pesquisa;
- c) a citação do quadro teórico e metodológico que suporta o trabalho;
- d) o resultado alcançado.

Para ilustrar esses procedimentos, segue um resumo de um trabalho científico, redigido por uma aluna do programa de pós-graduação em Língua Portuguesa, em nível de Doutorado, na Universidade de São Paulo. Espera-se, portanto, que esse resumo esteja completamente adaptado aos padrões estabelecidos pela sociedade científica. Vamos ler o resumo e, posteriormente, analisar essa questão.

Maria Teresa Rego de França – Universidade de São Paulo – 2006 – A Construção Lingüística do riso nas Crônicas de José Simão. Tese de Doutorado em Letras.

Subjaz a este trabalho o objetivo de analisar como o riso e o risível são construídos linguisticamente. A fundamentação teórica baseia-se em Bergson, Propp, Bahktin, Todorov, Raskin e Attardo. Inicialmente, procedemos a uma retomada histórica, buscando conhecer como o riso e o risível foram explicados por vários pensadores e teóricos de diferentes épocas. De Aristóteles a Freud, pudemos constatar o domínio de três grandes correntes teóricas: a psicologia, a sociologia e a psicanalítica. Somente quando a Linguística se fixa como ciência, já no século XX, o fenômeno do riso passa a ser estudado sob a perspectiva estritamente linguística. No segundo capítulo, procedemos à contextualização do corpus e buscamos verificar como a produtividade do humor - o dizer muito com pouco - se constrói em outra mídia. Se a comicização extratextual revelou-se típica nos textos analisados, também pudemos detectar que o humor de José Simão constantemente se realiza via paródia e apresenta características do cômico grotesco. Explicitar e exemplificar a Teoria Semântica do Humor, proposta por Raskin - para que em todo o texto risível envolve a sobreposição de Scripts e a presença de um gatinho que permite a passagem do modo sério (bona fide) para o modo joke telling (non-bona fide) - foram as ações que nortearam a elaboração do nosso terceiro capítulo. Já o quarto capítulo foi dedicado exclusivamente ao humor das palavras, ou seja, ao humos verbal cuja motivação inicial decorre de se explorarem os aspectos sonoros, significantes. O último capítulo, dedicado à análise, permitiu-nos constatar como a clássica divisão de Cícero (humor da res e o humor da verba) permanece atual: as piadas trocadilhescas e as situacionais bem o comprovam.

Palavras-chave: crônica; riso; humor de ação; humor de palavras; paródia.

Após a leitura, vamos identificar as etapas.

Primeira etapa: declaração do tema. É possível notar que as duas primeiras orações do resumo não possuem uma declaração explícita do tema. A autora do texto coloca o objetivo da pesquisa e a fundamentação teórica: *Subjaz a este trabalho o objetivo de analisar como o riso e o risível são construídos linguisticamente. A fundamentação teórica baseia-se em Bergson, Propp, Bahktin, Todorov, Raskin e Attardo.*

Em seguida, o resumo começa a relatar o conteúdo de cada capítulo. Vale lembrar que o primeiro capítulo acaba designado por “inicialmente”. Podemos fazer tal afirmação, pois a autora coloca no período seguinte com o início de “segundo capítulo”: *Inicialmente, procedemos a uma retomada histórica, buscando conhecer como o riso e o risível (...) No segundo capítulo, procedemos à contextualização do corpus e buscamos verificar como (...).*

A segunda e a terceira etapas – o objetivo da pesquisa e a citação do quadro teórico e metodológico – já foram colocadas no início do texto, conforme citado acima.

A quarta e última etapa – os resultados alcançados – foram redigidos no último período: *O último capítulo, dedicado à análise, permitiu-nos constatar como a clássica divisão de Cícero (humor da res e o humor da verba) permanece atual: as piadas trocadilhescas e as situacionais bem o comprovam.*

Por meio dessa análise preliminar, conseguimos verificar que o resumo da aluna da Universidade de São Paulo não conseguiu respeitar todas as etapas previstas e estabelecidas pela sociedade científica. É fundamental reforçar que isso não invalida o resumo; ao contrário, apenas comprova que alguns textos, considerados supostamente como modelos, podem, também, não conseguir dar conta dos propósitos estruturais.

O corpus da tese possui, conforme mencionado desde o início do trabalho, os resumos de TCC como exemplos fundamentais daquilo que se pretende apresentar como procedimentos pragmáticos de revisão textual. Dessa forma, um item de suma importância, para levarmos em conta dentro da análise que será feita, é a definição de resumo, bem como a colocação de suas características quando em contexto de Monografia de Conclusão de Curso.

O resumo do trabalho monográfico ou de conclusão de curso tem em sua melhor definição como um condensado da monografia. Ele funciona justamente como um modelo compactado da pesquisa realizada. Portanto, devem estar as principais informações presentes

nas monografias: deve conter algo da introdução, da metodologia e dos resultados do TCC. Assim, ele seria um sumário dos dados constantes na monografia.

De uma forma ainda inicial, após as considerações feitas na pesquisa, faço a seguinte consideração: “A qualidade de um bom resumo monográfico é avaliada pela capacidade de oferecer ao leitor condições de analisar o conteúdo da monografia sem a necessidade de leitura de todo o texto”.

Um erro muito comum praticado por autores de monografias e artigos científicos ao redigirem seus resumos é torná-los demasiadamente prolixos. Um bom resumo deve ter no máximo 300 palavras, e não pode fugir, em hipótese alguma, do tema da pesquisa. Outro ponto comum a todos é que, geralmente, ele é preparado em um único parágrafo. Isto facilita a leitura do mesmo, sem riscos de se desviar do assunto. No que concerne à extensão do resumo, a ABNT faz a seguinte recomendação:

1. Notas e comunicações breves - até 100 palavras;
2. Monografias e artigos - até 250 palavras;
3. Relatórios e teses - até 500 palavras.

No entanto, apesar de seguirem sempre uma estrutura mais ou menos comum, alguns autores classificam os resumos de modo distinto, ou seja, para estes, existiriam mais de um gênero de resumo. Teríamos, assim, os tipos informativos e os descritivos. A diferença entre ambos residiria no conteúdo do mesmo.

Um resumo informativo é aquele que oferece uma pincelada de cada tópico ou de cada elemento de importância da monografia ou do artigo científico. Já o descritivo enfocaria mais as razões pelas quais o TCC foi elaborado, quais os elementos fundadores do mesmo, em detrimento das informações metodológicas e dos resultados.

A ABNT distingue quatro tipos de resumo:

1. *Resumo indicativo* é (usar exemplo do resumo que parece um memorial) um sumário narrativo, que exclui dados qualitativos e quantitativos e não dispensa a leitura do texto.
2. *Resumo informativo* é uma condensação do conteúdo, que expõe finalidades, metodologia, resultados e conclusões, dispensando a leitura do texto.
3. *Resumo informativo/indicativo* é a combinação dos dois tipos citados. Pode dispensar a leitura do texto quanto aos demais aspectos.

4. *Resumo crítico ou recensão*, redigido por especialista, é uma análise interpretativa do documento, não sendo objeto desta norma.

Se você notar, nós sempre damos preferência ao resumo informativo, sendo este o conceito abordado em nossas monografias. A partir de sua estrutura, o tópico em questão necessitará demonstrar o objetivo geral e o objeto de pesquisa da monografia, assim como descrever brevemente a metodologia utilizada, apontar brevemente os resultados e enunciar a conclusão fundamental.

É praxe que o tempo verbal utilizado para a escrita seja o pretérito perfeito do indicativo, visto que a pesquisa monográfica já foi realizada e as conclusões já foram isoladas; ou presente do indicativo, por indicar uma relação atemporal.

Por seu caráter profundamente sintético, o resumo de uma monografia ou de um TCC não poderá conter informações novas, isto é, que não façam parte do corpo do texto. E por sua profunda pessoalidade, coligada ao esforço direto do autor de monografias, o resumo não terá citações bibliográficas, salvo se o trabalho monográfico ou o artigo científico for uma revisão bibliográfica apoiada fortemente em um autor específico. De acordo com suas características, um bom resumo de um texto monográfico deve ser capaz de oferecer um panorama curto, porém incisivo e completo.

Segundo a ABNT/NB-88, o resumo corresponde à apresentação concisa dos pontos relevantes de um texto. Quando se trata de monografia-tese (tese acadêmica), o resumo precede o texto e é sempre redigido pelo próprio autor. Em suma, um *resumo* deve:

1. apresentar as ideias mais relevantes do original, indicando sucintamente:
 - a) o assunto e o propósito do trabalho;
 - b) o aparato, ou aparelhagem, de que, se for o caso, se serviu o autor nas suas pesquisas e experiências;
 - c) o método adotado;
 - d) os resultados e conclusões;
2. Ser redigido em linguagem objetiva e impessoal, sem qualquer juízo ou apreciação crítica sobre o mérito ou as falhas do trabalho (isto competes às recensões críticas);
3. Ser inteligível por si mesmo, como se fosse uma peça autônoma, evitando-se assim expressões tais como "o autor deste trabalho...", "o assunto desta tese..." e outras equivalentes;

4. Evitar tanto quanto possível repetição de frases íntegras do original, o que não impede a citação entre aspas de uma ou outra expressão típica:
5. Destacar com a devida ênfase a contribuição pessoal do autor (fatos novos, novas teses, interpretações e conclusões):
6. Ser feito, enfim, de tal forma que, oferecendo ao leitor uma visão sucinta do assunto, possa levá-lo, a se interessar por informações mais detalhadas, à leitura do original.

ANÁLISE DOS RESUMOS DE TCC

Para chegar ao objetivo central da tese, isto é, criar operações e procedimentos de reconstrução textual por meio dos resumos de TCC, percorri um caminho de análise. Em um primeiro momento, fiz uma análise gramatical dos resumos. Em seguida, elenquei algumas categorias de análise pelo ponto de vista pragmático. Por fim, cheguei a um esboço das operações e procedimentos pretendidos. Igualmente quero proceder com os leitores deste trabalho. Vou percorrer o mesmo caminho com o intuito de dialogarmos efetivamente sobre o raciocínio da pesquisa.

ANÁLISE GRAMATICAL DOS RESUMOS (1º PASSO)

Os resumos de TCC são de faculdades particulares de São Paulo. Os nomes das instituições, dos grupos de trabalho, dos integrantes de cada grupo e do responsável pelo trabalho serão modificados para preservar a identidade de todos.

RESUMO 1 – GRUPO DE PUBLICIDADE 1 – FACULDADE 1

O resumo da agência de Publicidade 1, inserido na monografia de conclusão do curso de graduação em Publicidade e Propaganda, foi redigido no ano de 2010, para obtenção do grau de bacharel. No quadro abaixo, segue o resumo exatamente como o grupo escreveu em seu trabalho (exceto os nomes, conforme citado anteriormente), depois as observações gramaticais que fiz e, em seguida, o resumo modificado de acordo com os referidos aspectos elencados. Vale salientar que cada número entre parênteses, no texto abaixo, diz respeito ao item gramatical que será exposto em seguida.

Os alunos José Aldo, Michele Silva, Elton Hélio e Priscilla Lira formaram a agência Pratcomunicar no sexto semestre do curso de comunicação social com habilitação em

publicidade e propaganda (1) na Faculdade das Américas. Mais tarde, no sétimo semestre, Suzana Queiroz completou a agência, vinda da Brava Comunicação.

A Pratcomunicar desenvolveu este projeto experimental tendo como material de estudo o Espaço Unibanco de Cinema Augusta, empresa que atua no mercado de exibições cinematográficas. (2)

Para a realização deste projeto, foi usado como base o mercado de entretenimento da cidade de São Paulo e informações ofertadas por profissionais da empresa estudada e seus prestadores de serviço. Essas informações levaram a uma análise de macro e microambiente da empresa, e (3) uma proposta de pesquisa para detectar o perfil do target trabalhado. (2)

1. As áreas de conhecimento, quando tomadas em sentido mais amplo, devem ser grafadas em caixa alta;
2. Não se usam parágrafos em resumos;
3. Preferiu-se a preposição à elipse para melhor visualização do contexto.

Depois da correção gramatical, o resumo ficaria assim:

Os alunos José Aldo, Michele Silva, Elton Hélio e Priscilla Lira formaram a agência Pratcomunicar no sexto semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda na Faculdade das Américas. Mais tarde, no sétimo semestre, Suzana Queiroz completou a agência, vinda da Brava Comunicação. A Pratcomunicar desenvolveu este projeto experimental tendo como material de estudo o Espaço Unibanco de Cinema Augusta, empresa que atua no mercado de exibições cinematográficas. Para a realização deste projeto, foi usado como base o mercado de entretenimento da cidade de São Paulo e informações ofertadas por profissionais da empresa estudada e seus prestadores de serviço. Essas informações levaram a uma análise de macro e microambiente da empresa e a uma proposta de pesquisa para detectar o perfil do target trabalhado.

Após fazer a primeira a revisão essencialmente gramatical, fiz os seguintes questionamentos: a) houve alguma alteração substancial no texto? b) por meio dos itens que foram “corrigidos”, o resumo do grupo ficou melhor?

Essas perguntas foram fundamentais para eu verificar que o aspecto gramatical não altera o conteúdo do texto. Além disso, entendi que o aspecto contextual e estrutural de um resumo também não foi contemplado apenas com as modificações essencialmente

gramaticais. Mesmo assim, para ter mais embasamento acerca dessa verificação, fiz outra análise gramatical em resumo de TCC.

RESUMO 2 – GRUPO DE PUBLICIDADE 2 – FACULDADE 1

O resumo do Grupo de Publicidade 2, inserido na monografia de conclusão do curso de graduação em Publicidade e Propaganda, foi redigido no ano de 2010, para obtenção do grau de bacharel.

Iniciamos o Projeto Experimental (1) no 7º semestre da graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, (2) embasados nos conhecimentos adquiridos no decorrer do curso, desenvolvemos o projeto com a finalidade de criar uma campanha publicitária e apresentar ao nosso cliente um diagnóstico de sua situação atual e orientá-lo em suas tomadas de decisão quanto às melhores estratégias a serem implementadas para atingir seu público-alvo (3). Nosso Job (4) tem como finalidade conhecer o mercado de entretenimento noturno de São Paulo (casas noturnas/discotecas/danceterias(5)) (6) identificar quem são os consumidores desse mercado, quais são seus hábitos e preferências e, com isso, direcionar o Clube Vegas da melhor maneira possível dentro desse mercado.

Palavras-chave: Diagnóstico (7); campanha publicitária; público-alvo; Vegas Club.

1. É substantivo comum e não próprio;
2. Devido ao tamanho do parágrafo – mais de 60 palavras – e por uma questão coesiva, os períodos foram separados por ponto, retirada a vírgula;
3. Com acento e hífen;
4. Por se tratar de um termo em outra língua, utilizado apenas na área – jargão – deve constar em itálico;
5. Não havia separação entre os termos e as barras;
6. Frases encadeadas devem ser separadas por vírgulas ou ponto e vírgula;
7. Palavras-chave devem ser separadas por ponto e vírgula e iniciadas por caixa baixa.

Depois da correção gramatical, o resumo ficaria assim:

Iniciamos o projeto experimental no 7º semestre da graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda. Embasados nos conhecimentos adquiridos no decorrer do curso,

desenvolvemos o projeto com a finalidade de criar uma campanha publicitária e apresentar ao nosso cliente um diagnóstico de sua situação atual e orientá-lo em suas tomadas de decisão quanto às melhores estratégias a serem implementadas para atingir seu público-alvo. Nosso *job* tem como finalidade conhecer o mercado de entretenimento noturno de São Paulo (casas noturnas / discotecas / danceterias), identificar quem são os consumidores desse mercado, quais são seus hábitos e preferências e, com isso, direcionar o Clube Vegas da melhor maneira possível dentro desse mercado.

Palavras-chave: diagnóstico; campanha publicitária; público-alvo; Vegas Club.

Assim como no primeiro resumo analisado, as alterações gramaticais não fizeram com que o texto apresentasse mudança significativa. Como a questão morfossintática é pontual e analisa o texto do ponto de vista frasal, as alterações acabam por não surtir um efeito discursivo. O texto passa a impressão de ser praticamente o mesmo.

Portanto, depois de dois procedimentos gramaticais e a consequente verificação de que preciso de outras formas de análise para dar conta do objetivo da tese, identifiquei algumas categorias de análise relacionadas ao viés pragmático do texto.

NOVAS CATEGORIAS DE ANÁLISE (2º PASSO)

1. PRAGMATICIDADE (FATORES DE TEXTUALIDADE)

A partir dos fatores de textualidade, principalmente o da informatividade, verificaremos as características globais do texto como um texto e não como uma mera sequência aleatória de frases. A informatividade será entendida como a capacidade que tem um texto de efetivamente informar seu receptor. Dentro da categoria da informatividade, identificaremos e analisaremos a imprevisibilidade e suficiência de dados. Baugrande e Dressler (1978, p. 140-141) fazem uma proposta de escala em três ordens, no que concerne à imprevisibilidade:

Os autores enquadram as ocorrências de elevada previsibilidade e, conseqüentemente, baixa informatividade, como os clichês e esteriótipos, as frases feitas e as informações sobre o óbvio. Texto que não ultrapassam esse patamar são considerados pragmaticamente ineficientes, pois não possuem interesse.

As ocorrências em que o original e o previsível se equilibram, angariando aceitabilidade, porquanto apresentam novidade sem provocar estranheza. As ocorrências que não figuram dentro das alternativas possíveis e, que, por isso mesmo, desorientam, ainda que temporariamente, o receptor.

No que diz respeito à suficiência de dados, vamos analisar se o texto oferece ao receptor os elementos indispensáveis a uma interpretação que corresponda às intenções do produtor, sem se mostrar, por isso, redundante. Os dados cuja explicitação é necessária são aqueles que não podem ser tomados como de domínio prévio do receptor nem podem ser deduzidos a partir dos conhecimentos que o texto ativa.

Avaliar a informatividade significa medir o sucesso do texto em levar conhecimento ao receptor, configurando-se como um ato de comunicação efetivo. No plano conceitual, a imprevisibilidade é a necessidade de o discurso acrescentar alguma coisa à experiência do receptor. A suficiência de dados é um equilíbrio entre o que o texto oferece e o que confia à participação de quem o interpreta. O texto informativo é um texto que se mostra capaz de engajar o leitor e estabelece uma relação de comunicação autêntica. Um texto sem essas características tende a desorientar o leitor, que pode, por isso, rejeitá-lo.

Mesmo para um texto coerente e coeso, a baixa informatividade está relacionada com uma baixa pragmaticidade. A textualidade depende, em grande parte, do receptor (leitor) no que concerne aos seus conhecimentos prévios, capacidade de pressuposições e inferências; e do contexto.

Em relação ao contexto, levaremos em conta outro fator pragmático da textualidade: a situacionalidade. Vamos elencar algumas condições de produção dos textos:

Contexto de produção: data e período. As redações foram desenvolvidas entre os anos de 2010 e 2012, em faculdades particulares da cidade de São Paulo, por alunos que cursavam o oitavo semestre do cursos de Publicidade, Informática e Letras.

Contexto de produção: produção de um TCC. A produção de um TCC gera uma série de ansiedade em alunos que estão prestes a terminar sua graduação. Todos procuram seguir sempre normas e critérios passados pelos respectivos orientadores. No que diz respeito à produção do texto, independentemente da área de formação, surgem diversas dúvidas e dificuldades. A produção da modalidade escrita gera insegurança e, principalmente no momento de finalizar o TCC, muitos detalhes são deixados de lado. Não existe uma preocupação clara com o receptor (leitor) do texto.

Contexto de produção: os produtores do texto. Os produtores do texto são alunos com uma média de 25 anos, cursando o último semestre de seus cursos de graduação. Contexto de

produção: os recebedores do texto. Os alunos que redigem o texto de um trabalho de conclusão de curso de graduação procuram escrevê-lo pensando em um único recebedor (leitor): os professores. Dessa forma, eles, muitas vezes, partem do pressuposto de que o leitor já sabe do que o texto trata.

Portanto, o grau de informatividade acaba sendo prejudicado. Como eles já idealizam um leitor competente, tudo parece óbvio e as explicações acabam se tornando rasas. Além disso, é importante lembrar da questão do conhecimento prévio. O professor leitor do TCC já sabe e já entende toda escolha lexical feita pelos alunos dentro daquela área específica a que o trabalho se destina.

2. ESCOLHAS LEXICAIS

Nesse item, vou verificar as escolhas lexicais feitas pelo produtor do resumo do TCC, a fim de identificar como essas escolhas podem influenciar diretamente no conteúdo do texto e, conseqüentemente, no entendimento do leitor. As escolhas estão diretamente relacionadas à área de formação?

3. ADAPTAÇÃO AO GÊNERO “resumo de TCC”

De acordo com Marli Quadros Leite e Othon Garcia, o resumo tem algumas características específicas que fazem um resumo se tornar, realmente, um resumo. Além disso, temos as especificidades de um resumo de TCC para serem analisadas. Ainda segundo Leite (2010), resumo: o resumo deve apresentar:

- a) declaração do tema;
- b) o objetivo da pesquisa;
- c) a citação do quadro teórico e metodológico que suporta o trabalho;
- d) o resultado alcançado.

4. METARREGRAS DE COERÊNCIA

De acordo com Charroler (1978), avaliar a coerência de um texto denotativo, escrito e formal, será verificar se, no plano lógico-semântico-cognitivo, ele tem continuidade e progressão, não se contradiz nem contradiz o mundo a que se refere e apresenta os fatos e conceitos a que alude relacionados de acordo com as relações geralmente reconhecidas entre eles, no mundo referido do texto.

Segundo Michel Charoles (2002), não é qualquer conjunto de palavras que produz uma frase. Para que uma seqüência de morfemas seja admitida como frase por um locutor-

ouvinte nativo, é preciso que seja respeitada uma certa ordem combinatória, é preciso que seja composta segundo o sistema da língua. O nosso trabalho incidirá exclusivamente sobre as estratégias de intervenção que o professor desenvolve frente a certos textos escritos de alunos julgados por ele como incoerentes, que um tal sistema, uma vez constituído, não é aplicável mecanicamente, mas sim, estrategicamente.

AS NOVAS IMPRESSÕES

A partir dessas categorias, retomamos os resumos anteriormente analisados, unicamente pela perspectiva gramatical, e desenvolvemos uma nova análise sob o ponto de vista pragmático.

RESUMO 1 – GRUPO DE PUBLICIDADE 1 – FACULDADE 1

Os alunos José Aldo, Michele Silva, Elton Hélio e Priscilla Lira formaram a agência Pratcomunicar no sexto semestre do curso de comunicação social com habilitação em publicidade e propaganda (1) na Faculdade das Américas. Mais tarde, no sétimo semestre, Suzana Queiroz completou a agência, vinda da Brava Comunicação.

A Pratcomunicar desenvolveu este projeto experimental tendo como material de estudo o Espaço Unibanco de Cinema Augusta, empresa que atua no mercado de exibições cinematográficas. (2)

Para a realização deste projeto, foi usado como base o mercado de entretenimento da cidade de São Paulo e informações ofertadas por profissionais da empresa estudada e seus prestadores de serviço. Essas informações levaram a uma análise de macro e microambiente da empresa, e (3) uma proposta de pesquisa para detectar o perfil do target trabalhado. (2)

1. CATEGORIA: PRAGMATICIDADE – INFORMATIVIDADE

O texto do resumo da agência Pratcomunicar apresenta alguns problemas no que diz respeito aos aspectos pragmáticos, principalmente os relacionados à informatividade.

A primeira pergunta é: “Quem lê o resumo consegue ter uma percepção global da proposta do trabalho? Pelo ponto de vista de informatividade, não, pois existe uma insuficiência de dados. Assim, se é de baixo grau de informatividade, o texto é de uma interação enviesada, pois os alunos de fato não propiciam ao leitor um panorama adequado do que foi o trabalho deles.

O texto do resumo acaba por se referir muito mais ao projeto de pesquisa de que ao trabalho especificamente. Espera-se que o resumo faça um resgate de forma sintética de alguns aspectos interessantes do trabalho, mas, por não fazer isso, o grau de informatividade é mínimo, isto é, não há uma suficiência de dados e ocorre a quebra da previsibilidade.

Dessa forma, o resumo não aguça no leitor a curiosidade de ir ao texto completo. No caso do Unibanco, a questão de o espaço cinematográfico ser mais do que um local para simples entretenimento poderia chamar a atenção do leitor de forma positiva com informações pertinentes.

Apresentar-se-ia, por exemplo, a questão pragmática. O texto deveria dar uma informação para realizar um ato locutório. Ele revelaria qual a intenção em dar a informação, por meio dos pressupostos teóricos que sustentam o trabalho. Isso daria um tom do perfil do trabalho e do grupo.

As informações do resumo apresentado precisam ser relevantes para quem?

2. ESCOLHAS LEXICAIS

O grupo não apresentou um resumo com vocábulos especificamente voltados para a área de Publicidade e Propaganda, exceto a palavra target (público-alvo). Portanto, o grupo se colocou de forma neutra no que diz respeito a esse item.

3. CATEGORIA: ADAPTAÇÃO AO GÊNERO RESUMO DE TCC

Conforme citado anteriormente, um resumo de TCC, de acordo com a sociedade científica, deve respeitar as seguintes etapas de organização textual: a) declaração do tema; b) objetivo da pesquisa; c) citação do quadro teórico e metodológico; e d) o resultado alcançado.

No começo do texto, em vez de fazer a declaração do tema, o grupo começa uma espécie de narrativa. O primeiro período do texto simplesmente cita quem são os componentes do grupo e qual o semestre, curso e instituição que eles fazem parte: *“Os alunos José Aldo, Michele Silva, Elton Hélio e Priscilla Lira formaram a agência Pratcomunicar no sexto semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda na Faculdade das Américas.”*

A seguir, o grupo designa como “material de estudo” o Espaço Unibanco de Cinema. Vale lembrar que, no caso do referido trabalho, o espaço cinematográfico é o objeto de estudo no qual será desenvolvido um plano de marketing e comunicação. Com isso, o grupo ainda não iniciou a declaração do tema do trabalho, tampouco o objetivo da pesquisa.

Nos dois últimos períodos do resumo, o grupo coloca o Espaço Unibanco de Cinema

como um lugar do mercado de entretenimento da cidade de São Paulo. O grupo ainda salienta que as informações obtidas os levaram a fazer uma análise dos ambientes de marketing da empresa e uma proposta para identificar o perfil do público-alvo que poderia ser trabalho.

Por meio dessas verificações, constatamos que o resumo do grupo Pratcomunicar não respeitou nenhuma das etapas estabelecidas pela sociedade acadêmica em referência a um resumo científico. Apenas com essa informação, o resumo já poderia ser, teoricamente, invalidado. O grupo já precisaria refazer o texto e colocá-lo de acordo com as etapas previamente estabelecidas.

4. METARREGRAS DE COERÊNCIA

“Avaliar a coerência de um texto escrito e formal, será verificar se, no plano lógico-semântico-cognitivo, ele tem continuidade e progressão, não se contradiz nem contradiz o mundo a que se refere e apresenta os fatos e conceitos a que alude relacionados de acordo com as relações geralmente reconhecidas entre eles no mundo referido do texto.” Dessa forma, entendo que o texto do resumo da referida agência é coerente, pois, no plano da significação, não se contradiz. Além disso, está inserido em um contexto de produção voltado para o “mundo” da Publicidade e da Propaganda.

Os alunos José Aldo, Michele Silva, Elton Hélio e Priscilla Lira formaram a agência Pratcomunicar no sexto semestre do curso de comunicação social com habilitação em publicidade e propaganda (1) na Faculdade das Américas. Mais tarde, no sétimo semestre, Suzana Queiroz completou a agência, vinda da Brava Comunicação.

A Pratcomunicar desenvolveu este projeto experimental tendo como material de estudo o Espaço Unibanco de Cinema Augusta, empresa que atua no mercado de exibições cinematográficas. (2) Para a realização desse projeto, foi usado como base o mercado de entretenimento da cidade de São Paulo e informações ofertadas por profissionais da empresa estudada e seus prestadores de serviço. Essas informações levaram a uma análise de macro e microambiente da empresa, e (3) uma proposta de pesquisa para detectar o perfil do target trabalhado.

5. PRIMEIRA PROPOSTA DE PROCEDIMENTOS DE RECONSTRUÇÃO TEXTUAL

Depois de fazer a análise, fiz uma proposta preliminar de sistematização para retextualização do resumo, dentro da perspectiva pragmática, sem esquecer, também, do viés gramatical.

1. Adaptar o texto aos padrões sociais estabelecidos para o gênero textual a que ele se destina. No caso de nossa tese, fazer com que o resumo se enquadre dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade científica;
2. Fazer um levantamento do contexto que o texto está envolvido, isto é, saber a quem o texto se destina, qual é a intenção do produtor do texto, quais estratégias ele pretende usar;
3. Proceder com escolhas lexicais que correspondam ao gênero textual e às intenções do produtor;
4. Adaptar o texto aos padrões cultos da Língua Portuguesa, caso ele seja formal;
5. Verificar se o texto possui contradições, isto é, pontuar cada argumentação do texto para que a coerência seja mantida.

RESUMO 2 – GRUPO DE PUBLICIDADE 2 – FACULDADE 1

Iniciamos o Projeto Experimental (1) no 7º semestre da graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, (2) embasados nos conhecimentos adquiridos no decorrer do curso, desenvolvemos o projeto com a finalidade de criar uma campanha publicitária e apresentar ao nosso cliente um diagnóstico de sua situação atual e orientá-lo em suas tomadas de decisão quanto às melhores estratégias a serem implementadas para atingir seu público-alvo (3). Nosso Job (4) tem como finalidade conhecer o mercado de entretenimento noturno de São Paulo (casas noturnas/discotecas/danceterias(5) (6) identificar quem são os consumidores desse mercado, quais são seus hábitos e preferências e, com isso, direcionar o Clube Vegas da melhor maneira possível dentro desse mercado.

Palavras-chave: Diagnóstico (7); campanha publicitária; público-alvo; Vegas Club.

1. PRAGMATICIDADE (FATORES DE TEXTUALIDADE) RITMUS

Assim como no resumo analisado anteriormente, faço a seguinte pergunta: “Quem lê o resumo consegue ter uma percepção global da proposta do trabalho? Entendo que este grupo

conseguiu melhores resultados na questão da informatividade. Vamos ler novamente o trecho: *“desenvolvemos o projeto com a finalidade de criar uma campanha publicitária e apresentar ao nosso cliente um diagnóstico de sua situação atual e orientá-lo em suas tomadas de decisão quanto às melhores estratégias a serem implementadas para atingir seu publico-alvo.”*

Com essas informações, o grupo passa o ao leitor que o trabalho será o desenvolvimento de uma campanha de marketing e comunicação para orientar o Clube Vegas na relação com o cliente.

Contudo, o resumo não faz, explicitamente, um resgate sucinto de aspectos interessantes do trabalho. Vale lembrar que ao fazer o resgate, o grupo pode aguçar no leitor a curiosidade de ir ao texto completo. No caso de uma casa noturna, o leitor poderia ter o interesse de tornar-se um freqüentador. Desvelar-se-ia, mais uma vez, a questão pragmática por meio da intenção do produtor do texto em relação ao grau de aceitação do leitor. Fica cada vez mais evidente que a estruturação do resumo em tema, objetivos, pressupostos teóricos, procedimentos metodológicos e resultados alcançados pode levar ao leitor um excelente grau de informatividade e interesse. O viés pragmático acaba, também, por ser contemplado na medida em que o contexto do trabalho é evidenciado.

2. CATEGORIA – ESCOLHAS LEXICAIS (RITMUS)

Nessa categoria, serão verificadas as escolhas lexicais feitas pelo produtor do resumo da monografia. A intenção é identificar como a escolha de cada vocábulo pode influenciar o conteúdo do texto e a compreensão de quem lê.

No texto do resumo, o grupo designa o trabalho a ser feito pelo termo em inglês “job”. Este termo é muito utilizado dentro do ramo publicitário. Entretanto, em um resumo acadêmico, ele só se justificaria em caso de estar relacionado com o tema ou com os objetivos das pesquisa.

3. CATEGORIA: ADAPTAÇÃO AO GÊNERO RESUMO DE TCC

Conforme citado na análise anterior, um resumo de TCC, de acordo com a comunidade científica, precisa respeitar as seguintes etapas de organização textual: a) declaração do tema; b) objetivo da pesquisa; c) citação do quadro teórico e metodológico; e d) o resultado alcançado.

No começo do texto, o grupo da agência Ritmus fazem uma espécie de narrativa circunstanciada ou um resumo de memorial descritivo: *“Iniciamos o projeto... desenvolvemos*

o projeto...”. O texto se desenvolve por meio de uma narrativa que almeja relatar ao leitor os acontecimentos que iniciaram o desenvolvimento do projeto. O resumo não traz uma declaração do tema e uma descrição de objetivos e métodos. O texto se preocupa em narrar os procedimentos que eles julgaram importantes; e não fazer um resumo do que é a monografia de conclusão de curso deles.

Em seguida, o texto afirma que o grupo não assevera os objetivos da pesquisa. Porém, fala, sim, sobre a finalidade do desenvolvimento do projeto; e não da monografia em si: “... *desenvolvemos o projeto com a finalidade de criar uma campanha publicitária e apresentar ao nosso cliente um diagnóstico de sua situação atual e orientá-lo em suas tomadas de decisão quanto às melhores estratégias a serem implementadas para atingir seu público-alvo.*”

Na sequência do texto, o grupo diz qual é o mercado em que eles vão trabalhar, assim como o cliente que será analisado durante a pesquisa. Em nenhum momento, até o final do resumo, são citados os objetivos da pesquisa, o quadro teórico e metodológico e os resultados alcançados: “ *Nosso job tem como finalidade conhecer o mercado de entretenimento noturno de São Paulo (casas noturnas / discotecas / danceterias), identificar quem são os consumidores desse mercado, quais são seus hábitos e preferências e, com isso, direcionar o Clube Vegas da melhor maneira possível dentro desse mercado.*”

Por meio dessas verificações, podemos claramente afirmar que o resumo da Agência Ritmus não segue o padrão estabelecido academicamente para um resumo de monografia de conclusão de curso.

NOVAS CONSIDERAÇÕES GLOBAIS

Após as análises feitas por meio das 4 (quatro) novas categorias: pragmaticidade (fatores de textualidade), escolhas lexicais, adaptação ao gênero resumo e metarregras de coerência, cheguei a um esboço de um diagrama de operações e procedimentos de reconstrução textual, de acordo com o objetivo central da tese.

Tomei por base, principalmente, a categoria adaptação ao gênero resumo. A intenção é conseguir deixar o texto o mais próximo possível a um resumo de qualidade. Portanto, colocá-lo em concordância com o gênero é tarefa primordial no que diz respeito à pragmaticidade. Quando essas operações estiverem concluídas, a intenção é que o grau de informatividade, assim como a coerência, sejam contemplados. Em seguida, temos um diagrama para os fatores mais estritamente textuais, que devem, também, ser levados em consideração quando se pensa em um texto competente.

Seguem os diagramas e, em seguida, as primeiras análises feitas por meio deles.

PROCEDIMENTOS DE RECONSTRUÇÃO TEXTUAL: TEXTUALIDADE

DIAGRAMA 1	
1ª OPERAÇÃO	<p>Localização do tema. Um resumo científico deve começar pela apresentação do tema. Com a apresentação do tema, o produtor do texto situa o leitor e, por meio desse vínculo, ele já inicia a construção da aceitabilidade.</p> <p>Extraposição do tema: Depois de o tema ser localizado, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocar o tema no início do texto para situar o leitor.</p>
2ª OPERAÇÃO	<p>Localização dos objetivos. Após a exposição do tema, o resumo precisa delimitar seus objetivos. A intenção é mostrar ao leitor o que o tema do trabalho pretende executar durante o decorrer da pesquisa.</p> <p>Extraposição dos objetivos: Depois que os objetivos foram localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los após a declaração do tema do trabalho.</p>
3ª OPERAÇÃO	<p>Localização dos pressupostos teóricos. Todo trabalho científico precisa ser subsidiado por uma orientação teórica, mesmo que seja para ampliá-la, refutá-la ou simplesmente para criar algo novo a partir de uma lacuna existente em outras linhas teóricas. Portanto, após a exposição dos objetivos, é preciso referenciar os pressupostos teóricos que serão utilizados na pesquisa.</p> <p>Extraposição dos pressupostos teóricos: Depois que os pressupostos teóricos foram localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los após os objetivos da pesquisa.</p>
4ª OPERAÇÃO	<p>Localização dos procedimentos metodológicos. Os procedimentos metodológicos devem ser redigidos em direta relação com os pressupostos teóricos. Dessa forma, após o produtor do texto dizer qual a linha teórica da pesquisa, faz-se necessário revelar quais serão os procedimentos que serão adotados no trabalho a partir da linha teórica exposta anteriormente.</p> <p>Extraposição dos procedimentos metodológicos. Depois que os procedimentos metodológicos foram localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los em direta relação com os pressupostos teóricos da pesquisa.</p>
5ª OPERAÇÃO	<p>Localização dos resultados alcançados. Espera-se, em um trabalho científico, que os pesquisadores cheguem a alguma consideração a partir dos resultados alcançados pela pesquisa. Com isso, para terminar o resumo, é fundamental expor de forma sucinta e objetiva quais foram esses resultados.</p> <p>Extraposição dos resultados alcançados. Depois que os resultados alcançados foram localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los no final do texto do resumo do trabalho.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

PROCEDIMENTOS DE RECONSTRUÇÃO TEXTUAL: GRAMATICALIDADE

DIAGRAMA 2	
1ª OPERAÇÃO	ELEMENTOS COESIVOS: Por meio das operações textuais, o resumo está dividido em algumas partes. Com isso, faz-se necessário identificar e analisar os elementos coesivos. É importante estabelecer critérios para essa coesão.
2ª OPERAÇÃO	ESCOLHAS LEXICAIS: Em cada segmento de trabalho, é necessário desenvolver um campo lexical voltado para a área em que a pesquisa está inserida.
3ª OPERAÇÃO	GRAMÁTICA, ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO: Depois de todas as operações concluídas, é o momento de adaptar o texto ao padrão culto da Língua Portuguesa.

Fonte: Elaborado pelo autor

Para colocar em prática os referidos diagramas, selecionei o resumo desta tese para usar como modelo de análise. Propositamente, escrevi esse texto de forma didática no que diz respeito à estrutura de um resumo de TCC. Assim, a primeira análise pode ser entendida de forma objetiva. Segue o resumo colocado em minha tese.

A presente tese tem por tema um estudo de procedimentos de revisão textual, tomados por base, para além dos critérios gramaticais, os fatores de textualidade, em busca de rearticulações operacionais no processo de reconstrução do texto. O objetivo principal do trabalho é identificar, no corpus selecionado, itens que apresentem as possíveis operações metodológicas de revisão. A intenção é desenvolver um diagrama com procedimentos para orientar os profissionais que lidam com o texto. Para desenvolver o viés teórico da tese, foi tomada por base a abordagem da Linguística Textual e os critérios de textualidade, apontados como os principais responsáveis pela articulação do texto como uma unidade significativa. Nessa perspectiva, o corpus da tese será constituído por resumos acadêmicos de trabalho de conclusão de curso. A escolha desse gênero se deve ao fato de o resumo se caracterizar como uma forma sucinta de resgate de um texto mais amplo, o que caracteriza um procedimento de retextualização. Dessa forma, a busca pelos procedimentos de reconstrução textual pode ser realizada com mais qualidade e clareza. Não obstante, a tese evidenciou de forma objetiva e exemplificativa a necessidade de o professor ou o revisor considerar itens que estão além dos aspectos gramaticais. A partir dos procedimentos desenvolvidos na tese, foi possível perceber que a adaptação ao gênero e aos fatores de textualidade são fundamentais para chegarmos a uma produção de texto competente.

APLICAÇÃO DO DIAGRAMA 1

1ª OPERAÇÃO – **Localização do tema.** Um resumo científico deve começar pela apresentação do tema. Assim, o produtor do texto situa o leitor e, por meio desse vínculo, ele já inicia a construção da aceitabilidade.

TEMA: A presente tese tem por tema um estudo de procedimentos de revisão textual, tomados por base, para além dos critérios gramaticais, os fatores de textualidade, em busca de rearticulações operacionais no processo de reconstrução do texto.

1ª OPERAÇÃO' – **Extraposição do tema:** Depois de o tema ser localizado, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocar o tema no início do texto para situar o leitor.

No caso do resumo modelo, o tema já está na posição correta, isto é, como primeiro item do resumo.

2ª OPERAÇÃO **Localização dos objetivos.** Após a exposição do tema, o resumo precisa delimitar seus objetivos. A intenção é mostrar ao leitor o que o tema do trabalho pretende executar durante o decorrer da pesquisa.

OBJETIVO: O objetivo principal do trabalho é identificar, no corpus selecionado, itens que apresentem as possíveis operações metodológicas de revisão. A intenção é desenvolver um diagrama com procedimentos para orientar os profissionais que lidam com o texto.

2ª OPERAÇÃO **Extraposição dos objetivos:** Depois de os objetivos localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los após a declaração do tema do trabalho.

No caso do resumo modelo, os objetivos já estão na posição correta, isto é, logo após a declaração do tema da pesquisa.

3ª OPERAÇÃO Localização dos pressupostos teóricos: Todo trabalho científico precisa ser subsidiado por uma orientação teórica, mesmo que seja para ampliá-la, refutá-la ou simplesmente para criar algo novo a partir de uma lacuna existente em outras linhas teóricas. Portanto, após a exposição dos objetivos, faz-se necessário referenciar os pressupostos teóricos que serão utilizados na pesquisa.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: Para desenvolver o viés teórico da tese, foi tomada por base a abordagem da Linguística Textual e os critérios de textualidade, apontados como os principais responsáveis pela articulação do texto como uma unidade significativa.

3ª OPERAÇÃO' Extraposição dos pressupostos teóricos: Depois de os pressupostos teóricos localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los após os objetivos da pesquisa.

No caso do resumo modelo, os pressupostos teóricos já estão na posição correta, isto é, logo após os objetivos da pesquisa.

4ª OPERAÇÃO Localização dos procedimentos metodológicos: Os procedimentos metodológicos devem ser redigidos em direta relação com os pressupostos teóricos. Dessa forma, após o produtor do texto dizer qual a linha teórica da pesquisa, é importante revelar quais serão os procedimentos adotados no trabalho a partir da linha teórica exposta anteriormente.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: Nessa perspectiva, o corpus da tese será constituído por resumos acadêmicos de trabalho de conclusão de curso. A escolha desse gênero se deve ao fato de o resumo se caracterizar como uma forma sucinta de resgate de um texto mais amplo, o que caracteriza um procedimento de retextualização. Dessa forma, a busca pelos procedimentos de reconstrução textual pode ser realizada com mais qualidade e clareza.

4ª OPERAÇÃO' Extraposição dos procedimentos metodológicos. Depois de os procedimentos metodológico localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los em direta relação com os pressupostos teóricos da pesquisa.

No caso do resumo modelo, os procedimentos metodológicos já estão na posição correta, isto é, logo após os pressupostos teóricos.

5ª OPERAÇÃO Localização dos resultados alcançados. Espera-se, em um trabalho científico, que os pesquisadores cheguem a alguma consideração a partir dos resultados alcançados pela pesquisa. Com isso, para terminar o resumo, é fundamental expor de forma sucinta e objetiva quais foram esses resultados.

RESULTADOS ALCANÇADOS: Não obstante, a tese evidenciou de forma objetiva e exemplificativa a necessidade de o professor ou o revisor considerar itens que estão além dos aspectos gramaticais. A partir dos procedimentos desenvolvidos na tese, foi possível perceber que a adaptação ao gênero e aos fatores de textualidade são fundamentais para chegarmos a uma produção de texto competente.

5ª OPERAÇÃO' Extraposição dos resultados alcançados. Depois de os resultados alcançados localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los ao final do resumo do trabalho.

No caso do resumo modelo, os resultados alcançados já estão na posição correta, isto é, logo após os procedimentos metodológicos, no final do resumo.

APLICAÇÃO DO DIAGRAMA 2

1ª OPERAÇÃO ELEMENTOS COESIVOS: Por meio das operações textuais, o resumo está dividido em algumas partes. Com isso, faz-se necessário identificar e analisar os elementos coesivos. É importante estabelecer critérios para essa coesão.

No caso dos resumos de TCC, vou analisar os elementos coesivos a partir do critério de conexão entre as partes estruturalmente estabelecidas, ou seja, vou estabelecer a conectividade entre tema, objetivos, pressupostos teóricos, procedimentos metodológicos e resultados alcançados.

Para estabelecer conectividade não é preciso utilizar sempre um elemento conectivo, como: assim, com isso, então, mas, contudo, entretanto, ademais, etc. A conectividade, muitas

vezes, pode ser estabelecida por alguma referência ou, simplesmente, pela continuidade do texto. Em nosso resumo modelo, há uma referência entre as palavras-chave do tema e do resumo. Assim, há uma unidade e continuidade no que diz respeito ao conteúdo tratado nas duas “partes”:

*“A presente tese tem por tema um estudo de **procedimentos de revisão** textual, tomados por base, para além dos critérios gramaticais, os fatores de textualidade, em busca de rearticulações **operacionais** no processo de reconstrução do texto. O objetivo principal do trabalho é identificar, no corpus selecionado, itens que apresentem as possíveis **operações metodológicas de revisão**. A intenção é desenvolver um diagrama com **procedimentos** para orientar os profissionais que lidam com o texto.”*

Por outro lado, entre os pressupostos teóricos, os procedimentos metodológicos e os resultados alcançados, fiz questão de inserir elementos de conectividade mais explícitos. Com isso, posso demonstrar a conexão entre as “partes” sob um aspecto diferente do exposto entre o tema e os objetivos. Segue:

*“(...) **Lingüística Textual e os critérios de textualidade**, apontados como os principais responsáveis pela articulação do texto como uma unidade significativa. **Nessa perspectiva**, o corpus da tese será constituído por resumos acadêmicos de trabalho de conclusão de curso. A escolha **desse** gênero se deve ao fato de o resumo se caracterizar como uma forma sucinta de resgate de um texto mais amplo, o que caracteriza um procedimento de retextualização. **Dessa forma**, a busca pelos procedimentos de reconstrução textual pode ser realizada com mais qualidade e clareza. **Não obstante**, a tese evidenciou de forma objetiva e exemplificativa a necessidade de o professor ou o revisor considerar itens que estão além dos aspectos gramaticais. **A partir dos procedimentos desenvolvidos na tese**, foi possível perceber que a adaptação ao gênero e aos fatores de textualidade são fundamentais para chegarmos a uma produção de texto competente.”*

Considero importante afirmar que essa operação gramatical dos elementos coesivos ficou simples, direta e de fácil entendimento. Está cada vez mais evidente que um resumo bem-estruturado entre as partes proporciona ao produtor do texto uma boa articulação textual.

2ª OPERAÇÃO ESCOLHAS LEXICAIS: Em cada segmento de trabalho, é necessário desenvolver um campo lexical voltado para a área em que a pesquisa está inserida.

De acordo com a área de atuação da pesquisa, é preciso verificar a pertinência de algumas escolhas lexicais. A intenção é, por meio dos vocábulos escolhidos, deixar o texto diretamente relacionado com o tema. Segue exemplos em nosso resumo modelo:

“procedimentos de revisão textual; critérios gramaticais; os fatores de textualidade; rearticulações operacionais no processo de reconstrução do texto; operações metodológicas de revisão; profissionais que lidam com o texto; Lingüística Textual; critérios de textualidade; unidade significativa; o corpus da tese; resumos acadêmicos; desse gênero; procedimento de retextualização; a tese; professor ou o revisor considerar aspectos gramaticais; produção de texto competente.”

3ª OPERAÇÃO GRAMÁTICA, ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO: Depois de todas as operações concluídas, é o momento de adaptar o texto ao padrão culto da Língua Portuguesa.

Para finalizar o resumo, é preciso deixá-lo completamente adaptado às normas gramaticais e ortográficas da Língua Portuguesa. Esse procedimento é pontual e deve acontecer como última etapa de reconstrução do texto.

ANÁLISE DOS RESUMOS DE TCC POR MEIO DOS DIAGRAMAS

Depois de o modelo ser executado, é o momento de voltar aos dois resumos anteriormente analisados, para verificar como os novos procedimentos podem ser colocados em prática.

RESUMO 1 – GRUPO 1 – FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

Os alunos José Aldo, Michele Silva, Elton Hélio e Priscilla Lira formaram a agência Pratcomunicar no sexto semestre do curso de comunicação social com habilitação em publicidade e propaganda (1) na Faculdade das Américas. Mais tarde, no sétimo semestre, Suzana Queiroz completou a agência, vinda da Brava Comunicação.

A Pratcomunicar desenvolveu este projeto experimental tendo como material de estudo o Espaço Unibanco de Cinema Augusta, empresa que atua no mercado de exibições cinematográficas. (2)

Para a realização deste projeto, foi usado como base o mercado de entretenimento da cidade de São Paulo e informações ofertadas por profissionais da empresa estudada e seus

prestadores de serviço. Essas informações levaram a uma análise de macro e microambiente da empresa, e (3) uma proposta de pesquisa para detectar o perfil do target trabalhado. (2)

APLICAÇÃO DAS OPERAÇÕES NO RESUMO 1

1ª OPERAÇÃO – Localização do tema. Um resumo científico deve começar pela apresentação do tema. Com a apresentação do tema, o produtor do texto situa o leitor e, por meio desse vínculo, ele já inicia a construção da aceitabilidade.

ANÁLISE: No texto do resumo, não há uma declaração direta do tema. Assim, é tarefa do orientador da pesquisa científica solicitar ao grupo um parágrafo que tenha o tema da pesquisa. Por meio do texto e do contexto de produção, em que o referido grupo pertence a um curso de Publicidade e Propaganda, entendo que o GRUPO 1 vai fazer um estudo de mercado sobre o Espaço Unibanco de Cinema. Resta saber qual será o foco do estudo para redigir o tema, dentro da delimitação pretendida. Portanto, por meio da primeira operação, verifico que não há uma declaração do tema do trabalho.

1ª OPERAÇÃO’ – Extraposição do tema: Depois de o tema ser localizado, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocar o tema no início do texto para situar o leitor.

O QUE PODE SER FEITO: A extraposição do tema significa alocá-lo no início do texto. Conforme dito no item anterior, não existe o texto que cumpra esse papel. Assim, não temos como fazer a extraposição. Contudo, é importante salientar que, após os alunos redigirem o parágrafo com o referido conteúdo, deve-se colocá-lo no início do resumo.

2ª OPERAÇÃO Localização dos objetivos. Após a exposição do tema, o resumo precisa delimitar seus objetivos. A intenção é mostrar ao leitor o que o tema do trabalho pretende executar durante o decorrer da pesquisa.

ANÁLISE: O resumo não deixa claro quais são os objetivos da pesquisa. Após algumas leituras, percebi um trecho do texto que pode evidenciar uma possível ideia de objetivo: *“Essas informações levaram a uma análise de macro e microambiente da empresa, e uma proposta de pesquisa para detectar o perfil do target trabalhado.”*

Por esse trecho do texto, o grupo menciona uma proposta e pesquisa para detectar o perfil do target (público-alvo) trabalhado.

O QUE PODE SER FEITO: Portanto, após o orientador e o grupo confirmarem se esse é um dos objetivos do trabalho, deve-se redigir um parágrafo com a exposição dos objetivos centrais da pesquisa.

2ª OPERAÇÃO Extraposição dos objetivos: Depois que os objetivos foram localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los após a declaração do tema do trabalho.

O QUE PODE SER FEITO: Depois da produção do texto com os objetivos do trabalho, faz-se necessário alocá-lo em seguida à declaração do tema, conforme postula a segunda operação.

3ª OPERAÇÃO Localização dos pressupostos teóricos: Todo trabalho científico precisa ser subsidiado por uma orientação teórica, mesmo que seja para ampliá-la, refutá-la ou simplesmente para criar algo novo a partir de uma lacuna existente em outras linhas teóricas. Portanto, após a exposição dos objetivos, faz-se necessário referenciar os pressupostos teóricos que serão utilizados na pesquisa.

ANÁLISE: O GRUPO 1 não escreveu no resumo qual a orientação ou linha teórica que subsidia o trabalho de pesquisa. Disseram apenas que a agência “...desenvolveu este projeto experimental tendo como material de estudo o Espaço Unibanco de Cinema... para a realização deste projeto foi usado como base o mercado de entretenimento da cidade de São Paulo e informações ofertadas por profissionais da empresa...”

O QUE PODE SER FEITO: Com a não localização dos pressupostos teóricos da pesquisa, é tarefa do professor e orientador do trabalho desenvolver com o grupo um parágrafo que possa delimitar a orientação teórica na qual a pesquisa estará embasada.

3ª OPERAÇÃO' Extraposição dos pressupostos teóricos: Depois de os pressupostos teóricos localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los após os objetivos da pesquisa.

O QUE PODE SER FEITO: Após a redação do texto, é necessário alocá-lo depois dos objetivos. Por meio dessa sequência de operações, o resumo, além de tomar uma forma estruturada em relação ao gênero a que se destina, torna-se um texto com um grau de informatividade alto, isto é, passa ao leitor de forma sucinta do que, realmente, o trabalho trata.

4ª OPERAÇÃO Localização dos procedimentos metodológicos: Os procedimentos metodológicos devem ser redigidos em direta relação com os pressupostos teóricos. Dessa forma, após o produtor do texto dizer qual a linha teórica da pesquisa, é importante revelar quais serão os procedimentos adotados no trabalho a partir da linha teórica exposta anteriormente.

ANÁLISE: Assim como ocorreu com os pressupostos teóricos, os procedimentos metodológicos não estão presentes no texto do resumo do GRUPO 1. A única menção feita pela agência, que pode nos remeter a uma questão metodológica, é o trecho em que o grupo diz: *“Essas informações levaram a uma análise de macro e microambiente da empresa, e uma proposta de pesquisa para detectar o perfil do target trabalhado.”*

O QUE PODE SER FEITO: Não fica claro ao leitor do texto quais serão os procedimentos metodológicos que o grupo vai adotar. Conforme mencionei no item anterior, a estrutura de um resumo é muito mais que simplesmente fazer blocos. Quando a estrutura do resumo é desenvolvida, e as partes são “conectadas” com estratégia argumentativa, o grau de informatividade do texto aumenta sensivelmente. Esse aumento não diz respeito ao item “informatividade” como apenas um fator de textualidade do ponto de vista teórico. Essa linha pragmática de reconstrução textual altera o conteúdo do texto de forma significativa e eficaz, visto que o texto assume seu papel de informar e persuadir o leitor a cada vez mais entendê-lo como algo interessante. O professor e orientador do grupo precisa solicitar a produção de um texto que explicita quais são os procedimentos metodológicos que o grupo vai adotar.

4ª OPERAÇÃO' Extraposição dos procedimentos metodológicos. Depois de os procedimentos metodológico localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los em direta relação com os pressupostos teóricos da pesquisa.

O QUE PODE SER FEITO: Após a redação do texto, é necessário alocá-lo depois dos pressupostos teóricos. A intenção é manter a unidade de significação textual, por meio de cada item da estrutura de um resumo.

5ª OPERAÇÃO Localização dos resultados alcançados. Espera-se, em um trabalho científico, que os pesquisadores cheguem a alguma consideração a partir dos resultados alcançados pela pesquisa. Com isso, para terminar o resumo, é fundamental expor de forma sucinta e objetiva quais foram esses resultados.

ANÁLISE: O GRUPO 1, em nenhum trecho do resumo, menciona resultados alcançados com a pesquisa. É preciso redigir esse texto.

5ª OPERAÇÃO' Extraposição dos resultados alcançados. Depois de os resultados alcançados localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los ao final do resumo do trabalho.

O QUE PODE SER FEITO: É preciso, primeiramente, redigir o texto. Em seguida, deixá-lo como item final do texto do resumo.

APLICAÇÃO DO DIAGRAMA 2

1ª OPERAÇÃO ELEMENTOS COESIVOS: Por meio das operações textuais, o resumo está dividido em algumas partes. Com isso, faz-se necessário identificar e analisar os elementos coesivos. É importante estabelecer critérios para essa coesão.

ANÁLISE: O grupo fez pouca utilização de elementos de referência e conectivos. Seguem os exemplos:

- “*Para a realização deste projeto, foi usado como base...*”
- “*... profissionais da empresa estudada...*”

- “*Essas informações levaram...*”

Os exemplos acima demonstram que o grupo recuperou apenas a questão do projeto, da empresa e de “informações”. Com isso, os itens mais relevantes como conteúdo, metas, procedimentos e resultados não foram elencados. Isso se deve ao fato de o resumo do GRUPO 1 não possuir os elementos de estrutura, já citados anteriormente.

O QUE PODE SER FEITO: Conforme foi mostrado no resumo modelo, os elementos de referência e os conectivos trazem unidade e continuidade ao texto, principalmente quando a estrutura do resumo está de acordo com os padrões estabelecidos. Cabe ao professor ou orientador do trabalho estruturar o resumo e trabalhar as referidas conexões e referências.

2ª OPERAÇÃO ESCOLHAS LEXICAIS: Em cada segmento de trabalho, é necessário desenvolver um campo lexical voltado para a área em que a pesquisa está inserida.

ANÁLISE: O grupo fez algumas escolhas lexicais, voltadas à área de Publicidade e Propaganda: “*Agência, mercado, macro e microambiente, perfil, target*”. Porém, não as apresentou de forma objetiva, dentro de um contexto de explicitação do trabalho de pesquisa. O ambiente publicitário em torno do Espaço Unibanco de Cinema não foi contemplado por meio das escolhas lexicais.

O QUE PODE SER FEITO: No momento de produção do texto de cada item estrutural do resumo, o grupo pode selecionar vocábulos que tenham significado pertinente ao desenvolvimento de conteúdo do trabalho. Como se trata de uma pesquisa voltada ao mercado publicitário, além dos termos já citados acima, o grupo pode “escolher” outras variantes para organizar os efeitos de sentido pretendidos. A questão das referências, por meio de recuperações de palavras-chave pode ser uma alternativa.

3ª OPERAÇÃO GRAMÁTICA, ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO: Depois de todas as operações concluídas, é o momento de adaptar o texto ao padrão culto da Língua Portuguesa.

O QUE PODE SER FEITO: Para finalizar o resumo, é preciso deixá-lo completamente adaptado às normas gramaticais e ortográficas da Língua Portuguesa. Esse

procedimento é pontual e deve acontecer como última etapa de reconstrução do texto. A correção gramatical desse resumo já foi feita anteriormente.

RESUMO 2 – GRUPO 2 – FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

Iniciamos o Projeto Experimental (1) no 7º semestre da graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, (2) embasados nos conhecimentos adquiridos no decorrer do curso, desenvolvemos o projeto com a finalidade de criar uma campanha publicitária e apresentar ao nosso cliente um diagnóstico de sua situação atual e orientá-lo em suas tomadas de decisão quanto às melhores estratégias a serem implementadas para atingir seu público-alvo (3). Nosso Job (4) tem como finalidade conhecer o mercado de entretenimento noturno de São Paulo (casas noturnas/discotecas/danceterias(5) (6) identificar quem são os consumidores desse mercado, quais são seus hábitos e preferências e, com isso, direcionar o Clube Vegas da melhor maneira possível dentro desse mercado.

Palavras-chave: Diagnóstico (7); campanha publicitária; público-alvo; Vegas Club.

APLICAÇÃO DAS OPERAÇÕES NO RESUMO 2

1ª OPERAÇÃO – **Localização do tema.** Um resumo científico deve começar pela apresentação do tema. Com a apresentação do tema, o produtor do texto situa o leitor e, por meio desse vínculo, ele já inicia a construção da aceitabilidade.

ANÁLISE: O GRUPO 2 não desenvolveu claramente a declaração do tema do trabalho científico. No texto, o grupo deixa algumas pistas. Porém, fica no nível da interpretação e não de uma verificação mais evidente: “... *desenvolvemos o projeto com a finalidade de criar uma campanha publicitária e apresentar ao nosso cliente um diagnóstico de sua situação atual e orientá-lo em suas tomadas de decisão quanto às melhores estratégias a serem implementadas para atingir seu público-alvo.*”

Posso entender que o grupo almeja fazer uma campanha publicitária do Clube Vegas. Nessa campanha, a agência vai estudar as melhores estratégias para o crescimento comercial da referida casa noturna. Para isso, o grupo vai fazer um diagnóstico da situação atual, com a intenção de organizar um planejamento de marketing.

O QUE PODE SER FEITO: O grupo precisa organizar os tópicos da campanha publicitária que será desenvolvida para o Clube Vegas. A partir disso, o grupo vai verificar com o orientador quais desses tópicos possuem pertinência acadêmica na área de Publicidade. Em seguida, delimitar o tema da pesquisa e, assim, redigir a declaração explícita do tema.

1ª OPERAÇÃO' – **Extraposição do tema:** Depois de o tema ser localizado, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocar o tema no início do texto para situar o leitor.

O QUE PODE SER FEITO: Quando o texto estiver pronto, faz-se necessário colocá-lo no início do resumo, conforme estrutura estabelecida pela comunidade científica.

2ª OPERAÇÃO **Localização dos objetivos.** Após a exposição do tema, o resumo precisa delimitar seus objetivos. A intenção é mostrar ao leitor o que o tema do trabalho pretende executar durante o decorrer da pesquisa.

ANÁLISE: De acordo com o texto do resumo, o grupo explicita seus objetivos no seguinte trecho: *“Nosso Job tem como finalidade conhecer o mercado de entretenimento noturno de São Paulo (casas noturnas/discotecas/danceterias) identificar quem são os consumidores desse mercado, quais são seus hábitos e preferências e, com isso, direcionar o Clube Vegas da melhor maneira possível dentro desse mercado.”* Noto que o objetivo relatado pelo grupo está similar ao que entendi, na operação anterior, ser o tema da pesquisa, ou seja, a questão de entender o mercado de entretenimento noturno para elaborar um plano de comunicação e marketing para o Clube Vegas.

O QUE PODE SER FEITO: O grupo precisa estabelecer a diferença entre tema e objetivos para, posteriormente, fazer a redação dos dois tópicos. É importante entender que os objetivos de pesquisa estão diretamente relacionados à declaração do tema. No caso do GRUPO 2, o tema está mais próximo de “um estudo de uma campanha publicitária desenvolvida por meio de estratégias de comunicação e marketing”. Com relação aos objetivos, é preciso diferenciar os objetivos da campanha publicitária dos objetivos do trabalho científico em si. Conhecer o mercado de entretenimento noturno de São Paulo para desenvolver um plano de comunicação é um objetivo do grupo em relação ao cliente Clube Vegas, e não ao trabalho científico. Dessa forma, o grupo precisa identificar, junto ao

orientador, quais são os objetivos científicos e acadêmicos da campanha publicitária que será executada.

2ª OPERAÇÃO Extraposição dos objetivos: Depois que os objetivos foram localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los após a declaração do tema do trabalho.

Assim que o GRUPO 2 conseguir identificar os objetivos científicos e acadêmicos do trabalho, é preciso alocar esse parágrafo, logo após a declaração do tema da pesquisa.

3ª OPERAÇÃO Localização dos pressupostos teóricos: Todo trabalho científico precisa ser subsidiado por uma orientação teórica, mesmo que seja para ampliá-la, refutá-la ou simplesmente para criar algo novo a partir de uma lacuna existente em outras linhas teóricas. Portanto, após a exposição dos objetivos, faz-se necessário referenciar os pressupostos teóricos que serão utilizados na pesquisa.

ANÁLISE: Em relação aos pressupostos teóricos do resumo do GRUPO 2, encontrei um trecho interessante para analisar: “...*embasados nos conhecimentos adquiridos no decorrer do curso, desenvolvemos o projeto com a finalidade de criar uma campanha*”. Com esse texto, o grupo traz ao trabalho científico uma base empírica para nortear a pesquisa do ponto de vista teórico. Para subsidiar um trabalho científico, é necessário haver um embasamento teórico relacionado às linhas de pesquisa desenvolvidas pela instituição e pelo curso ao qual a pesquisa está destinada.

O QUE PODE SER FEITO: O grupo precisa encontrar um viés teórico que possa embasar o trabalho no desenvolvimento da campanha publicitária, a partir dos moldes executados para o cliente Clube Vegas.

3ª OPERAÇÃO' Extraposição dos pressupostos teóricos: Depois de os pressupostos teóricos localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los após os objetivos da pesquisa.

O QUE PODE SER FEITO: Conforme postulo nas operações de extraposição, é preciso alocar os pressupostos teóricos logo após os objetivos do trabalho de pesquisa.

4ª OPERAÇÃO **Localização dos procedimentos metodológicos:** Os procedimentos metodológicos devem ser redigidos em direta relação com os pressupostos teóricos. Dessa forma, após o produtor do texto dizer qual a linha teórica da pesquisa, é importante revelar quais serão os procedimentos adotados no trabalho a partir da linha teórica exposta anteriormente.

ANÁLISE: O GRUPO 2 não explicitou os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. Entretanto, em um trecho do texto, há uma “pista” que pode ser verificada: *“...identificar quem são os consumidores desse mercado, quais são seus hábitos e preferências e, com isso, direcionar o Clube Vegas da melhor maneira possível dentro desse mercado”*. Caso o grupo tenha procedido da forma que está colocada no resumo, entendo que houve uma pesquisa, quantitativa e qualitativa, para chegar aos hábitos e preferências dos consumidores. Essa possível pesquisa foi feita para direcionar o posicionamento de mercado do Clube Vegas.

O QUE PODE SER FEITO: Por meio dessa consideração, o grupo já possui um direcionamento para redigir o parágrafo que vai tratar dos procedimentos metodológicos do trabalho.

4ª OPERAÇÃO' **Extraposição dos procedimentos metodológicos.** Depois de os procedimentos metodológico localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los em direta relação com os pressupostos teóricos da pesquisa.

O QUE PODE SER FEITO: Com o parágrafo relativo aos procedimentos metodológicos pronto, é preciso alocá-lo após os pressupostos teóricos da pesquisa.

5ª OPERAÇÃO **Localização dos resultados alcançados.** Espera-se, em um trabalho científico, que os pesquisadores cheguem a alguma consideração a partir dos resultados alcançados pela pesquisa. Com isso, para terminar o resumo, é fundamental expor de forma sucinta e objetiva quais foram esses resultados.

ANÁLISE: Em nenhum trecho do texto, o grupo faz referência a quaisquer resultados alcançados por meio das pesquisas ou do desenvolvimento do plano de comunicação e marketing. De acordo com as leituras que fiz, é raro encontrar os resultados alcançados nos resumos de Trabalhos de Conclusão de Curso.

O QUE PODE SER FEITO: O grupo precisa, de forma sucinta e breve, relatar os resultados alcançados de acordo com a proposta de trabalho. É importante salientar que o conteúdo desse item não pode ser confundido com as considerações finais do trabalho, ou seja, não se deve elencar e comentar todos os resultados alcançados com o trabalho e, sim, expor de forma objetiva um resultado geral obtido pelo grupo. No resumo da tese, que serviu de modelo para a aplicação dessas operações, essa questão pode ser verificada com mais clareza na página 86.

5ª OPERAÇÃO' **Extraposição dos resultados alcançados.** Depois de os resultados alcançados localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los ao final do resumo do trabalho.

O QUE PODE SER FEITO: Após o parágrafo com os resultados alcançados ser redigido, é preciso alocá-lo no final do texto do resumo.

APLICAÇÃO DO DIAGRAMA 2

1ª OPERAÇÃO **ELEMENTOS COESIVOS:** Por meio das operações textuais, o resumo está dividido em algumas partes. Com isso, faz-se necessário identificar e analisar os elementos coesivos. É importante estabelecer critérios para essa coesão.

ANÁLISE: De acordo com o texto produzido pelo grupo, entendo que os critérios coesivos não foram produzidos de forma estratégica. Alguns itens que vou classificar a seguir estão relacionados a critérios conectivos relacionados à coerência textual; e não a uma argumentação pensada do grupo.

Segue: *“Iniciamos **o projeto** experimental... desenvolvemos **o projeto** com a **finalidade**... Nosso Job tem como **finalidade** conhecer **o mercado** de entretenimento.... **direcionar o Clube Vegas da melhor maneira possível dentro desse mercado.**”*

O QUE PODE SER FEITO: O grupo fez algumas referências às palavras-chave da pesquisa, como projeto e mercado. Porém, não as evidenciou de forma persuasiva. Não há, na produção de texto, uma relação conectiva que aguace o leitor ao conteúdo do trabalho. Conforme foi mostrado em análises anteriores, principalmente a do resumo modelo, a marcação e a conexão entre as partes do trabalho cria uma unidade textual que pode deixar o texto mais coeso e interessante ao leitor. Portanto, cabe ao professor ou orientador do trabalho estruturar o resumo e trabalhar as conexões e referências.

Observação: As operações descritas nesse trabalho estão, cada vez mais, confirmando a tese de que a correta estruturação do resumo – e acredito que possa ser em qualquer gênero textual – pode não apenas deixar o texto nos padrões sociais estabelecidos, mas, sim, colocá-lo em um nível de aceitabilidade muito interessante dentro do contexto ao qual se destina.

2ª OPERAÇÃO ESCOLHAS LEXICAIS: Em cada segmento de trabalho, é necessário desenvolver um campo lexical voltado para a área em que a pesquisa está inserida.

ANÁLISE: Nesse item, o mais importante é verificar se o resumo de pesquisa possui escolhas lexicais voltadas ao campo de atuação do trabalho e se essas escolhas auxiliam ou prejudicam o entendimento do leitor ante o texto. Com relação a esse grupo, separei os seguintes trechos: “*Projeto Experimental*”, “*Publicidade e Propaganda*”, “*Projeto*”, “*Campanha Publicitária*”, “*Cliente*”, “*Diagnóstico*”, “*Estratégias*”, “*Público-Alvo*”, “*job*”, “*mercado*” e “*consumidores.*” O grupo fez boas escolhas lexicais. Porém, assim como aconteceu na operação anterior (elementos coesivos), o resumo não faz uso “estratégico” dessas escolhas. A colocação dos termos é aleatória e sem critérios argumentativos.

O QUE PODE SER FEITO: Em cada parte do resumo – tema, objetivos, pressupostos teóricos, procedimentos metodológicos e resultados alcançados – o produtor do texto pode selecionar vocábulos que produzam sentido no leitor em relação ao significado da mensagem. No tema, por exemplo, o grupo precisa citar itens que levem o leitor a entender o estudo que será pesquisado. No caso desse grupo, em que o trabalho é desenvolver uma campanha publicitária para o Clube Vegas e estudar as melhores estratégias para o crescimento comercial da empresa, é preciso citar expressões como: trabalho, *pesquisa*, *estudo*, *campanha publicitária*, *estratégias*, *plano de marketing*, *plano de comunicação*,

organização, desenvolvimento, planejamento, diagnóstico. Estes são apenas alguns exemplos. Em comum acordo com a orientação do trabalho, o grupo pode elencar mais expressões e produzir um texto competente em relação a esse item.

3ª OPERAÇÃO GRAMÁTICA, ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO: Depois de todas as operações concluídas, é o momento de adaptar o texto ao padrão culto da Língua Portuguesa.

Para finalizar um resumo, é preciso deixá-lo completamente adaptado às normas gramaticais e ortográficas da Língua Portuguesa. Esse procedimento é pontual e deve acontecer como última etapa de reconstrução do texto. A correção gramatical desse resumo já foi feita anteriormente.

RESUMO 3 – GRUPO 3 - FACULDADE DE TECNOLOGIA

O presente projeto tem o objetivo de desenvolver um aplicativo da franquia China in Box para iPhone, no qual será possível pedir comida chinesa em qualquer lugar e qualquer hora, através de uma interface intuitiva, que seja funcional nos mais diversos contextos de uso de um celular. Este projeto é embasado em pesquisas mercadológicas, análises de fatores econômicos, tecnológicos e comportamentais, para determinar sua relevância e preencher uma lacuna ainda pouco explorada no mercado brasileiro.

Palavras-chave: apps; iphone; delivery; fast-food

APLICAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS NO RESUMO 3

1ª OPERAÇÃO – Localização do tema. Um resumo científico deve começar pela apresentação do tema. Com a apresentação do tema, o produtor do texto situa o leitor e, por meio desse vínculo, ele já inicia a construção da aceitabilidade.

ANÁLISE: No resumo desse grupo há uma “confusão teórica” entre tema e objetivo de pesquisa. O grupo afirma no início do texto: *“O presente projeto tem o objetivo de desenvolver um aplicativo da franquia China in Box para Iphone...”*. Contudo, há a necessidade de separar um tópico de outro. Na perspectiva científica, o grupo tem por tema

um estudo relacionado à criação de um aplicativo. Este, por sua vez, tem o objetivo de facilitar a organização de um rede de alimentos no que diz respeito ao atendimento à distancia. Portanto, uma questão é o objetivo do aplicativo, outra é o do trabalho.

O QUE PODE SER FEITO: O grupo pode delimitar o tema em *um estudo para o desenvolvimento e criação de um aplicativo de Iphone para a rede China in Box*. A partir disso, o objetivo do trabalho será verificar e analisar como esse aplicativo pode ser funcional e rentável para a empresa.

1ª OPERAÇÃO' – **Extraposição do tema:** Depois de o tema ser localizado, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocar o tema no início do texto para situar o leitor.

O QUE PODE SER FEITO: Primeiramente, o tema precisa ser redigido, conforme orientação postulada na primeira operação. Em seguida, o texto precisa iniciar o resumo do grupo.

2ª OPERAÇÃO **Localização dos objetivos.** Após a exposição do tema, o resumo precisa delimitar seus objetivos. A intenção é mostrar ao leitor o que o tema do trabalho pretende executar durante o decorrer da pesquisa.

ANÁLISE: De acordo o texto do resumo e com o que analisei na primeira operação, o objetivo do trabalho pode ser entendido como: verificar e analisar de que forma o aplicativo pode ser funcional e rentável para a empresa. O grupo precisa diferenciar os objetivos do aplicativo para a rede China in Box dos objetivos do trabalho de pesquisa que eles vão desenvolver. No caso de grupos de Publicidade, fiz a leitura de diversos resumos. Em muitos casos, os grupos confundem os objetivos do trabalho acadêmico com os objetivos do cliente que será trabalhado.

O QUE PODE SER FEITO: A partir da separação entre objetivos acadêmicos e objetivos de mercado do cliente, faz-se necessário redigir o texto com os objetivos **da pesquisa**. É importante entendê-los de forma científica acerca das linhas de pesquisa da área de tecnologia. Ademais, todo trabalho acadêmico busca uma articulação entre teoria e prática para contribuir no campo ao qual se destina.

2ª OPERAÇÃO Extraposição dos objetivos: Depois que os objetivos foram localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los após a declaração do tema do trabalho.

O QUE PODE SER FEITO: Alocar os objetivos da pesquisa após a declaração do tema e fazer uma conexão entre as partes. É importante entender, mais uma vez, que o resumo, por mais que seja dividido estruturalmente, precisa manter uma unidade significativa.

3ª OPERAÇÃO Localização dos pressupostos teóricos: Todo trabalho científico precisa ser subsidiado por uma orientação teórica, mesmo que seja para ampliá-la, refutá-la ou simplesmente para criar algo novo a partir de uma lacuna existente em outras linhas teóricas. Portanto, após a exposição dos objetivos, faz-se necessário referenciar os pressupostos teóricos que serão utilizados na pesquisa.

ANÁLISE: O resumo fez uma exposição do que o grupo considerou como pressupostos teóricos do trabalho no seguinte trecho: *“Este projeto é embasado em pesquisas mercadológicas, análises de fatores econômicos, tecnológicos e comportamentais para determinar sua relevância e preencher uma lacuna ainda pouco explorada no mercado brasileiro”*. É importante entender quais são as pesquisas mercadológicas e quais são as análises de fatores econômicos, tecnológicos e comportamentais que foram feitas pelo grupo. De qualquer forma, pesquisa e análise de fatores econômicos estão muito mais relacionados aos procedimentos metodológicos do trabalho do que aos pressupostos teóricos. Para embasar teoricamente uma pesquisa, é primordial trazer um linha teórica da área. Não há dúvidas de que a criação e o desenvolvimento de um aplicativo pressupõem uma linha teórica de raciocínio tecnológico. Em uma rápida e simples pesquisa na Internet, encontro inúmeros títulos que tratam teoricamente da criação e do desenvolvimento de aplicativos para Iphone e outras plataformas similares.

O QUE PODE SER FEITO: Portanto, o grupo precisa verificar em qual autor ou em qual linha teórica vai se embasar para desenvolver o aplicativo da China in Box. Após a definição, faz-se necessário produzir um parágrafo que relate esta escolha e como isso foi aplicado no trabalho de pesquisa.

3ª OPERAÇÃO' Extraposição dos pressupostos teóricos: Depois de os pressupostos teóricos localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los após os objetivos da pesquisa.

O QUE PODE SER FEITO: Depois de o parágrafo pronto, o grupo de alocá-lo após o texto dos objetivos. Saliento outra vez a necessidade da integração entre as partes do resumo. Após a declaração do tema e dos objetivos de pesquisa, os pressupostos teóricos devem dar continuidade ao texto por meio de referências, elementos coesivos e escolhas lexicais. Dessa forma, aos poucos, é criada uma unidade textual.

4ª OPERAÇÃO Localização dos procedimentos metodológicos: Os procedimentos metodológicos devem ser redigidos em direta relação com os pressupostos teóricos. Dessa forma, após o produtor do texto dizer qual a linha teórica da pesquisa, é importante revelar quais serão os procedimentos adotados no trabalho a partir da linha teórica exposta anteriormente.

ANÁLISE: Na operação anterior, suscitei a questão dos procedimentos metodológicos na medida em que o grupo mencionou: *“Este projeto é embasado em pesquisas mercadológicas, análises de fatores econômicos, tecnológicos e comportamentais para determinar sua relevância e preencher uma lacuna ainda pouco explorada no mercado brasileiro”*. Fica evidente, por meio do texto escrito no resumo, que o grupo organizou uma pesquisa – quantitativa e qualitativa – acerca do mercado de aplicativos. Além disso, houve uma análise de fatores econômicos, tecnológicos e comportamentais, o que nos direciona, como leitores, a pensar em outra pesquisa, voltada a um estudo relativo ao possível público-alvo do produto que será criado.

O QUE PODE SER FEITO: Dessa forma, os procedimentos metodológicos precisam apenas ser explicitados. As pesquisas foram feitas e analisadas. Resta produzir um texto que relate como a pesquisa foi organizada, tabulada e considerada.

Observação: Em muitos casos, o que falta ao grupo para escrever o texto do resumo é a orientação pertinente ao conteúdo. As operações aqui descritas e analisadas pretendem desvelar que a estrutura pragmática de um texto pode gerar um entendimento em alto nível no

que concerne à produção e a conseqüente leitura do resumo. Orientações simples e pontuais feitas de acordo com procedimentos bem estabelecidos podem fazer a diferença.

4ª OPERAÇÃO' Extraposição dos procedimentos metodológicos. Depois de os procedimentos metodológico localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los em direta relação com os pressupostos teóricos da pesquisa.

O QUE PODE SER FEITO: Após a produção do texto dos procedimentos metodológicos, deve-se alocá-lo após os pressupostos teóricos. Não se deve esquecer da integração entre as partes por meio de conectivos, referências e escolhas lexicais.

5ª OPERAÇÃO Localização dos resultados alcançados. Espera-se, em um trabalho científico, que os pesquisadores cheguem a alguma consideração a partir dos resultados alcançados pela pesquisa. Com isso, para terminar o resumo, é fundamental expor de forma sucinta e objetiva quais foram esses resultados.

ANÁLISE: Não há qualquer menção aos resultados alcançados no trabalho. Por meio das leituras que fiz de muitos resumos, percebi que esse item estrutural é simplesmente esquecido pela maioria. Tive contato pessoal com alguns grupos que não foram expostos nesta tese de doutoramento. Muitos relataram que nunca imaginaram a possibilidade de relatar resultados alcançados no resumo do trabalho. Por ser um texto anterior à introdução, ou seja, está antes de qualquer conteúdo, os produtores do texto pensam em não poder expor as metas alcançadas por meio do trabalho. Essa informação é importante para pensarmos sobre a falta de informação presente na produção de textos em geral. Os alunos e produtores de texto em geral ficam presos a pensamentos e regras gramaticais e esquecem de pensar no contexto de produção. As operações expostas nesta tese pretendem dar um norte em relação a estrutura de um texto. O resumo está servindo apenas como exemplo de análise. Acredito que esse tipo de estruturação de produção voltada para aspectos pragmáticos e textuais possa ser útil e competente para todos os gêneros textuais.

O QUE PODE SER FEITO: Deve-se redigir um texto breve e sucinto com os resultados globais alcançados com o trabalho científico.

5ª OPERAÇÃO' **Extraposição dos resultados alcançados.** Depois de os resultados alcançados localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los ao final do resumo do trabalho.

O QUE PODE SER FEITO: Alocar o texto com os resultados alcançados no final do resumo. Vale lembrar que por se tratar do final do resumo, o texto precisa encerrar a ideia principal, ou seja, informar ao leitor qual o enfoque global do trabalho. Isso pode ser feito por meio de uma escolha lexical que faz referência ao tema do trabalho, por exemplo. No resumo desta tese de doutoramento, em que fizemos a análise modelo, a referência acontece pelas escolhas de vocábulos pertinentes à declaração do tema: *“A partir dos **procedimentos e operações desenvolvidas na tese**, foi possível perceber que a adaptação ao gênero e aos **fatores de textualidade** são fundamentais para chegarmos a **uma produção de texto competente.**”*

APLICAÇÃO DO DIAGRAMA 2

1ª OPERAÇÃO **ELEMENTOS COESIVOS:** Por meio das operações textuais, o resumo está dividido em algumas partes. Com isso, faz-se necessário identificar e analisar os elementos coesivos. É importante estabelecer critérios para essa coesão.

ANÁLISE: O resumo deste grupo fez poucas referências e pouco uso de elementos conectivos. Separei alguns trechos: *“no qual”, “comida chinesa”, “este projeto”, “determinar sua relevância”*. Em “no qual”, o grupo faz simplesmente uma relação entre duas orações. Não é uma conexão textual e pragmática, mas, sim gramatical. Isso não diminui ou aumenta sua importância, simplesmente não traz um uso estratégico e argumentativo para o texto. As referências “comida chinesa” e “este projeto” possuem uma relação interessante de retomada da tematização do projeto. A empresa escolhida, China in Box, pode ser conhecida pelo grande público. Porém, alguns leitores podem precisar de um melhor entendimento sobre o que é e o que faz, realmente, a empresa. Em “determinar sua relevância”, o grupo recupera o aplicativo para Iphone, objeto central de desenvolvimento tecnológico. É uma referência importante e poderia ser mais utilizada.

O QUE PODE SER FEITO: Os elementos coesivos precisam garantir ao texto uma unidade e uma relação argumentativa competente entre as partes. No caso de um resumo de trabalho científico, em que as estruturas são bem delimitadas, os conectivos assumem um papel fundamental na produção de sentido. Cada estrutura deve ser pensada separadamente e, ao mesmo tempo, em conjunto. A declaração de um tema é diferente de um pressuposto teórico e de um procedimento metodológico. Porém, ambos caminham na mesma direção, isto é, em prol dos objetivos do trabalho para que os resultados sejam alcançados. Com isso, faz-se necessário “referenciar e conectar” as partes por meio de escolhas lexicais carregadas de sentido, visto que a intenção final é criar uma unidade discursiva.

2ª OPERAÇÃO ESCOLHAS LEXICAIS: Em cada segmento de trabalho, é necessário desenvolver um campo lexical voltado para a área em que a pesquisa está inserida.

ANÁLISE: Separei as seguintes expressões: “*aplicativo*”, “*franquia*”, “*Iphone*”, “*interface intuitiva*”, “*funcional*”, “*celular*”. Acredito que o grupo tenha direcionado de forma eficiente o leitor ao “universo” da tecnologia por meio das escolhas lexicais. O que falou foi uma maior referência e explicação breve de alguns termos como: “*interface intuitiva*”. Essa expressão pode afastar leitores leigos na medida em que é pouco comum e de entendimento específico. Há leitores que podem, justamente por não conhecer, interessar-se. Porém, caso o uso do termo estivesse atrelado a algum conceito mais global do trabalho, os leitores entendidos e leigos do assunto poderiam se interessar.

O QUE PODE SER FEITO: Como os aplicativos servem justamente para “facilitar a vida” das pessoas que podem usá-lo, essa interface intuitiva poderia ser colocada como um item facilitador do uso do aplicativo. A ideia, pelo texto exposto no resumo, é fazer com que o usuário possa entender o aplicativo de forma simples, rápida e objetiva, ou seja, sem precisar pensar muito. Todas as informações e operações estarão expostas de forma clara, para que o raciocínio do usuário seja seguido. Talvez, essa explicação que acabei de escrever seja o que faltou para explica o termo: “*interface intuitiva*”.

3ª OPERAÇÃO GRAMÁTICA, ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO: Depois de todas as operações concluídas, é o momento de adaptar o texto ao padrão culto da Língua Portuguesa.

Para finalizar resumo, é importante deixá-lo adaptado às normas gramaticais e ortográficas da Língua Portuguesa. Esse procedimento é pontual e deve acontecer como última etapa de reconstrução do texto. Exemplo:

1. A preposição “a” é necessária, pois o termo “qualquer hora”, na linguagem formal, requer esta preposição. Desse modo, e não a preposição "em" não pode se encontrar elíptica para o segundo termo.

RESUMO 4 – GRUPO 4 – FACULDADE DE LETRAS

Este trabalho tem como objetivo estudar a expressividade da formação de diminutivos nas histórias em quadrinhos de Mauricio (1) de Sousa. O embasamento teórico consiste em expor a problemática de classificação gramatical dos diminutivos, que para alguns gramáticos trata-se de flexão e para outros é um processo derivacional. Estudos semânticos, estilísticos e morfológicos, (2) concernentes às funções de formação de diminutivos e os valores que podem adquirir, (3) também serviram de fundamentação teórica. Quanto à análise (4) do corpus (5), ela versa por analisar discursos das personagens em que ocorrem diminutivos (6) a fim de verificar (7) na prática as funções e os diversos valores que um termo diminutivo pode assumir. O assunto deste trabalho deve ser de interesse tanto para estudiosos da língua, já que poucos estudos acadêmicos abordam esse sufixo tão comum na língua, como para educadores, pois podem mostrar aos alunos a importância, a diversidade e a ampla utilidade do diminutivo, trabalhando com histórias em quadrinhos, que atraem alunos de diversas faixas etárias.

Palavras-chave: Diminutivos. Flexão. Derivação. Expressividade. Histórias em quadrinhos.
(8)

APLICAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS NO RESUMO 4

1ª OPERAÇÃO – **Localização do tema.** Um resumo científico deve começar pela apresentação do tema. Com a apresentação do tema, o produtor do texto situa o leitor e, por meio desse vínculo, ele já inicia a construção da aceitabilidade.

ANÁLISE: O presente resumo, voltado à área de Letras, é bastante interessante para analisar por meio das operações aqui expostas. Em referência ao tema, há o seguinte trecho: *“Este trabalho tem como objetivo estudar a expressividade da formação de diminutivos nas histórias em quadrinhos de Mauricio de Sousa.”* Nesse excerto do texto, fica evidente que o tema está “confundido” com os objetivos do trabalho. São estruturas distintas que precisam ser diferenciadas. Ao ler o resumo completo, identifiquei os reais objetivos do trabalho: *“Quanto à análise do corpus, ela versa por analisar discursos das personagens em que ocorrem diminutivos a fim de verificar na prática as funções e os diversos valores que um termo diminutivo pode assumir.”* Sobre os objetivos em si, vou falar na próxima operação. Porém, a aluna que produziu o resumo confundiu tema, objetivos do trabalho e procedimentos metodológicos. Vou focar agora no tema.

O QUE PODE SER FEITO: O tema do trabalho é: *“um estudo da expressividade da formação de diminutivos nas histórias em quadrinhos de Mauricio de Sousa.”* Entendo ser necessária a diferenciação clara de tema e objetivos. O tema é necessariamente um estudo a ser executado com uma finalidade. O estudo é o tema; os objetivos são a finalidade. São questões distintas, mas que se completam. No parágrafo que vai expor a declaração do tema, além do que sugeri acima, a aluna pode explicar melhor o que ela quer dizer com “expressividade na formação de diminutivos”. Feito isto, o texto com o tema está pronto.

1ª OPERAÇÃO’ – Extraposição do tema: Depois de o tema ser localizado, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocar o tema no início do texto para situar o leitor.

O QUE PODE SER FEITO: A declaração do tema já está no primeiro parágrafo do resumo. Porém, está colocada como objetivo. Portanto, o texto precisa ser reestruturado, conforme exposto no item anterior, e mantido no início do resumo.

2ª OPERAÇÃO Localização dos objetivos. Após a exposição do tema, o resumo precisa delimitar seus objetivos. A intenção é mostrar ao leitor o que o tema do trabalho pretende executar durante o decorrer da pesquisa.

ANÁLISE: Inicialmente, a aluna colocou como objetivo central do trabalho a declaração do tema. Porém, como analisei na operação anterior, houve uma confusão teórica.

Em relação aos objetivos, a aluna escreveu um trecho interessante: “*Quanto à análise do corpus, ela versa por analisar discursos das personagens em que ocorrem diminutivos a fim de verificar na prática as funções e os diversos valores que um termo diminutivo pode assumir.*” O que ela designa por “o que versa a análise do corpus” são os objetivos do trabalho. Quando é entendido que o tema é um estudo sobre os diminutivos na obra de Mauricio de Sousa, identifica-se que analisar discursos dos personagens para verificar na prática as funções e os valores do diminutivo é a meta do trabalho de pesquisa.

O QUE PODE SER FEITO: Analisar o discurso dos personagens e verificar os valores dos diminutivos são os objetivos centrais. Obviamente, após a leitura do projeto como um todo, é possível elencar objetivos mais específicos. Entretanto, de forma global, os objetivos já foram expostos e podem ser colocados no resumo. Assim, deve-se redigir um texto em que os referidos objetivos são explicitados com o intuito de dar conta do tema. Estabelece-se, portanto, a ordem teórica entre tema e objetivos de pesquisa.

2ª OPERAÇÃO Extraposição dos objetivos: Depois que os objetivos foram localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los após a declaração do tema do trabalho.

O QUE PODE SER FEITO: Estabelecida a ordem entre tema e objetivos, é preciso colocá-los em sua devida ordem: tema, depois objetivos.

3ª OPERAÇÃO Localização dos pressupostos teóricos: Todo trabalho científico precisa ser subsidiado por uma orientação teórica, mesmo que seja para ampliá-la, refutá-la ou simplesmente para criar algo novo a partir de uma lacuna existente em outras linhas teóricas. Portanto, após a exposição dos objetivos, faz-se necessário referenciar os pressupostos teóricos que serão utilizados na pesquisa.

ANÁLISE: Segundo o texto escrito no resumo: “*O embasamento teórico consiste em expor a problemática de classificação gramatical dos diminutivos, que para alguns gramáticos trata-se de flexão e para outros é um processo derivacional. Estudos semânticos, estilísticos e morfológicos, concernentes às funções de formação de diminutivos e os valores que podem adquirir, também serviram de fundamentação teórica.*” A simples exposição da

problemática de classificação gramatical dos diminutivos não é um pressuposto teórico, mas sim um procedimento metodológico do trabalho. Quando a aluna diz: “*para alguns gramáticos trata-se de...*”, há um aspecto teórico envolvido que não é explicitado. Em outro trecho: “*Estudos semânticos, estilísticos e morfológicos (...) também serviram de fundamentação teórica*”, a aluna deixa claro que houve uma sustentação teórica para o trabalho. No entanto, ela não afirma a qual linha de pesquisa pertence essa sustentação. Em estudos semânticos, estilísticos e morfológicos, existem argumentações completamente distintas, que podem enveredar a teoria para caminhos opostos.

O QUE PODE SER FEITO: É preciso identificar qual linha de pesquisa será adotada para a análise dos diminutivos presentes na obra de Mauricio de Sousa. Os aspectos semânticos, estilísticos e morfológicos necessitam de um embasamento. Além disso, faz-se necessário verificar quais gramáticos falam sobre flexão e quais falam sobre processo derivacional. Na perspectiva dessa possível divergência, o que será contemplado? Após a linha de pesquisa ser identificada e a questão gramatical de flexão e derivação ser respondida, o texto com os pressupostos teóricos deve ser redigido.

3ª OPERAÇÃO' Extraposição dos pressupostos teóricos: Depois de os pressupostos teóricos localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los após os objetivos da pesquisa.

O QUE PODE SER FEITO: Alocar os pressupostos teóricos logo após os objetivos.

4ª OPERAÇÃO Localização dos procedimentos metodológicos: Os procedimentos metodológicos devem ser redigidos em direta relação com os pressupostos teóricos. Dessa forma, após o produtor do texto dizer qual a linha teórica da pesquisa, é importante revelar quais serão os procedimentos adotados no trabalho a partir da linha teórica exposta anteriormente.

ANÁLISE: A aluna não coloca de forma clara quais são os procedimentos metodológicos do trabalho. Todavia, escreve: “*O embasamento teórico consiste em expor a problemática de classificação gramatical dos diminutivos, que para alguns gramáticos trata-se de flexão e para outros é um processo derivacional.*” Essa afirmação, conforme mencionei

na operação anterior, revela-nos um procedimento metodológico voltado para exposição e comparação da classificação dos diminutivos como flexão ou processo derivacional.

O QUE PODE SER FEITO: Após a aluna, em comum acordo com o professor orientador, entender os procedimentos metodológicos da pesquisa, faz-se necessário colocá-los explicitamente em forma de texto. A intenção é mostrar ao leitor **como** o trabalho de pesquisa vai chegar aos objetivos pretendidos, dentro de um embasamento teórico.

4ª OPERAÇÃO' **Extraposição dos procedimentos metodológicos.** Depois de os procedimentos metodológico localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los em direta relação com os pressupostos teóricos da pesquisa.

O QUE PODE SER FEITO: Alocar os procedimentos metodológicos, no texto do resumo, após os pressupostos teóricos. É fundamental estabelecer uma relação entre pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos, visto que um está diretamente relacionado ao outro.

5ª OPERAÇÃO' **Localização dos resultados alcançados.** Espera-se, em um trabalho científico, que os pesquisadores cheguem a alguma consideração a partir dos resultados alcançados pela pesquisa. Com isso, para terminar o resumo, é fundamental expor de forma sucinta e objetiva quais foram esses resultados.

ANÁLISE: Mais uma vez, os resultados alcançados não foram explicitados no texto do resumo. Porém, a aluna redigiu o seguinte parágrafo: *“O assunto deste trabalho deve ser de interesse tanto para estudiosos da língua, já que poucos estudos acadêmicos abordam esse sufixo tão comum na língua, como para educadores, pois podem mostrar aos alunos a importância, a diversidade e a ampla utilidade do diminutivo, trabalhando com histórias em quadrinhos, que atraem alunos de diversas faixas etárias.”* Para analisar os resumos, faço a leitura diversas vezes. No caso desse trecho, confesso ter lido mais do que o normal. Achei muito interessante a ideia da aluna em escrever que o trabalho dela se destina tanto para estudiosos da língua como para educadores. Percebi a intenção dela em persuadir os dois públicos para a leitura do trabalho sobre os diminutivos. Por mais que esse texto não se encaixe diretamente nas estruturas solicitadas para um resumo de trabalho científico,

considero importante o produtor de um texto pensar em aguçar a curiosidade do leitor. Afinal, o resumo precisa mostrar ao leitor do que se trata o trabalho, mas, também, que ele é interessante e que pode trazer boas contribuições em sua vida profissional.

O QUE PODE SER FEITO: De qualquer forma, a aluna precisa relatar de forma sucinta e breve os resultados obtidos por meio da análise dos diminutivos na obra de Mauricio de Sousa. Não é necessário revelar todas as considerações feitas no trabalho. É preciso mostrar um panorama objetivo sobre as metas atingidas durante o trabalho de pesquisa.

5ª OPERAÇÃO' **Extraposição dos resultados alcançados.** Depois de os resultados alcançados localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los ao final do resumo do trabalho.

O QUE PODE SER FEITO: Alocar os resultados alcançados no final do resumo. Vale salientar que o texto precisa encerrar a tematização da tese. No caso do resumo analisado, a expressividade dos diminutivos na obra de Mauricio de Sousa. O conteúdo do texto dos resultados alcançados é uma forma de encerrar o resumo de forma a aguçar a curiosidade do leitor por meio da tematização e de uma breve citação do que foi desenvolvido no trabalho.

APLICAÇÃO DO DIAGRAMA 2

1ª OPERAÇÃO **ELEMENTOS COESIVOS:** Por meio das operações textuais, o resumo está dividido em algumas partes. Com isso, faz-se necessário identificar e analisar os elementos coesivos. É importante estabelecer critérios para essa coesão.

ANÁLISE: O resumo não faz uso de diversos elementos coesivos. Porém, independentemente da falta de algum item estrutural ou da “confusão teórica” entre tema e objetivos, o texto se apresenta, em linhas gerais, de forma coesa e coerente. Alguns conectores referenciais como “*este*”, “*que*” e “*também*” fazem a função de conexão entre alguns períodos.

O QUE PODE SER FEITO: A principal questão que envolve a coesão do resumo em análise no momento é a reestruturação das partes. Após a correta alocação do tema, objetivos, pressupostos teóricos, procedimentos metodológicos e resultados alcançados, deve-se repensar nas referências e nas conexões que o texto pode estabelecer. É importante a aluna entender que o uso de conectivos por meio de estratégias argumentativas pode melhorar ainda mais a produção de texto do trabalho.

2ª OPERAÇÃO ESCOLHAS LEXICAIS: Em cada segmento de trabalho, é necessário desenvolver um campo lexical voltado para a área em que a pesquisa está inserida.

ANÁLISE: A aluna fez escolhas lexicais interessantes e voltadas à tematização do trabalho de pesquisa: *“Trabalho, expressividade, formação de diminutivos, histórias em quadrinhos, Mauricio de Sousa, embasamento teórico, problemática, classificação gramatical, diminutivos, gramáticos, flexão, processo derivacional, estudos semânticos, estilísticos, morfológicos, formação de diminutivos, fundamentação teórica, corpus, discursos, personagens, diminutivos, trabalho, língua, estudos acadêmicos, sufixo, língua, educadores, alunos, diminutivo, histórias em quadrinhos, alunos.”*

O QUE PODE SER FEITO: Assim como na operação de elementos coesivos, as escolhas lexicais foram interessantes e remeteram o leitor à tematização e ao universo a que o trabalho de pesquisa se destina. A maior necessidade desse resumo, além da questão conceitual entre as partes, é fazer as localizações e extraposições necessárias para a estruturação do texto.

3ª OPERAÇÃO GRAMÁTICA, ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO: Depois de todas as operações concluídas, é o momento de adaptar o texto ao padrão culto da Língua Portuguesa.

Para finalizar um resumo, é preciso deixá-lo completamente adaptado às normas gramaticais e ortográficas da Língua Portuguesa. O procedimento é pontual e deve acontecer como última etapa de reconstrução do texto. Exemplos:

1. Acentuação as paroxítonas terminadas em ditongo crescente.

2. A vírgula foi excluída por se tratar de adjunto adnominal e para evitar o excesso de intercalação.
3. A vírgula foi excluída por se tratar de adjunto adnominal e para evitar o excesso de intercalação.
4. Devido ao verbo “versar” estar no presente do indicativo, “a análise do corpus” é sujeito e não deveria constar a locução prepositiva “quanto a” antes dele.
5. A palavra é latina originalmente. Por esse motivo deve constar em itálico.
6. Orações adverbiais finais de grande porte devem constar separadas por vírgula no final da frase. Não é obrigatório, mas deixa o texto mais claro.
7. Locuções adverbiais de pequeno porte, quando no meio da frase, deverão ser separadas por vírgulas, caso se deseje dar ênfase a elas.
8. As palavras-chave, de acordo com a ABNT, devem constar separadas por ponto e vírgula e iniciadas por minúsculas.

RESUMO 5 - GRUPO 5 – FACULDADE DE TECNOLOGIA

A Internet gera hoje um grande volume de dados dispersos em inúmeros sites com diferentes formatos de apresentação, uma sobrecarga de opções, que torna desagradável a experiência de pesquisar informações necessárias sobre um determinado assunto. É preciso ter habilidade para lidar com a quantidade de informação recebida a cada instante, selecionando-as para reunir o melhor material relativo a uma pesquisa em meio a fontes muitas vezes superficiais. Além disso, na busca por produtos e serviços, as pessoas tendem a confiar mais em relatos de experiências de outras pessoas que os utilizaram, do que no discurso das instituições que os oferecem, através de informativos publicitários.

No universo do turismo, esses problemas se potencializam, uma vez que os usuários precisam pesquisar informações diversas como passeios, hospedagem, alimentação e traslado, além do custo de tudo isso. As viagens de lazer demandam maior esforço em pesquisa, pois geralmente envolvem a criação de um roteiro para que haja melhor aproveitamento do período e dos recursos do local de visitação. Além disso, a realização de um viagem de lazer está altamente relacionada a busca de novas experiências a serem vivenciadas, que devem sempre ser positivas aos moldes do indivíduo. O planejamento dessa realização pessoal acontece ainda longe do local de destino da viagem, diminuindo logo de início as chances de que a experiência seja positiva em sua totalidade. Confiar nas informações de quem visa vender os serviços, e que conseqüentemente produz uma imagem ideal a respeito dele com

fotos produzidas e relatos encantadores, é de fato mais arriscado do que confiar naqueles que utilizaram o serviço, tiraram suas próprias fotos e relataram com sinceridade os pontos positivos e negativos de sua experiência.

O "Quem vai? Quem leva?" é um projeto de conclusão de curso que nasceu dessa dificuldade em encontrar informações específicas sobre um determinado destino, relatos sobre experiências reais e a avaliação de serviços oferecidos.

O objetivo desse projeto é criar uma rede social colaborativa que concentre todas as informações pertinentes ao universo turístico, com base no compartilhamento das experiências dos membros da rede. Visa em primeiro plano o reconhecimento e recuperação fáceis de informações qualificadas da base de dados e o incentivo à interação dos membros, através de recursos facilitadores como uma ferramenta de elaboração de roteiros de viagem. Em segundo plano e de forma mais ousada, visa aumentar a qualidade dos serviços turísticos, que serão constantemente avaliados, proporcionando inclusive a criação de pacotes direcionados que podem ser desenvolvidos pelas agências de viagem com base nos desejos de seus clientes em potencial. O site irá centralizar todos os dados importantes para o planejamento de uma viagem ideal, sem a necessidade de realizar inúmeras consultas em diferentes sites, através de buscadores, sem um resultado eficiente.

APLICAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS NO RESUMO 5

1ª OPERAÇÃO – **Localização do tema.** Um resumo científico deve começar pela apresentação do tema. Com a apresentação do tema, o produtor do texto situa o leitor e, por meio desse vínculo, ele já inicia a construção da aceitabilidade.

ANÁLISE: Esse resumo que acabamos de ler é muito interessante. A percepção do tema do trabalho somente acontece após 26 (vinte e seis linhas). O produtor do texto fez uma espécie de “suspense” para introduzir a declaração do tema da pesquisa. Em um jargão do jornalismo, posso afirmar que ele fez um nariz-de-cera, ou seja, um texto que não vai direto ao ponto e faz uma breve introdução sem revelar exatamente do que se trata. Foram 26 linhas de um texto que apenas mostra ao leitor que a divulgação de informações na Internet é algo sobrecarregado de opções e que a área de turismo sofre com isso, na medida em que os compradores de pacotes de viagem confiam mais em indicações do que na informação de sites especializados. Não considero esse texto – estilo nariz-de-cera – ruim. Está apenas fora de

contexto. Talvez, possa servir para a introdução do trabalho ou para o início do primeiro capítulo. Para um resumo, fica extenso e perde o caráter de informatividade e precisão do resumo.

Observação: Por meio desse resumo, considero as operações de reconstrução textual uma ótima “fórmula” para qualquer produtor de um texto entender, na prática, o que é contexto de produção, pragmática textual e fatores de textualidade. Tudo deixa de ser teoria e passa a ser prática de produção e reconstrução de texto. Não é para o grupo que fez o “nariz-de-cera” jogar a produção fora. Eles apenas precisam colocá-la em um ponto mais contextualizado do trabalho, que não o resumo. Acredito que, por meio das operações, essa explicação torna-se algo compreensível.

Sobre especificamente o tema, o grupo de tecnologia fez uma confusão teórica e acabou chamando de objetivos o que é tema: *“O objetivo desse projeto é criar uma rede social colaborativa que concentre todas as informações pertinentes ao universo turístico, com base no compartilhamento das experiências dos membros da rede.”* Criar uma rede social pode ser um objetivo do grupo quando pensou “o que vamos fazer”? Porém, não é o objetivo científico do projeto. De acordo com o que está escrito no texto, o tema do trabalho é o estudo ou criação de uma rede social colaborativa na área de turismo. Essa consideração que acabei de fazer fica ainda mais evidente quando o grupo, nas linhas abaixo, afirma quais são os objetivos da criação dessa rede social: *“Visa em primeiro plano o reconhecimento e recuperação fáceis de informações qualificadas da base de dados e o incentivo à interação dos membros, através de recursos facilitadores como uma ferramenta de elaboração de roteiros de viagem. Em segundo plano e de forma mais ousada, visa aumentar a qualidade dos serviços turísticos, que serão constantemente avaliados, proporcionando inclusive a criação de pacotes direcionados que podem ser desenvolvidos pelas agências de viagem com base nos desejos de seus clientes em potencial.”* Os objetivos serão analisados na próxima operação. Fiz questão de colocá-los nessa análise para asseverar que o grupo possui outros objetivos científicos, que não o de criar um rede social.

O QUE PODE SER FEITO: Primeiramente, a declaração do tema precisa ser redigida a partir do que analisei acima. É fundamental deixar claro ao grupo a diferença entre tema e objetivos científicos do trabalho de conclusão de curso. A “confusão” ocorre por conta de o grupo não entender que o tema é aquilo que será desenvolvido; e objetivos são as ações que serão desenvolvidas para dar conta do tema.

1ª OPERAÇÃO' – **Extraposição do tema:** Depois de o tema ser localizado, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocar o tema no início do texto para situar o leitor.

O QUE PODE SER FEITO: Após a redação do tema, é preciso deixá-lo no início do texto, como primeiro parágrafo. De qualquer forma, mesmo com a confusão teórica entre tema e objetivos e o nariz-de-cera, o grupo redigiu o conteúdo do tema da pesquisa, antes dos objetivos, dos pressupostos e dos procedimentos.

2ª OPERAÇÃO **Localização dos objetivos.** Após a exposição do tema, o resumo precisa delimitar seus objetivos. A intenção é mostrar ao leitor o que o tema do trabalho pretende executar durante o decorrer da pesquisa.

ANÁLISE: O grupo declara quais são os objetivos no seguinte trecho do resumo: *“Visa em primeiro plano o reconhecimento e recuperação fáceis de informações qualificadas da base de dados e o incentivo à interação dos membros, através de recursos facilitadores como uma ferramenta de elaboração de roteiros de viagem. Em segundo plano e de forma mais ousada, visa aumentar a qualidade dos serviços turísticos, que serão constantemente avaliados, proporcionando inclusive a criação de pacotes direcionados que podem ser desenvolvidos pelas agências de viagem com base nos desejos de seus clientes em potencial.”* Há alguns ajustes para serem feitos na produção do texto e na ideia que pretende ser colocada como objetivos científicos do trabalho.

O QUE PODE SER FEITO: Por meio do texto, entendo que os objetivos são: *reconhecer e recuperar informações de uma base de dados para dar suporte à rede social; aumentar os serviços turísticos por meio da rede social; criar pacotes direcionados para as agências de turismo atuarem na rede social.* De uma forma global, o trabalho pretende, por meio da rede social, facilitar o contato entre turistas e agências dentro do mercado de turismo no Brasil.

2ª OPERAÇÃO **Extraposição dos objetivos:** Depois que os objetivos foram localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los após a declaração do tema do trabalho.

O QUE PODE SER FEITO: Os objetivos do trabalho precisam vir logo após o tema. Afinal, como disse na análise da operação anterior, o tema é aquilo que será tratado pelo grupo; os objetivos são as ações que serão desenvolvidas para dar conta do tema. Por mais que sejam duas partes bem estruturadas do texto, elas precisam de uma interação para criar unidade de sentido.

3ª OPERAÇÃO Localização dos pressupostos teóricos: Todo trabalho científico precisa ser subsidiado por uma orientação teórica, mesmo que seja para ampliá-la, refutá-la ou simplesmente para criar algo novo a partir de uma lacuna existente em outras linhas teóricas. Portanto, após a exposição dos objetivos, faz-se necessário referenciar os pressupostos teóricos que serão utilizados na pesquisa.

ANÁLISE: Em momento algum do trabalho, o grupo explicita quais são os pressupostos teóricos que envolvem a criação da rede social em questão. Não há qualquer referência a autores ou a linhas de pesquisa que versam sobre o tema. Em um trecho do resumo, o grupo afirma: *“O "Quem vai? Quem leva?" é um projeto de conclusão de curso que nasceu dessa dificuldade em encontrar informações específicas sobre um determinado destino, relatos sobre experiências reais e a avaliação de serviços oferecidos.* Esse excerto do resumo pode dar uma pista sobre qual foi o embasamento do grupo para projetar o trabalho, ou seja, nos relatos e experiências reais dos usuários. Mesmo assim, não existe qualquer menção a uma linha teórica que possa embasar a criação dessa rede social de turismo. Em uma rápida pesquisa na Internet – em livrarias e bibliotecas – encontro diversas obras que falam sobre a criação, a manutenção e as estratégias de funcionamento da redes sociais. Obviamente, dentro da instituição, os professores podem dar boas referências para a fundamentação teórica do trabalho.

3ª OPERAÇÃO' Extraposição dos pressupostos teóricos: Depois de os pressupostos teóricos localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los após os objetivos da pesquisa.

O QUE PODE SER FEITO: Após a redação do texto sobre a fundamentação teórica do trabalho, é preciso alocá-lo na seqüência dos objetivos do trabalho.

4ª OPERAÇÃO **Localização dos procedimentos metodológicos:** Os procedimentos metodológicos devem ser redigidos em direta relação com os pressupostos teóricos. Dessa forma, após o produtor do texto dizer qual a linha teórica da pesquisa, é importante revelar quais serão os procedimentos adotados no trabalho a partir da linha teórica exposta anteriormente.

ANÁLISE: Por meio de uma leitura detalhada do resumo, entendo que há uma confusão entre os procedimentos que serão adotados para a criação do site e os procedimentos metodológicos que serão adotados para fazer o trabalho científico: *“Visa em primeiro plano o reconhecimento e recuperação fáceis de informações qualificadas da base de dados e o incentivo à interação dos membros, **através de recursos facilitadores como uma ferramenta de elaboração de roteiros de viagem** (...) visa aumentar a qualidade dos serviços turísticos, que serão constantemente avaliados, proporcionando inclusive a **criação de pacotes direcionados** que podem ser desenvolvidos pelas agencias de viagem com base nos desejos de seus clientes em potencial. **O site irá centralizar todos os dados importantes para o planejamento de uma viagem ideal, sem a necessidade de realizar inúmeras consultas em diferentes sites, através de buscadores, sem um resultado eficiente.***

Note que o grupo faz menção a alguns procedimentos específicos da rede social e não de **como** eles fizeram metodologicamente para chegar a essas considerações.

O QUE PODE SER FEITO: Em primeiro lugar, o grupo precisa descrever quais foram os procedimentos metodológicos, do ponto de vista científico, que os fizeram chegar nas considerações expostas no resumo. Foram feitas pesquisas? Qualitativas? Quantitativas? As análises dos resultado foram feitas de que forma? Como o mercado de turismo foi considerado no trabalho? A partir da linha teórica, como a rede social será desenvolvida? São estas e outras perguntas que precisam ser respondidas para o grupo chegar aos procedimentos metodológicos do trabalho. Após elencar os procedimentos, o grupo precisa redigir um parágrafo que explique ao leitor o que e como tudo foi desenvolvido no TCC.

4ª OPERAÇÃO' **Extraposição dos procedimentos metodológicos.** Depois de os procedimentos metodológico localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los em direta relação com os pressupostos teóricos da pesquisa.

O QUE PODE SER FEITO: Os procedimentos metodológicos precisam ser alocado logo após os pressupostos teóricos do trabalho. Conforme mencionei acima, o grupo precisa expor ao leitor **como** desenvolveu a linha teórica da pesquisa.

5ª OPERAÇÃO **Localização dos resultados alcançados.** Espera-se, em um trabalho científico, que os pesquisadores cheguem a alguma consideração a partir dos resultados alcançados pela pesquisa. Com isso, para terminar o resumo, é fundamental expor de forma sucinta e objetiva quais foram esses resultados.

ANÁLISE: Não há qualquer parte do texto que revele quais foram os resultados alcançados com o trabalho de pesquisa do TCC.

O QUE PODE SER FEITO: Em um tema que envolve a criação de uma rede social – tema que suscita interesse do grande público na atualidade – o grupo poderia descrever de forma breve e objetiva quais foram os resultados obtidos com o desenvolvimento dessa ferramenta. Sem dúvida, em relação ao grau de informatividade, o grupo poderia conseguir excelentes resultados argumentativos.

5ª OPERAÇÃO' **Extraposição dos resultados alcançados.** Depois de os resultados alcançados localizados, é o momento de fazer a devida extraposição, isto é, alocá-los ao final do resumo do trabalho.

O QUE PODE SER FEITO: Conforme citei em todos os resumos, os resultados alcançados devem ficar como último item estrutural do resumo, no final do texto.

APLICAÇÃO DO DIAGRAMA 2

1ª OPERAÇÃO **ELEMENTOS COESIVOS:** Por meio das operações textuais, o resumo está dividido em algumas partes. Com isso, faz-se necessário identificar e analisar os elementos coesivos. É importante estabelecer critérios para essa coesão.

ANÁLISE: O grupo trabalha algumas referências e recuperações interessantes. A primeira referência que vou analisar nessa operação é o seguinte trecho do texto: “*dessa*

dificuldade em encontrar informações específicas sobre um determinado destino...” Por mais que a referência seja aos parágrafos do texto que fazem o “nariz-de-cera”, esse elemento coesivo denota uma continuidade no texto em relação ao início e à origem do trabalho. Outro ponto coesivo interessante é a questão da divisão em dois planos de objetivos: “*Visa em primeiro plano o reconhecimento e recuperação fáceis de informações qualificadas da base de dados e o incentivo à interação dos membros, através de recursos facilitadores como uma ferramenta de elaboração de roteiros de viagem. Em segundo plano e de forma mais ousada, visa aumentar a qualidade dos serviços turísticos, que serão constantemente avaliados...*” Independentemente das correções feitas no conteúdo do texto, é preciso valorizar aspectos textuais bem produzidos pelos alunos.

O QUE PODE SER FEITO: No caso desse grupo, há a necessidade de reescrever algumas estruturas do trabalho. Portanto, após a atividade de reelaborar o conteúdo, o grupo deve continuar levando em consideração, conforme fez em alguns pontos do resumo, os elementos coesivos. A intenção maior é gerar unidade entre as partes.

2ª OPERAÇÃO ESCOLHAS LEXICAIS: Em cada segmento de trabalho, é necessário desenvolver um campo lexical voltado para a área em que a pesquisa está inserida.

ANÁLISE: O grupo fez excelentes escolhas lexicais, tais como: “*projeto de conclusão de curso, informações, serviços oferecidos, rede social colaborativa, universo turístico, compartilhamento, membros da rede, base de dados, interação, recursos, ferramenta, roteiros de viagem, serviços turísticos, pacotes direcionados, agências de viagem, clientes em potencial, site, dados, planejamento, viagem ideal, consultas, buscadores, resultado, eficiente.*” O grupo conseguiu focar as escolhas lexicais nos dois “universos” de trabalho: Internet e Turismo.

O QUE PODE SER FEITO: O grupo precisa manter o critérios de escolhas lexicais e expandi-lo de acordo com a reescrita dos conteúdo analisados até aqui nas estruturas de tema, objetivos, pressupostos teóricos, procedimentos metodológicos e resultados alcançados.

3ª OPERAÇÃO GRAMÁTICA, ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO: Depois de todas as operações concluídas, é o momento de adaptar o texto ao padrão culto da Língua Portuguesa.

Para finalizar resumo, é preciso deixá-lo completamente adaptado às normas gramaticais e ortográficas da Língua Portuguesa. Esse procedimento é pontual e deve acontecer como última etapa de reconstrução do texto. Exemplos:

1. Retirou-se a vírgula por se tratar de um complemento.
2. Como não se trata apenas de informativos virtuais, o correto é utilizar o termo “por meio de” e não “através de”
3. O termo “translado” consta no dicionário como pouco usado. O corrente é “traslado”.
4. Erro de digitação.
5. Regência nominal. Precisa-se da preposição “a”.
6. “Novas experiências a serem vivenciadas” é redundante.
7. “Novas experiências a serem vivenciadas” é redundante.
8. O sujeito é o mesmo, não se separa por vírgula.
9. Não se separa o sujeito do predicado por vírgula, mesmo sendo uma oração substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.
10. Utilizado em sentido amplo, não abarca somente os recursos virtuais, por isso excluído “através de”
11. Toda paroxítona terminada em ditongo crescente deve ser acentuada.
12. “Clientes em potencial” é um vício de linguagem. O correto é “clientes potenciais”, adjetivado.

UM BREVE RELATO SOBRE AS ANÁLISES

Fiz a leitura de mais de cinquenta resumos. Selecionei cinco que considerei interessantes em determinados aspectos. Depois da análise, pensei qual poderia ter incluído, qual poderia ter excluído. Porém, acredito que a análise deu conta dos objetivos da pesquisa. No próximo item, farei as considerações finais do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um texto não deve, de forma alguma, ser visto como uma unidade gramatical, mas como uma unidade de outra espécie: uma unidade semântica. Sua unidade é uma unidade de sentido em contexto, uma textura que exprime o fato de que, ao formar um todo, ele está ligado ao meio no qual encontra-se situado. K.Halliday e R. Hasan (1976, p.293)

Comecei o texto de minhas considerações finais da mesma forma que iniciei a introdução deste trabalho, ou seja, com a epígrafe de Halliday e Hasan sobre a unidade textual ser uma unidade de sentido em contexto. Isto resume, de forma simples e direta, todo o desenvolvimento da tese.

A pesquisa deste doutoramento teve por tema um estudo de procedimentos de revisão textual e de retextualização, tomados por base, para além dos critérios gramaticais, os fatores de textualidade e pragmaticidade, em busca de rearticulações operacionais de reconstrução do texto. Por meio dessa tematização, criei as operações de reconstrução textual.

Para colocar em prática as operações, escolhi os resumos de monografias de conclusão de curso. Eles me permitiram identificar itens que apresentam os procedimentos metodológicos de revisão textual e, também, fazer uma proposta de operações de reconstrução textual que auxilia a revisão de texto, por meio da textualidade.

A tese partiu do pressuposto de que um texto somente é um texto à medida que forma uma unidade significativa dentro de um determinado contexto. Não é possível falar de coerência e coesão, como está em voga na lingüística, quando não se enumera critérios que possam auxiliar o produtor de um texto no processo de reconstrução. Apenas consigo reconstruir um texto levando em conta aspectos além dos gramaticais, à medida que eu consigo elencar e operacionalizar quais procedimentos são necessários para realizar este trabalho.

O processo que chamei de reconstrução textual está diretamente relacionado com o que o professor Luiz Antônio Marchuschi denominou por retextualização. O lingüista considerou as combinações que podem existir como retextualização da seguinte forma: a primeira é a da fala (entrevista oral) para a escrita (entrevista impressa); a segunda é a da fala (conferência) para a fala (tradução simultânea); a terceira é a da escrita (texto escrito) para a fala (exposição oral); e a quarta é a da escrita (texto escrito) para a escrita (resumo escrito).

Em minha experiência docente, deparei-me com “situações textuais” destacadas neste trabalho. Separei a situação do aluno “Alex”. Ele escreveu um texto bastante comentado durante a tese. A intenção principal foi entender como eu poderia fazer para ajudá-lo a

reconstruir o texto. Era impossível fazer uma simples correção gramatical e, fora desta perspectiva, não encontrei nada que sistematizasse o processo de revisão e correção, principalmente quando eu me deparava com situações extremas, como era o caso.

Entendo que a tese deixou lacunas para serem estudadas; deixou pontos a serem avançados, mas, fundamentalmente, conseguiu dar conta dos objetivos propostos, isto é, criar uma série de operações de reconstrução textual.

A estruturação dos resumos em suas devidas “partes” deu a mim a certeza de que esse procedimento pode ser estendido facilmente a qualquer gênero textual. Afinal, a organização do pensamento pressupõe uma ordem combinatória para a produção de sentido. Deixa-me extremamente satisfeito perceber que o caminho apenas começou. Ainda há muito para avançar quanto à sistematização de procedimentos de reconstrução textual. Contudo, o primeiro passo foi dado.

A textualidade, proposta por Baugrande e Dressler e entendida nos resumos mais especificamente por meio do fator de informatividade, foi fundamental para entender o texto em seu aspecto mais e amplo e contextual. Da mesma forma ocorreu com os processos de retextualização propostos pelo professor Marcuschi. A união dessas duas linhas teóricas formaram a tese das operações de reconstrução textual por meio das estruturas contextuais e discursivas.

Adaptar um texto ao seu gênero é muito mais do que simplesmente colocá-lo em estruturas rígidas para determinar o que deve ou não ser escrito. A adaptação ao gênero bem analisada e contextualizada propicia ao produtor do texto uma forma única de integração e formação da unidade de sentido em contexto.

Para atingir os objetivos reais da comunicação escrita, o produtor (redator) de um texto precisa refletir sobre um leitor competente e crítico, inserido em um determinado contexto lingüístico e situacional. Ao considerar a revisão como uma atividade de retextualização, operações de diferentes instâncias concorrem para a realização desse exercício: gramatical, textual, discursiva e pragmática. Elas operam exclusiva e inclusivamente, em um esquema de integração fractal das unidades de sentido, sem que se possa perder de vista o todo.

A minha proposta foi refletir sobre o processo de retextualização por meio de teorias lingüísticas e práticas de correção e revisão. Procurei fazer deste trabalho uma tese, e não apenas uma dissertação sobre teorias já existentes. Entendo que na obtenção do grau de doutor é necessário colocar a opinião de forma embasada, objetiva e desafiadora.

No que diz respeito ao embasamento, contei, basicamente, com Baugrade e Dressler – textualidade – e Luiz Antônio Marcuschi – processo de retextualização. Sobre a objetividade, procurei, desde o início, postular minhas impressões sobre os processos de correção e revisão textual. Em relação ao lado desafiador, em comum acordo com meu orientador, defendi a sistematização da reconstrução textual por meio de operações que pudessem contextualizar, ao máximo, o texto e a produção de sentido dele oriunda.

Enfim, do ponto de vista acadêmico, entendo que a tese cumpriu e deu conta de seus objetivos. Do ponto de vista pessoal, confirmo aqui minha extrema satisfação em ter desenvolvido este trabalho. Foi apenas um primeiro passo de uma descoberta que ainda possui vida longa. Afinal,

um texto não deve, de forma alguma, ser visto como uma unidade gramatical, mas como uma unidade de outra espécie: uma unidade semântica. Sua unidade é uma unidade de sentido em contexto, uma textura que exprime o fato de que, ao formar um todo, ele está ligado ao meio no qual encontra-se situado. (K.Halliday e R. Hasan, 1976, p.293)

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. *A Linguística Textual: uma introdução à análise textual dos discursos*. Revisão Técnica Luis Passegi, João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BEAUGRANDE e DRESSLER. *Introduction to Text Linguistic*. Londres: Logman, 1983.
- BAZERMAN, Charles. *Gêneros Textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Editora Cortez, 2006.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BLIKSTEIN, Isidoro. *Técnicas de Comunicação Escrita*. 22ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- COMBETTES, Bernard. *Questions de méthode et de contenu en linguistique du texte. Études de linguistique appliquée*. Paris, Didier, n.87, 1992, p. 107-116.
- COSTA, José Maria da. *Revisão de Português – Para Concursos e Aperfeiçoamento Profissional*. Campinas, SP: Millennium, 2005.
- COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e Textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DISCINI, Norma. *O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- CULIOLI, Antoine. *Préface à F. Atlani et al. La Langue au ras du texte*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1984, p. 9-12.
- ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Izabel Magalhães, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e Coerência Textuais*. 11ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- FÁVERO, Leonor Lopes e KOCH, Ingedore Vilaça. *Linguística textual: Introdução*. São Paulo: Cortez, 1983.
- FOLHA DE SÃO PAULO. *Manual da redação*. São Paulo: Publifolha, 2006.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em Prosa Moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*, 25ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqaiya, 1976. *Cohesion in English*. 15ªed. Londres, New York: Longman, 1997.

- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo. Cultrix, 2005.
- KHUN, Thomas S. *A estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KRISTEVA, Julia. *História da Linguagem*. São Paulo: Edições 70, 1999.
- LEITE, Marli Quadros. *Resumo: Coleção aprenda a fazer*. 1ª ed. São Paulo: Paulistana, 2006.
- LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LIMA, Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 45ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- LUCKESI, Cipriano. *Avaliação da aprendizagem escolar*. 16ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MALTA, Luiz Roberto. *Manual do Revisor*. São Paulo: Madras Editora, 2000.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da Fala para a Escrita – Atividades de Retextualização*. São Paulo: Cortez, 2007.
- MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- OLLER, J.W. *On the Relation between Syntax, Semantics, and Pragmatics*. *Linguistics* 83, 43-55, 1972.
- PÉCORRA, Alcir. *Problemas de Redação*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 24ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002.
- SILVA NETO, Serafim da. *Capítulos da História da Língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Presença, 1986.
- STIERLE, Karlheinz. *Identité Du discours et transgression lyrique*. *Poétique*, n.32. Paris: Ed. Du Seuil, 1977, p. 422-441.
- THEREZO, Graciema. *Como corrigir redação*. 3 ed. Campinas: Alínea, 1999.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação: uma proposta para ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- VILELA, Mário. e KOCH, Ingedore Vilaça. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Almedina, 2001.

WHITE, Hyden. *Trópicos do Discurso. –Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

ANEXOS

Anexo 1 - Pratcomunicar

Resumo

Os alunos José Aldo, Michele Silva, Elton Hélio e Priscilla Lira formaram a agência Pratcomunicar no sexto semestre do curso de comunicação social com habilitação em publicidade e propaganda na Faculdade das Américas. Mais tarde, no sétimo semestre, Suzana Queiroz completou a agência, vinda da Brava Comunicação.

A Pratcomunicar desenvolveu este projeto experimental tendo como material de estudo o Espaço Unibanco de Cinema Augusta, empresa que atua no mercado de exibições cinematográficas. Para a realização deste projeto, foi usado como base o mercado de entretenimento da cidade de São Paulo e informações ofertadas por profissionais da empresa estudada e seus prestadores de serviço. Essas informações levaram a uma análise de macro e microambiente da empresa, e uma proposta de pesquisa para detectar o perfil do target trabalhado.

Anexo 2 – Ritmus

RESUMO

Iniciamos o Projeto Experimental no 7º semestre da graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, embasados nos conhecimentos adquiridos no decorrer do curso, desenvolvemos o projeto com a finalidade de criar uma campanha publicitária e apresentar ao nosso cliente um diagnóstico de sua situação atual e orientá-lo em suas tomadas de decisão quanto às melhores estratégias a serem implementadas para atingir seu público-alvo. Nosso Job tem como finalidade conhecer o mercado de entretenimento noturno de São Paulo (casas noturnas/discotecas/danceterias) identificar quem são os consumidores desse mercado, quais são seus hábitos e preferências e, com isso, direcionar o Clube Vegas da melhor maneira possível dentro desse mercado.

Palavras-chave: Diagnóstico; campanha publicitária; público-alvo; Vegas Club.

Anexo 3 – BÍVIA (sem capa, contra capa e resumo)

Anexo 4 – CComunic!

RESUMO

Este é um projeto experimental, realizado para conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. Neste trabalho, realizamos a criação de uma agência de publicidade a qual demos o nome de C! Comunic. Criamos uma marca para essa agência, definindo um conceito e uma logomarca que possa marcar presença no mercado publicitário e concluímos sua aplicação na realização do Manual de Identidade Visual. Nosso cliente é o Zappi Lounge Bar e neste projeto está o briefing do cliente, o planejamento estratégico, o diagnóstico e o plano de pesquisa para identificarmos o problema do cliente e começarmos o plano de comunicação a ser desenvolvido.

Anexo 5 – China in Box

RESUMO

O presente projeto tem o objetivo de desenvolver um aplicativo da franquia China in Box para iPhone, no qual será possível pedir comida chinesa em qualquer lugar e qualquer hora, através de uma interface intuitiva, que seja funcional nos mais diversos contextos de uso de um celular. Este projeto é embasado em pesquisas mercadológicas, análises de fatores econômicos, tecnológicos e comportamentais, para determinar sua relevância e preencher uma lacuna ainda pouco explorada no mercado brasileiro.

Palavras-chave: apps; iphone; delivery; fast-food

Anexo 6 – Grasiela

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar a expressividade da formação de diminutivos nas histórias em quadrinhos de Mauricio de Sousa. O embasamento teórico consiste em expor a problemática de classificação gramatical dos diminutivos, que para alguns gramáticos trata-se de flexão e para outros é um processo derivacional. Estudos semânticos, estilísticos e morfológicos, concernentes às funções de formação de diminutivos e os valores que podem

adquirir, também serviram de fundamentação teórica. Quanto à análise do corpus, ela versa por analisar discursos das personagens em que ocorrem diminutivos a fim de verificar na prática as funções e os diversos valores que um termo diminutivo pode assumir. O assunto deste trabalho deve ser de interesse tanto para estudiosos da língua, já que poucos estudos acadêmicos abordam esse sufixo tão comum na língua, como para educadores, pois podem mostrar aos alunos a importância, a diversidade e a ampla utilidade do diminutivo, trabalhando com histórias em quadrinhos, que atraem alunos de diversas faixas etárias.

Palavras-chave: Diminutivos. Flexão. Derivação. Expressividade. Histórias em quadrinhos.

Anexo 7 – Joy

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo desenvolver uma análise de mercado e posteriormente criar uma campanha publicitária com base nos estudos adquiridos no decorrer do curso. Junto ao nosso cliente, Grêmio Recreativo Cultural Gaviões da Fiel, nós da agência JOY Comunica iremos elaborar um projeto que possa melhorar a imagem de nosso cliente perante a sociedade e os meios de comunicação. Este projeto tem como princípio entender as necessidades do cliente, desenvolvidas com base em pesquisas de campo, coleta de informações com o cliente e estudo geral de todo o mercado abrangente. Para tanto, o trabalho será dividido em capítulos em que serão expostos o Manual de Identidade da Agência, Planejamento de Marketing e Comunicação, Criação e Mídia.

Palavras-chave: Publicidade e Propaganda, Imagem, Gaviões da Fiel, Mercado, Campanha.

Anexo 8 – Pocan

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar ao leitor a agência Pocan, juntamente com o seu manual de identidade, além do planejamento de marketing de uma ONG que atua na adoção de animais abandonados. Para a coleta de dados, foi realizada inúmeras pesquisas para conhecer o perfil do mercado e dos seus consumidores. Com os resultados obtidos, será possível apresentar como se encontra o cliente no cenário atual, seus obstáculos e quais são os seus principais desafios a serem superados para se destacar no mercado atualmente.

Anexo 9 – Publicidelic

RESUMO

Neste trabalho mostraremos todo o processo de lançamento e criação da agência Publicidelic publicidade e propaganda. A agência desenvolverá uma campanha de comunicação para a Goldfarb analisando empírico e teoricamente as melhores estratégias para alcançar os objetivos esperados de forma criativa e inovadora, utilizando as técnicas e teorias estudadas no decorrer do curso e a criatividade de nossa equipe.

Anexo 10 – So Fast

RESUMO

A agência So Fast Comunicação aborda neste trabalho a apresentação da equipe, o briefing do cliente Girafa Comércio Eletrônico e o planejamento estratégico de marketing. Com pesquisas sobre o ambiente e mercado de e-commerce, desenvolvimento sobre o perfil do consumidor e análise das organizações concorrentes pudemos desenvolver a análise swot com os pontos fortes e fracos da empresa e os fatores influenciadores externos, além de traçarmos o plano de pesquisa que será aplicada.

Palavras-chave: 1 e-commerce; 2 mercado; 3 Girafa; 4 produto; 5 comércio eletrônico

Anexo 11 – Syn

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido para um projeto experimental de comunicação social, ara a criação de uma agência, e também sobre o conteúdo e seu material de identidade visual, assim, podendo exercer o planejamento de uma campanha publicitária para um cliente real. O cliente escolhido atua no segmento de e-commerce, venda de veículos pesados e acessórios, a COMPANY TRACTOR DO BRASIL. E para a realização desse projeto foi necessário conhecer melhor o mercado e a atividade do cliente, efetuando pesquisas, estudando as influências ambientais de marketing e seus resultados.

Palavras-chaves: Comunicação Social, campanha publicitária e marketing.

Anexo 12 – Karina Unibero (não está nos arquivos)

Anexo 13 – Joker (sem resumo)

Anexo 14 – Pluri (sem resumo)

Anexo 15 – Faculdade Impacta de Tecnologia

RESUMO

Apresentar de modo conciso o conteúdo do texto, usar o texto todo do trabalho em 1ª pessoa (nós)

Palavras-Chave: